

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA ESCOLAR E DO DESENVOLVIMENTO
HUMANO

ANA LAURA RIBEIRO AZEVEDO

**Interlocuções entre Sándor Ferenczi e Otto Rank: uma ampliação dos
recursos teórico-metodológicos da psicanálise**

São Paulo
2024

ANA LAURA RIBEIRO AZEVEDO

Interlocuções entre Sándor Ferenczi e Otto Rank: uma ampliação dos recursos teórico-metodológicos da psicanálise

Versão Corrigida

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade São Paulo para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano.

Orientadora: Profa. Titular Ana Maria Loffredo.

São Paulo
2024

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO,
PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Ribeiro Azevedo, Ana Laura

Interlocuções entre Sándor Ferenczi e Otto Rank: uma ampliação dos recursos teórico-metodológicos da psicanálise / Ana Laura Ribeiro Azevedo; orientadora Ana Maria Loffredo. -- São Paulo, 2024.

165 f.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2024.

1. Psicanálise. 2. História da Psicanálise. 3. Ferenczi, Sándor, 1873-1933. 4. Rank, Otto, 1884-1939. I. Loffredo, Ana Maria, orient. II. Título.

Nome: Azevedo, Ana Laura Ribeiro

Título: Interlocuções entre Sándor Ferenczi e Otto Rank: uma ampliação dos recursos teórico-metodológicos da psicanálise.

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade São Paulo para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Aprovado em: 17/05/2024

Assinatura orientadora:  _____

Banca Examinadora

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

AGRADECIMENTOS

À Profª. Dra. Ana Loffredo, que despertou meu amor pela pesquisa em psicanálise, e vem guiando meus passos no mundo acadêmico, com muito cuidado e afeto, desde a Iniciação Científica.

Aos Professores Dr. Daniel Kupermann e Dr. Érico Campos, pelas valiosas contribuições e direcionamentos no exame de qualificação. E à Professora Adriana Barbosa Pereira que, assim como o Professor Érico, trouxe belíssimos comentários e instigantes provocações na banca de defesa dessa dissertação.

Aos colegas do grupo de orientação, Eduardo Zaidan, Elisa Penna Bernal, Lucas Hangai Signorini, Maria Beatriz Bueno Domingues e Natália Calejuri, pelas trocas sempre generosas.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento que possibilitou a dedicação a essa pesquisa.

Aos meus pais, Adriana e Antônio, pelo imenso amor, e pelo estímulo a continuar estudando e me aprimorando. Essa conquista também pertence a vocês.

À minha irmã Camila, minha maior torcedora e incentivadora. Obrigada por todo o apoio e parceria, e por nunca esconder o orgulho que sente de mim. E ao meu cunhado Victor, pelo carinho.

A todos os outros familiares que, de alguma forma, vibraram com essa etapa da minha trajetória.

Aos queridos amigos e amigas de São Roque, por nunca me deixarem esquecer das minhas origens e por me proporcionarem um espaço onde eu consigo ser minha versão mais autêntica. À Julia, pela amizade de uma vida toda.

Aos amigos e amigas que trago da graduação para a vida (alô, alô), pelos encontros sempre tão calorosos e pelas trocas sempre tão ricas. Em especial à Cata e ao Tomaz, por sempre se fazerem presentes e interessados.

Ao Caio, Claudio, Luna, Marcela, Renato e Vitinho, amigos os quais a vida me presenteou mais recentemente, por terem me proporcionado inúmeros momentos de diversão, aconchego e respiro ao longo desses anos de mestrado.

À Gabriela, pela escuta sempre sensível.

Aos meus pacientes, pela confiança, e por me estimularem a ampliar os meus próprios horizontes como psicanalista.

Por fim, guardo o agradecimento mais especial ao Vitor. Obrigada por não me dar nada além de amor, compreensão, incentivo, carinho, segurança e boas risadas ao longo de todo esse processo. Sem você, a vida seria muito mais sem graça.

*Por que sou levada a escrever? Porque não tenho escolha
Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para
reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me
tornar mais íntima comigo mesma e consigo.*

Gloria Anzaldúa, 1981

RESUMO

Azevedo, A. L. R. (2024). *Interloquções entre Sándor Ferenczi e Otto Rank: uma ampliação dos recursos teórico-metodológicos da psicanálise*. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Esse trabalho tem como objetivo apresentar a história da parceria entre Sándor Ferenczi e Otto Rank, dois importantes pioneiros da psicanálise, e os desdobramentos dessa colaboração nas vidas e produções metodológicas derradeiras dos autores. Trata-se de uma pesquisa composta por dois eixos de investigação, que se entrelaçam: um eixo em história da psicanálise e um eixo de análise teórico-conceitual. Constatou-se que os dois tiveram uma participação bastante ativa na política do movimento psicanalítico e, na maior parte das vezes, alinhada. Por anos, eles se dedicaram a questões diferentes dentro do campo psicanalítico, mas, no início dos anos 1920, se uniram para escreverem o paradigmático *Metas do Desenvolvimento da Psicanálise*. O livro, dedicado exclusivamente à técnica, introduz um ponto de vista intersubjetivo e relacional, que contrastava com o modelo analítico excessivamente interpretativo e intelectualizado. Os dois também foram pioneiros em tematizar, cada um à sua maneira, a importância da relação primária vivenciada entre a figura materna e o bebê, e a introduzir outras leituras acerca do trauma. Em função de tensionarem, em maior ou menor medida, elementos importantes da doutrina freudiana, buscando sua ampliação, suas ideias foram consideradas controversas por uma ala mais conservadora do movimento psicanalítico. A parceria entre eles, outrora tão frutífera, foi desfeita, em meio a essa polêmica, de modo que Ferenczi permaneceu, ainda que com ressalvas, dentro do campo psicanalítico, ao passo que Rank rompeu com o freudismo, construindo uma carreira autoral nos Estados Unidos. Após falecerem, suas proposições mais inovadoras foram atribuídas a adoecimentos psíquicos pelos quais eles teriam sido, supostamente, acometidos. Embora o legado de Ferenczi para a psicanálise seja inegável, e cada vez mais reverenciado, o nome de Rank segue sendo pouco mencionado dentro das instituições psicanalíticas dominantes. Assim sendo, o presente trabalho se alia a um movimento que busca resgatar a dignidade intelectual desses autores, valorizando a importância que tiveram, ainda que em medidas diferentes, para o movimento psicanalítico.

Palavras chave: Psicanálise; História da Psicanálise; Ferenczi, Sándor, 1873-1933; Rank, Otto, 1884-1939.

ABSTRACT

Azevedo, A. L. R. (2024). *Interlocutions between Sándor Ferenczi and Otto Rank: an expansion of the theoretical-methodological resources of psychoanalysis*. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

This work aims to present the history of the partnership between Sándor Ferenczi and Otto Rank, two important pioneers of psychoanalysis, and the implications of this collaboration in the later lives and methodological productions of the authors. The research was composed of two interrelated axes of investigation: one in the history of psychoanalysis and another in theoretical-conceptual analysis. It was found that both had a very active participation in the politics of the psychoanalytic movement, and mostly, aligned. For years, they dedicated themselves to different issues within the psychoanalytic field, but in the early 1920s, they joined forces to write the paradigmatic *Development of Psychoanalysis*. The book, exclusively dedicated to technique, introduces an intersubjective and relational perspective, contrasting with the overly interpretative and intellectualized analytic model. Both were also pioneers in addressing, each in their own way, the importance of the primary relationship between the mother figure and the baby, and introducing alternative views of trauma. Due to their challenging of, to a greater or less extent, some aspects of Freudian doctrine, in their pursuit of expansion, their ideas were considered controversial by a more conservative group within the psychoanalytic movement. The once fruitful partnership between them was dissolved, amid this controversy, with Ferenczi remaining, albeit with reservations, within the psychoanalytic field, while Rank broke away from Freudianism, building an independent career in the United States. After their deaths, their most innovative propositions were attributed to psychological illnesses supposedly afflicting them. Although Ferenczi's legacy in psychoanalysis is undeniable and increasingly revered, Rank's name continues to be scarcely mentioned within dominant psychoanalytic institutions. Therefore, this work aligns with a movement that seeks to restore the intellectual dignity of these authors, appreciating the significance they had, albeit to different extents, for the psychoanalytic movement.

Keywords: Psychoanalysis; History of Psychoanalysis; Ferenczi, Sándor, 1873-1933; Rank, Otto, 1884-1939.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
Apresentação	12
Considerações metodológicas	19
1. OS ANTECEDENTES DE UMA PARCERIA.....	23
1.1. Entradas no movimento psicanalítico.....	23
1.2. Opostos complementares.....	28
1.3. Dissidências e alianças	32
1.4. Tempos de Guerra	37
2. EM BUSCA DE UMA EXPANSÃO DA PSICANÁLISE	39
2.1. Disputas institucionais no pós-Guerra: um contraponto progressista	39
2.2. Os limites da técnica psicanalítica clássica	44
2.3. A construção da técnica ativa de Ferenczi	49
2.3.1. Algumas bases teóricas da técnica ferencziana	50
2.3.2. O início de uma possibilidade	53
2.3.3. O uso das proibições em análise.....	54
2.3.4. Entram em cena as injunções	56
2.3.5. Atravessamentos na associação livre	59
3. UM TRABALHO FEITO A QUATRO MÃOS.....	63
3.1. A consolidação de uma parceria.....	63
3.2. Por entre as metas do desenvolvimento da psicanálise	66
3.2.1. Interlocuções com Freud	68
3.2.2. Uma nova forma de compreender a repetição.....	73
3.2.3. O processo analítico	75
3.2.4. Vivência afetiva, ab-reação e lembrança.....	79
3.2.5. Contra-indicações aos praticantes da psicanálise	81
3.2.6. O <i>circulus benignus</i> entre a teoria e a técnica	86
3.2.7. Perspectivas da psicanálise.....	87
3.3. A eclosão de uma crise.....	91
4. DOIS OLHARES PARA O TRAUMA, A MATERNIDADE E A REGRESSÃO	96
4.1. Coincidências conceituais	96
4.2. O nascimento como trauma.....	97
4.3. O nascimento como trauma e triunfo	103

4.4.	Da repetição à regressão.....	107
4.5.	Reverberações	110
5.	DESDOBRAMENTOS.....	120
5.1.	Reposicionamento de Ferenczi.....	120
5.1.1.	Revisando a técnica ativa	120
5.1.2.	O encontro com o traumático	121
5.1.3.	A transição para um estilo próprio	124
5.1.4.	O estilo empático ferencziano	126
5.1.5.	Uma permanência intranquila na psicanálise	131
5.2.	A dissidência de Rank	135
5.2.1.	Uma nova morada	135
5.2.2.	Will therapy.....	139
5.3.	Tão distantes assim?.....	146
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	151
7.	REFERÊNCIAS.....	155

INTRODUÇÃO

Apresentação

Nos primórdios da história do movimento psicanalítico, alguns pensadores destacaram-se, junto a Freud, pelo empenho e compromisso com o desenvolvimento e a divulgação dessa doutrina que vinha se construindo. Sándor Ferenczi e Otto Rank são dois pioneiros que podem ser incluídos neste rol, visto que fizeram grandes contribuições teóricas e metodológicas à psicanálise e deixaram um importante legado para as gerações que vieram em seguida (Falzeder, 1998). Os dois tiveram uma participação bastante ativa na política do movimento psicanalítico e, na maior parte das vezes, alinhada. Sensíveis aos limites do dispositivo analítico – tanto clínico como teórico –, eles podem ser lembrados também por buscarem uma expansão da doutrina freudiana (Hoffer, 2008).

Apesar destas similaridades, é necessário pontuar que Ferenczi e Rank tiveram trajetórias, em certos pontos, bastante distintas dentro do movimento psicanalítico (Lugrin, 2012). Rank, de origem austríaca, era nove anos mais jovem que o húngaro Ferenczi. Tinha apenas 21 anos quando conheceu Freud, em 1905, passou muito tempo dedicando-se exclusivamente à aplicação da psicanálise ao domínio das ciências humanas (sobretudo em suas articulações com a mitologia e a literatura), iniciando sua prática clínica apenas no início dos anos 1920. Além disso, Rank ocupou uma série de cargos editoriais e administrativos de destaque dentro do movimento (Lieberman, 1985).

Ferenczi, por sua vez, era um neurologista com uma consolidada experiência clínica e uma importante produção teórica, quando conheceu Freud, em 1908. Desde sua entrada no movimento psicanalítico, ele dedicou-se principalmente aos desenvolvimentos da técnica analítica, buscando de modo constante repensá-la e readequá-la aos impasses clínicos que emergiam. A “otimização da teoria e da técnica psicanalítica, o abrandamento do sofrimento do paciente e a maior possibilidade de cura através da análise” (Casadore, 2012, p.10) foram elementos norteadores do trabalho de Ferenczi ao longo de toda sua trajetória enquanto analista.

De maneiras diferentes, Ferenczi e Rank nutriram relacionamentos de grande afetuosidade e proximidade a Freud. Ambos estiveram em diálogo constante com o mestre - vide a longa troca de correspondência entre eles (Lieberman & Kramer, 2012; Brabant, Falzeder & Giampieri-Deutsch, 1993-2000) -, frequentaram sua casa e conviveram intimamente com seus familiares.

Sendo dois dos discípulos favoritos do professor, seus caminhos, naturalmente, se cruzaram em muitas ocasiões. O primeiro encontro entre eles ocorre em 1908, quando iniciam uma relação de trabalho pautada na cordialidade. Porém, suas trajetórias começam a se aproximar mais ativamente, apenas em 1918, quando eles formam uma frente mais progressista e heterodoxa em uma série de discussões que começaram a despontar na comunidade psicanalítica no contexto pós-Guerra. O auge dessa parceria, contudo, ainda estaria por vir (Lugrin, 2012).

No início dos anos 1920, a técnica psicanalítica tornara-se motivo de debate entre os analistas, dado os obstáculos e desafios clínicos que vinham se apresentando no manejo de casos considerados difíceis¹, seja pela não adesão ao tratamento, por resistências negativas, pela baixa eficácia terapêutica etc. (Dean-Gomes, 2019). Freud (1919[1918]/2010), inclusive, admite publicamente, no V Congresso Internacional de Psicanálise de Budapeste, que o saber psicanalítico ainda não se encontrava completo, sugerindo que novas modificações, sobretudo técnicas, precisariam ocorrer para tornar a psicanálise mais responsiva aos desafios de seu tempo.

Mais à frente, no VII Congresso Internacional de Psicanálise, sediado em Berlim, em 1922, ele lança um concurso para premiar o trabalho que melhor tematizasse a relação entre a prática clínica e os recentes avanços da teoria psicanalítica. O trabalho vencedor deveria investigar “em que medida a técnica influenciou a teoria e em qual medida uma incentiva ou prejudica a outra nos tempos atuais” (Rank & Ferenczi, 1924/2022, p.11).

É nesse contexto que Ferenczi, que há algum tempo já vinha se deparando com os limites do dispositivo analítico - e fora nomeado por Freud (1919[2018]/2010) como o nome capaz de indicar, por meio de suas experiências com a técnica ativa, novos caminhos para a técnica psicanalítica - se junta a Rank, que começara a clinicar após a Primeira Guerra Mundial, para elaborarem conjuntamente um trabalho a respeito das relações entre teoria e técnica psicanalítica (Lugrin, 2012).

*Metas do desenvolvimento da psicanálise – sobre a interação da teoria e da prática*² (Rank & Ferenczi, 1924/2022), trabalho que nasce desta parceria, é considerado

¹ De acordo com Kupermann (2019), essa é a primeira forma de nomear o que atualmente se conhece como casos *borderline* (na literatura anglo-saxã), casos-limite (na literatura francesa) ou patologias narcísicas. Para Ferenczi, por fim, esses seriam pacientes traumatizados.

² *Entwicklungsziele der Psychoanalyse - zur wechselbezi von theorie and praxis* é o nome original do artigo. Em agosto de 2022, a editora Quina publicou uma tradução direta do alemão deste ensaio, feita por André Carone, recebendo o título *Metas do Desenvolvimento da Psicanálise – sobre a interação da teoria e da prática*. Esta versão, que conta ainda com o posfácio de Gustavo Dean-Gomes e texto de orelha de Denise Salomão Goldfajn, resolve uma lacuna editorial deixada pela edição das *Obras Completas de Ferenczi*, da Editora Martins Fontes, que optou por traduzir e compilar apenas os capítulos do artigo que foram,

por alguns comentadores um marco da psicanálise moderna (Rachman, 1995/2004). Nesse ensaio, os autores apontam uma defasagem entre a teoria e a técnica psicanalítica, visto que a primeira teria se desenvolvido de forma muito mais intensa e rápida do que a segunda. Em função disso, muitos analistas “apegaram-se rigidamente às regras técnicas e não descobriram a sua relação com os avanços que a ciência psicanalítica havia realizado neste período” (Rank & Ferenczi, 1924/2022, p. 17). Engessados no modelo analítico clássico e presos a uma intelectualização excessiva do processo terapêutico, muitos analistas viam, portanto, o processo terapêutico fracassar ou estagnar.

Então, no lugar de uma postura neutra e abstinentemente do analista, eles defendiam que o encontro entre analista e paciente deveria ser menos um processo intelectualizado, e mais uma experiência emocional autêntica para ambas as partes (Rank & Ferenczi, 1924/2022). Eles ainda fazem uma defesa da *técnica ativa*, que já vinha sendo utilizada em outras experiências de Ferenczi, desde o final dos anos 1910, e sugerem que o fim do trabalho analítico fosse sempre pré-definido temporalmente.

Mais à frente, iremos nos aprofundar sobre as propostas trazidas neste texto, mas, por ora, cabe dizer que elas geraram uma grande controvérsia na comunidade psicanalítica, sobretudo entre uma ala considerada mais conservadora. Naquele mesmo ano de 1924, os dois publicarão, separadamente, *Trauma do Nascimento e seu significado para a psicanálise* (Rank, 1924/2016) e *Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade* (Ferenczi, 1924b/2011), complexificando ainda mais, de acordo com Hoffer (2008), a crise que se instalara após a divulgação de *Metas do Desenvolvimento da Psicanálise* (Rank & Ferenczi, 1924/2022).

Nesses dois trabalhos, conforme apontam Roudinesco e Plon (1997): “desenha-se o abandono da tese da prioridade do pai em prol de uma pesquisa sobre as origens do vínculo arcaico da criança com a mãe” (p.234). Introduce-se, pois, a noção de um estágio *pré-edípico*, protagonizado pela díade mãe-bebê. Rank e Ferenczi integraram de forma distinta estes achados à doutrina freudiana, o que gerou, conseqüentemente, recepções diferentes às suas teses no *establishment* psicanalítico (Hoffer, 2008). As ideias, sobretudo de Rank (1924/2016), foram consideradas uma afronta à doutrina freudiana, ainda muito falocêntrica e centralizada na figura paterna, visto que questionavam a função do

supostamente, redigidos por Ferenczi. Acreditamos que, por se tratar de um livro em coautoria, não faz sentido que partes dele sejam ocultadas. Optamos, deste modo, por usar a versão da editora Quina na elaboração de nossa pesquisa. Daqui em diante iremos nos reportar ao livro apenas pelo seu título (*Metas do Desenvolvimento da Psicanálise*), ocultando o subtítulo.

Complexo de Édipo, do papel do pai e da castração na constituição psíquica (Azevedo, 2018).

A crise que se deflagra tem um efeito direto e imediato na relação entre Ferenczi e Rank (Hoffer, 2008). Após o fim desta frutífera parceria, Ferenczi distancia-se das ideias de Rank, num esforço para se desatrelar dos posicionamentos mais heterodoxos do colega. Conforme argumenta Dean-Gomes (2019), por mais que Ferenczi tensionasse os limites da doutrina freudiana, ele sempre “insistiu na permanência, ainda que intranquila e com ressalvas, no círculo psicanalítico” (p.463). Rank, por sua vez, acaba se distanciando (e sendo distanciado) paulatinamente da psicanálise, construindo um caminho cada vez mais autoral (Lieberman, 1985). De forma resumida,

A amizade entre Ferenczi e Rank acaba em decorrência da crise de 1924, a qual coloca um fim na aproximação que começa em 1918 e se intensifica em 1922-1923. Em 1926 seus caminhos se separam para sempre, sem uma palavra ser dita por eles (Lugrin, 2012, pp. 353-354, tradução nossa³).

Mas esta crise teria também levado, de forma menos imediata, mas mais permanente, ao “desenvolvimento de novos paradigmas na teoria e prática psicanalítica” (Hoffer, 2008, p. 133), graças às ideias introduzidas em seu artigo conjunto e nestes dois trabalhos individuais. Para além das propostas técnicas arrojadas para a época, mas que reverberam até hoje,

A psicanálise teve de se haver com a íntima relação entre a mãe e o bebê (desde a situação intrauterina) e também com a relevância do exercício da maternagem em seus efeitos constitutivos (e, eventualmente, traumáticos na conformação do psiquismo do neonato) . . . Nesse sentido, no entroncamento dessas duas matérias – maternidade e trauma – promovido não só por Ferenczi como também por Rank . . . e, naturalmente, Freud, que muito da psicanálise moderna começou a florescer. (Dean-Gomes, 2019, p. 262).

Sabendo-se, portanto, do quanto a colaboração entre Ferenczi e Rank foi importante para o desenvolvimento da teoria e técnica psicanalítica, buscaremos investigar as bases históricas e conceituais que levaram esses autores a trabalharem juntos, os desdobramentos que se deram em suas proposições *técnicas* depois da

³ Esclarecemos ao leitor que as traduções para o português, sempre que necessárias, serão de nossa responsabilidade.

publicação de *Metas do Desenvolvimento da Psicanálise* (Ferenczi & Rank, 1924/2022), e o legado deixado por eles à psicanálise.

Para atingirmos esse objetivo, naturalmente, Freud será evocado e mencionado recorrentemente, uma vez que ele foi o principal interlocutor, em termos teóricos, dos dois. Num âmbito pessoal, o vínculo entre eles foi também, em muitos aspectos, mediado e balizado por Freud, e pelas relações que individualmente nutriram com o inventor da psicanálise. Portanto, para compreendermos de que modo se deu o encontro das ideias entre Rank e Ferenczi, não podemos perder de vista a triangulação de seus caminhos com o de Freud.

Cabe ainda dizer que as trajetórias de Rank e Ferenczi, que se afastam por completo, após 1926, terão um destino similar no período que sucede suas mortes⁴. Iremos discutir, ao longo do trabalho, apoiados por outros pesquisadores (Bonomi, 1998; Falzeder, 1998; Leitner, 1999; Hoffer, 2008), a ideia de que teria existido um esforço ativo, por parte das narrativas oficiais do movimento psicanalítico, para que suas obras fossem obliteradas da história do movimento psicanalítico, ainda que por mecanismos e motivos distintos.

Conforme argumenta Cromberg (2008), o nome de alguns dos psicanalistas da primeira geração teria, de fato, caído em um esquecimento, sobretudo daqueles que não trouxeram grandes contribuições em termos institucionais ou teóricos para esta disciplina. Mas este não é o caso de Rank e Ferenczi. Ainda que Rank tenha se afastado da psicanálise, gradualmente, não podemos deixar de reconhecer que ele, e principalmente Ferenczi, foram dois dos principais pioneiros desta doutrina. Como então explicar o ostracismo que, guardadas as particularidades de cada caso, sucede à morte deles?

Todschweign, ou *morte pelo silêncio*, é o nome escolhido por Rachman (1999) para nomear “a tentativa deliberada de silenciar um dissidente, removendo suas ideias e técnicas das publicações nas principais revistas e das instituições de ensino tradicionais” (p.106). Em comum, podemos dizer que tanto Ferenczi como Rank tentaram expandir os limites da psicanálise, trazendo propostas inovadoras para teoria e práxis, mas que não puderam ser incorporadas, ao menos naquele momento, por uma comunidade psicanalítica que buscava uma coesão e aceitação de sua identidade profissional (Hoffer, 2008).

⁴ Ferenczi falece em maio de 1933, em decorrência de uma grave anemia (Rachman, 1995/2004) e, Rank, em 1939, apenas algumas semanas após o falecimento de Freud, por uma complicação medicamentosa de uma infecção na garganta (Lieberman, 1985).

Buscando explicações para o mecanismo que levou ao silenciamento da obra de Ferenczi, Kupermann (2019) recorre à proposta de traumatogênese do húngaro, mais especificamente ao seu conceito de *desmentido*⁵ (*Verleugnung*). Em linhas gerais, para Ferenczi, uma cena de violência ou abuso se tornaria traumática caso se consolidasse a ação do desmentido, isto é, caso houvesse, por parte do adulto procurado pela criança que conta sobre sua violação, “a afirmação de que não aconteceu nada, de que não houve sofrimento” (Ferenczi, 1933/2011, p. 91). Essa operação de desmentido pode ocorrer também em outras relações, para além da cena de abuso sexual. Ela pode aparecer em relações “de poder, de dependência, de desvalorização, de desrespeito; em suma, relações políticas” (Gondar, 2012, p. 35).

Na leitura de Kupermann (2019), que acreditamos poder se estender também para o caso de Rank, o apagamento da obra de Ferenczi seria fruto de uma operação dessa natureza, a qual

Emudece de modo mais drástico a versão inconveniente, mantendo-a clivada e inacessível – inibindo, inclusive, a compulsão de retorno do que foi silenciado. Dessa maneira, autores que se inspiraram em Ferenczi, como Melanie Klein e Winnicott, em função do efeito do desmentido – teórico político -, pouco explicitaram a sua influência ou o fizeram apenas tardiamente (Kupermann, 2019, p. 16).

Então, o que acabou prevalecendo, por muito tempo, foi a versão de Ernest Jones (1957) a respeito desses autores em sua biografia sobre Freud, a qual, em linhas gerais, atribui suas produções teóricas mais inovadoras a supostas perturbações psíquicas severas que os teriam acometido ao longo de suas carreiras. Nas palavras de Falzeder (1998), “Jones rotulou ambos de loucos e considerou seus pensamentos inovadores como fruto de suas loucuras” (p. 133). Assim, os nomes desses autores tornaram-se tabu, dentro da comunidade psicanalítica, após suas mortes.

Contudo, para o húngaro, esse cenário começa a mudar, em 1980, graças a um movimento nomeado como “renascimento de Ferenczi”, que buscou reabilitar sua imagem e lançar luz sobre suas principais contribuições à psicanálise (Rachman, 1999).

⁵ O termo *Verleugnung* pode ser traduzido para o português tanto por “desmentido” como por “desautorizado”. Optaremos, nesse trabalho, pela escolha do termo “desmentido”, uma vez que ela vem sendo utilizada mais corriqueiramente nos trabalhos acerca de Ferenczi. Para uma discussão mais aprofundada desta problemática, sugiro que o leitor consulte o subcapítulo “A *Verleugnung* ferencziana: desmentido intersubjetivo e desautorização intrapsíquica”, no trabalho de Kupermann (2019) *Por que Ferenczi?* já que há algumas nuances entre uma tradução e outra.

Desde então, sua obra vem sendo traduzida para vários idiomas e diversos pesquisadores vêm se debruçando sobre seus trabalhos. Já Rank, ainda segue tendo suas contribuições à psicanálise esquecidas, haja vista que seu nome quase não é mencionado nas instituições de ensino e na literatura psicanalítica contemporânea (Falzeder, 1998). Suas menções estão hoje muito mais atreladas às suas aproximações com a psicologia humanista, sobretudo nos EUA.

Em tempo, não poderíamos deixar de mencionar a recente tradução da editora Quina de *Metas do Desenvolvimento da Psicanálise* (Rank & Ferenczi, 1924/2022) para o português, a qual resultou de “um garimpo editorial”, conforme comenta Denise Goldfajn, na orelha do livro. A sistematização e tradução integral deste livro para o português pode significar, em nossa visão, que esse trabalho está finalmente começando a ser reconhecido como a “preciosidade da historiografia psicanalítica” (Goldfajn, 2022), o que, de fato, é, e começando a receber seu devido valor.

Então, esperamos com este trabalho contribuir, também, para o *desapagamento* das obras destes autores, principalmente a de Rank, os quais foram de exímia importância para os desenvolvimentos ulteriores da teoria e da técnica psicanalíticas. A psicanálise não teria alcançado seu estado atual sem as contribuições – por vezes errantes, falhas ou exageradas – de seus pioneiros (Hoffer, 2008). Assim, ao nos voltarmos para o passado da psicanálise, teremos maiores condições de entender e, portanto, de aplicar seu instrumental de forma mais apropriada, conforme esclarece Mezan (2014): “conhecê-la [a história da psicanálise] em suas origens, em suas linhas de desenvolvimento e em seus pontos cegos pode nos ajudar a utilizar com mais conhecimento de causa os instrumentos que ela pôde forjar” (p.55).

Por fim, é importante pontuar que as questões técnicas sobre as quais Rank e Ferenczi se debruçaram ainda encontram ecos nos dias de hoje, de tal forma que um retorno aos seus trabalhos pode ser bastante elucidativo e bem vindo para avançarmos frente aos desafios clínicos que se apresentam em nossa prática diária. De certa forma, tanto no trabalho conjunto como em suas elaborações técnicas autorais, os dois ampliaram⁶, em alguma medida, a técnica psicanalítica para o atendimento de públicos até então tido como inalisáveis, e lançaram luz à importância do aspecto relacional e intersubjetivo do encontro analítico. Ferenczi, principalmente, também chamou atenção

⁶ Ferenczi mais do que Rank, é justo dizer.

para o potencial traumático que uma relação analítica pautada no autoritarismo – seja ele qual for – pode representar para a subjetividade dos analisandos.

Além disso, para eles importava menos o *setting* ideal e a neutralidade analítica, e mais as capacidades sensíveis, criativas e elásticas do terapeuta, o que parece fundamentar um direcionamento ético importante para o trabalho do analista no século XXI, o qual se encontra atuando nos mais diferentes espaços da pólis e em arranjos de enquadre nem sempre convencionais.

Pudemos ainda concluir que, a despeito da inegável importância dos autores na história da psicanálise e nos dias atuais, este continua sendo um tema pouco explorado na literatura psicanalítica, sobretudo nacional, o que justifica a relevância desta pesquisa.

Considerações metodológicas

No capítulo “Psicanálise e pós-graduação: notas, exemplos e reflexões”, de *Interfaces em Psicanálise*, Renato Mezan (2002) faz uma caracterização dos diferentes tipos de pesquisas em psicanálise e propõe um agrupamento bastante didático para essas variações⁷. Podemos localizar o presente trabalho na interface entre duas categorias propostas pelo autor, a saber, as pesquisas que tratam de “autores ou momentos importantes da história da psicanálise” (p.451) e as pesquisas “predominantemente teóricas, focalizando em especial questões metapsicológicas” (p.448).

Enquanto as primeiras tematizam, como a própria nomeação sugere, personagens relevantes da história da psicanálise ou eventos significativos do movimento psicanalítico, as segundas se detêm em conceitos centrais da teoria psicanalítica. O presente trabalho está, pois, na intersecção dessas duas vertentes, uma vez que nosso objetivo principal é investigar tanto os elementos históricos que levaram à parceria entre Otto Rank e Sándor Ferenczi; como as proposições técnicas apresentadas em conjunto por eles.

Na tessitura desta pesquisa estaremos o tempo inteiro, portanto, fazendo um esforço para articular um eixo de investigação em história da psicanálise e um eixo de análise teórico-conceitual, uma vez que compreendemos que os conceitos não se

⁷ Os temas por ele listados são: 1) Teses predominantemente teóricas, focalizando em especial questões metapsicológicas; 2) Teses sobre questões de psicopatologia e sobre fenômenos específicos a certos grupos; 3) Teses sobre fatores operantes no processo terapêutico; 4) Teses sobre a atividade terapêutica em âmbito institucional; 5) Teses sobre a interface psique/sociedade; 6) Teses sobre obras ou práticas artísticas e suas raízes pulsionais; e 7) Teses sobre autores ou momentos importantes da história da psicanálise (Mezan, 2002).

constroem no vácuo: eles procuram responder às questões vigentes em um determinado tempo histórico, sendo produzidos por sujeitos atravessados por questões políticas, culturais e subjetivas. Essa visão é sustentada por Mezan (2002), que chama atenção para o fato de que “a própria teoria possui uma história” (p.489), ou seja, existe uma história interna e externa envolvida na produção de um determinado saber.

Desse modo, entendemos que para atingirmos uma compreensão mais profunda de nosso objeto de estudo será preciso aliar, o tanto quanto possível, essas duas vertentes de pesquisa. Cunhando uma estratégia metodológica em psicanálise, a partir da psicologia gestáltica, Loffredo (2012a) aponta, ainda, que “o ponto de vista historiográfico nos propicia um pano de fundo por meio do qual pode ser mais bem apreendido o sentido das figuras que dão contorno para nossos interesses atuais” (p.211).

Tendo isso em vista, iremos construir o *pano de fundo* sobre o qual os caminhos de Rank e Ferenczi se cruzaram (desde os antecedentes da parceria até o fim dessa vinculação), apresentando os elementos históricos, políticos, institucionais, biográficos e transferenciais que compõem essa trama. A partir dele, iremos apresentar nossas *figuras* de interesse, quais sejam: as teses de *Metas do Desenvolvimento da Psicanálise* (Ferenczi & Rank, 1924/2022); as eventuais semelhanças em suas abordagens terapêuticas, após se separarem; os pontos de aproximação temática entre eles, depois do trabalho de coautoria; assim como o possível legado deixado pela dupla para a doutrina psicanalítica.

É importante pontuar que algumas especificidades devem ser adotadas em pesquisas que envolvem uma vertente histórico conceitual em psicanálise. São elas: “a) o descentramento da figura de Freud e crítica do testemunho freudiano; b) o questionamento das narrativas oficiais e institucionalizadas; c) análise rigorosa de documentos e estudo das fontes primárias” (Padovan, 2020, p.8).

Portanto, para investigarmos o *eixo histórico* desta pesquisa, isto é, as aproximações entre as trajetórias de vida de Rank e Ferenczi, lançaremos mão de fontes primárias (cartas trocadas entre os autores, diários, documentos institucionais, textos originais) e dos trabalhos biográficos a seu respeito. Tomaremos os devidos cuidados com as narrativas que supervalorizam e idealizam certos personagens em detrimento de outros, ou com aquelas que acabaram produzindo certas distorções de elementos factuais em que eles estiveram envolvidos⁸. Com isso, poderemos desenhar o caminho que o

⁸ A biografia de Ernest Jones (1957) a respeito de Freud, que por muito tempo vigorou como fonte oficial e inequívoca da vida do fundador da psicanálise, apresenta, em certos momentos, este caráter. Além de uma sobrevalorização da figura e feitos de Freud, há um viés psicopatologizante ao tratar dos discípulos que, de

relacionamento entre nossos protagonistas percorreu ao longo dos anos, além de contextualizarmos o clima político, cultural e institucional em que viveram.

Já para contemplar o *eixo teórico* - investigar as formulações dos autores à técnica psicanalítica em seu texto de coautoria, e em suas produções que sucedem esse período - , iremos nos debruçar, primordialmente, sobre seus escritos dedicados à práxis psicanalítica, amparados por comentadores de suas obras.

Posta a questão das fontes e dos dados levantados, partimos agora para outra especificidade metodológica: o modo de leitura e interpretação do material investigado. Campos e Coelho Junior (2010) partem da proposta de Laplanche (1988) sobre *interpretar (com) Freud* para caracterizarem uma metodologia de pesquisa especificamente psicanalítica. Nesse modelo, a ideia seria “fazer o texto trabalhar”, utilizando o próprio método psicanalítico como instrumento de leitura.

Iribarry (2003) esclarece que ao lançar mão deste método, a leitura deve operar aos moldes da escuta psicanalítica, de forma que “o pesquisador procure identificar, de modo semelhante à clínica, as falhas e tropeços de um discurso realizado, neste caso, através da escrita” (p. 127). Para isso é fundamental “palmilhar a obra em todos os sentidos, sem nada privilegiar a priori” (Laplanche, 1988, p. 30), para que, desse modo, venham à tona aspectos latentes do texto. Não se trata de uma leitura desimplicada, mas, pelo contrário, de um trabalho interpretativo, que possibilita a construção de um novo sentido e de configurações inéditas.

Quanto à estrutura desta dissertação, foi feita a escolha de apresentarmos cronologicamente os pontos de encontros entre as trajetórias de vida de Rank e Ferenczi, desde suas singulares inserções no movimento psicanalítico até o período em que seus caminhos se separaram de vez. É sobre este pano de fundo que iremos apresentar a discussão, no nível conceitual, de suas proposições à técnica psicanalítica, a qual tem, como importante episódio, o trabalho *Metas do Desenvolvimento da Psicanálise* (Ferenczi & Rank, 1924).

Apesar do esforço para construirmos uma narrativa cronologicamente linear, que acreditamos ser a mais clara para a compreensão do leitor, sabemos que, por vezes, incorremos em repetições ou em pequenos saltos temporais, o que é esperado no âmbito

alguma forma, tiveram posicionamentos contra hegemônicos (Leitner, 1999). Além disso, os relatos historiográficos produzidos pelo próprio Freud acerca do movimento psicanalítico, que aparecem em *Contribuições à história do movimento psicanalítico* (1914/2012) e “*Autobiografia*” (1925/2011), também serão relativizados, já que eles “dizem mais sobre aquilo que Freud queria que a psicanálise fosse do que aquilo que ela poderia ser a despeito do ideal de psicanálise por ele sustentado” (Padovan, 2020, p.9).

de pesquisas que utilizam uma metodologia psicanalítica, e que, portanto, trabalham com repetições, ressignificação *a posteriori*, e com o retorno do que está recalado no material trabalhado (Campos & Coelho Junior, 2010).

1. OS ANTECEDENTES DE UMA PARCERIA

1.1. Entradas no movimento psicanalítico

Claramente, Rank e Ferenczi não entram para o edifício freudiano pela mesma porta.

Lugrin, 2012, p.35

Para começarmos a pensar nos caminhos que levaram ao encontro de Ferenczi e Rank, entendemos que se faz importante, inicialmente, identificar de que maneira cada um deles entrou para o movimento psicanalítico e *quem* eram eles quando isso se deu, isto é, qual a bagagem que traziam em suas primeiras interações com a psicanálise. Para isso, apresentaremos um rápido resgate biográfico dos autores.

Nascido em abril de 1884, em Leopoldstadt, periferia de Viena, Otto Rosenfeld foi o terceiro e último filho de Simon Rosenfeld, um joalheiro judeu de Burgenland e de sua esposa Karoline Fleischner, cuja família era da Morávia, hoje República Tcheca. Rank teve uma infância e juventude pobre no âmbito financeiro, familiar e cultural.

Para além do contexto familiar turbulento (seu pai fora relatado como um alcoolista, que se tornava violento ao beber) e das poucas condições econômicas, ele sofria de um reumatismo articular agudo, tendo, portanto, uma saúde frágil, desde a infância. Ao descrever seu contexto de criação em seus diários da adolescência⁹, o vienense coloca: “foi assim que eu cresci: entregue a mim mesmo, sem educação, sem amigos, sem livros” (Rank, citado por Lieberman, 1985).

Aos 19 anos, Otto decide substituir o sobrenome paterno, adotando informalmente o sobrenome Rank, o que, somado à sua conversão ao catolicismo, foi interpretado por seu biógrafo como uma tentativa de desvincular-se de suas origens paternas (Lieberman, 1985). Mais à frente, às vésperas de seu primeiro casamento, ele se reconverterá ao judaísmo, muito embora não tenha sido um praticante ativo de nenhuma das duas religiões, ao longo de sua vida.

Apesar do bom desempenho escolar, durante o início de sua adolescência, Rank teve de abandonar os estudos formais e ingressar em uma escola técnica para aprender

⁹ Rank teria mantido o hábito de fazer anotações pessoais em diários dos 17 aos 21 anos, porém, esse material nunca foi publicado. Seu biógrafo, James Lieberman, pôde acessá-lo na *Rank Collection, Manuscript and Rare Book Library*, da Universidade de Columbia. Trata-se de pequenos cadernos com citações das obras que o vienense estudava, poemas, considerações acerca de temas como música, literatura e filosofia e reflexões de cunho mais existenciais, sobre a morte, a vida e o adoecimento. Nos diários, há poucos relatos sobre sua vida pessoal.

um ofício que lhe garantisse seu sustento. Mesmo assim, ele seguiu estudando, por conta própria, filosofia e literatura, aliando o trabalho como mecânico aos estudos no campo das humanidades. Rank tinha ainda um grande interesse pelas mais variadas expressões artísticas, frequentando peças, concertos e óperas, sempre que possível. Schopenhauer, Nietzsche e Ibsen foram alguns dos intelectuais a quem ele mais se dedicou, retirando, inclusive, da peça *Uma Casa de Bonecas* (1879/2012), de Ibsen, o pseudônimo Rank.

Em contraste com o obtuso ambiente doméstico em que o autor cresce, a Viena do *fin-de-siècle* destacava-se por uma grande efervescência cultural e científica (Schorske, 1990). Em meio a um momento de crise político-social, a cidade apresentava-se como uma Meca para estudiosos de medicina, artes e música. Podemos supor que essa circulação de ideias facilitou o contato de Rank, em 1903, com o trabalho de Otto Weininger (1903), *Sexo e caráter*. De acordo com Lieberman (1985): “o livro menciona os trabalhos de Josef Breuer e Sigmund Freud a respeito da histeria, e pode ter introduzido o jovem Rank, entre outros, à nascente ciência psicanalítica” (p.15).

Maior impacto ainda teria tido seu contato com *A interpretação dos sonhos* (Freud, 1900/2019), em 1904. Após o médico da sua família, Adolf Adler, ter lhe apresentado este texto, Rank teria passado semanas escrevendo em seu diário sobre a origem dos sonhos, fazendo apontamentos sobre pontos da obra que discordava e concordava, pensando em possíveis articulações entre os sonhos e as artes e, finalmente, tentando analisar seus próprios sonhos (Lieberman, 1985). Naquele ano, Rank chega, inclusive, a escrever uma carta para Freud, propondo uma interpretação alternativa a um dos sonhos analisados por Freud na obra - o sonho “Frau Doni” (Freud, 1900/2019, pp. 492-493)¹⁰.

Mobilizado pelo seu contato com a descoberta do inconsciente, o jovem começa a esboçar seu primeiro manuscrito psicanalítico, em 1905, combinando sua apreciação pelo dispositivo criado por Freud com seu já antigo interesse sobre as artes. Coloca-se, pois, a pensar sobre o fazer artístico sob o ponto de vista da psicanálise, buscando compreender as origens da criatividade. Em 1906, por intermédio de Adler, Rank

¹⁰ O leitor poderá encontrar esta carta, no apêndice B das correspondências entre Freud e Rank (Lieberman & Kramer, 2012). Em linhas gerais, Rank discorda da interpretação de Freud de que este sonho apontava para sua satisfação em estar casado e por seu casamento ter lhe trazido filhos. Rank afirma que o sonho expressava exatamente o oposto, e que a primeira interpretação revelava uma relutância de Freud em entrar em contato, plenamente, com seu próprio inconsciente. Embora não haja registros de que essa carta, de fato, tenha chegado a Freud naquele momento, anos depois Freud escreverá em outra correspondência trocada entre eles que se tratava de uma interpretação “atípica e brutal” (Lieberman & Kramer, 2012).

encontra-se com Freud, pela primeira vez, munido desse seu trabalho, o qual seria publicado, no ano seguinte, com o título *Der Künstler* [O Artista] (Rank, 1907).

Impressionado com a qualidade intelectual e entusiasmo do jovem admirador, e reconhecendo nele um potencial para pesquisa que não encontrava em nenhum de seus outros discípulos vienenses, Freud o contrata, em 1906, como secretário da Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras - que viria a se tornar a Sociedade Psicanalítica de Viena - e financia seus estudos universitários, até que ele conclua seu doutorado em filosofia, em 1912, com a tese *O tema do incesto na literatura e no mito*.

Nas palavras de seu biógrafo, Rank teria encontrado na figura de Freud, ao mesmo tempo, um “mentor, um benfeitor e uma espécie de figura paterna” (Lieberman, 1985, p. 44). Já Freud, ao tratar da entrada de Rank no movimento psicanalítico, e do vínculo que se estabelece entre eles, neste primeiro momento, comenta:

Certo dia, um jovem que havia feito a escola técnica se apresentou a nós com um manuscrito que revelava extraordinário entendimento. Nós o induzimos a fazer o estudo secundário, entrar para a universidade e se dedicar às aplicações não médicas da psicanálise. A pequena sociedade obteve assim um zeloso e confiável secretário, e eu ganhei um leal assistente e colaborador na pessoa de Otto Rank (Freud, 1914/2012, p.269).

Sándor Ferenczi, por outro lado, cresceu em um ambiente familiar bem diferente do de seu colega vienense e teve uma entrada no movimento psicanalítico que se deu por outros meios.

Nascido em Miskolc, Hungria, em julho de 1873, Ferenczi foi o oitavo filho do polonês Baruch Frankel¹¹ e da vienense Rosa Eibenschutz. Diferentemente do contexto de criação de Rank, Ferenczi cresceu em um lar culturalmente rico: seus pais eram fluentes em diferentes idiomas, sua família era dona de uma livraria e uma editora em Miskolc, a qual, de tempos em tempos, promovia encontros com artistas e intelectuais: “a cultura era um assunto corrente em sua família e a relação com a literatura, ao que parece, estava especialmente simbolizada na figura do pai” (Dean-Gomes, 2019, p. 36).

¹¹ Em 1887, fazendo um esforço para assimilar-se à cultura local e driblar o antissemitismo que permeava o país, seu pai decide trocar seu nome judeu para um de origem húngara, tornando-se Bernát Ferenczi. Todos os seus filhos, incluindo Sándor, passaram por essa mudança de sobrenome. Curiosamente, podemos constatar que nossos dois protagonistas mudaram seus sobrenomes.

Com o pai, Ferenczi nutriu um relacionamento muito próximo e afetuoso, sendo, de acordo com alguns de seus biógrafos, o filho preferido entre os doze irmãos (Sabourin, 1985/1988). Em contraste com o pai, sua mãe foi descrita como uma mulher severa, pouco afetuosa e bastante rígida (Rachman, 1995/2004). Alguns comentadores falam sobre o quanto a perda precoce do pai, quando ele tinha apenas 18 anos, o lançou a buscar – e encontrar em Freud – uma nova referência paterna (Lugrin, 2012).

Assim como Rank, Ferenczi tinha um bom desempenho escolar. Mas, diferentemente do primeiro, ele pôde concluir o que hoje equivaleria ao Ensino Médio, mudando-se para Viena, em 1891, para cursar Medicina. De acordo com Lorin (1993), um dos motivos para a escolha da carreira médica teria sido seu desejo de poder ajudar e curar aqueles que adoecessem. Este *animus sanandis*, isto é, sua disposição para cuidar, teria sido uma tendência que atravessou toda sua trajetória profissional, tanto na medicina como posteriormente na psicanálise (Kupermann, 2019).

Durante todo o período da faculdade, Ferenczi priorizou as atividades clínicas, em detrimento das atividades de pesquisa. Ao terminar seus estudos, em 1897, ele regressa para Budapeste, atuando como médico-assistente em hospitais da região. Em 1901, ele finalmente começa a trabalhar mais diretamente com as afecções psíquicas – seu principal campo de interesse há tempos – especializando-se em neurologia, além de aprender a praticar a hipnose e sugestão. Havia também uma importante produção teórica ocorrendo por sua parte, neste meio tempo¹², conforme aponta Dean-Gomes (2019):

Paralelamente à sua atividade clínica, Ferenczi desenvolveu, ao longo dos anos que antecederam seu encontro com Freud, uma grande atividade autoral, escrevendo uma série de artigos nos quais expunha seus pontos de vista sobre diversos temas relacionados à prática médica de seu tempo, concepções de adoecimento e terapias (p. 47).

Dado seu grande interesse pela causação e tratamento das doenças nervosas, sendo um fervoroso crítico das condutas psiquiátricas praticadas em seu país e estando intensamente envolvido nos debates científicos de seu tempo, era esperado que em algum

¹² Seus artigos pré-psicanalíticos, escritos entre 1899 e 1907, foram agrupados por Lorin, em meados dos anos 1970, e publicados, em 1994, na coletânea francesa *Les écrits de Budapest* (Ferenczi, [1899-1907]/1994). No capítulo “O pensamento clínico pré-psicanalítico de Ferenczi (1899-1906)”, do trabalho de Dean-Gomes (2019), o leitor poderá ter contato com a produção teórica do húngaro desse período, as quais já guardam as sementes do que viria a caracterizar a clínica psicanalítica posterior de Ferenczi: “abordagem relacional, dinâmica intersubjetiva do par terapêutico, preocupação com o processo de cura, observações sobre a contratransferência, críticas à neutralidade etc.” (Dean-Gomes, 2019, p.48)

momento Ferenczi fosse esbarrar com o nascente campo psicanalítico, podendo encontrar nele um lugar frutífero para seguir desenvolvendo seu pensamento.

A interpretação dos sonhos (Freud, 1900/2019) foi o primeiro texto com que Ferenczi teve contato dentro da obra freudiana. Porém, diferentemente de Rank, ele não teria ficado tão entusiasmado com suas ideias, em um primeiro momento, conforme aponta o próprio Freud, em um pequeno texto, redigido em homenagem ao 50º aniversário de Ferenczi:

Não muitos anos após sua publicação (em 1900), *A Interpretação de Sonhos* caiu nas mãos de um jovem médico de Budapeste que, embora fosse neurologista, psiquiatra e especialista em medicina legal, estava avidamente em busca de novos conhecimentos científicos. Ele não foi muito adiante na leitura do livro; muito cedo jogou-o de lado - se por tédio ou repugnância, não se sabe. Pouco depois, porém, a invocação de novas possibilidades de trabalho e descoberta levou-o a Zurique e, de lá, foi conduzido a Viena a fim de encontrar o autor do livro que um dia, com desprezo, deixara de lado (Freud, 1923/1996, p. 158).

O primeiro interlocutor de Ferenczi do movimento psicanalítico não foi, na verdade, Freud. Suas trocas iniciais ocorreram com Carl Jung, quando trabalharam juntos no hospital psiquiátrico Burghölzli, em 1907, nutrindo em comum o interesse pelas ciências obscuras e pelos experimentos de associação livre (Haynal & Falzeder, 2003). É Jung, por conseguinte, quem coloca Ferenczi e Freud em contato algum tempo depois, mais precisamente, em janeiro de 1908. A partir de então, inicia-se uma relação de amizade que perduraria por mais de duas décadas (Casadore, 2012).

Poucos meses após este primeiro encontro, a convite de Freud, Ferenczi apresenta o texto *Psicanálise e pedagogia* (1908/2011) no que viria a ser o I Congresso Internacional de Psicanálise, em Salzburgo. Neste artigo, ele discute os efeitos da interação com o ambiente no desenvolvimento do psiquismo infantil. É neste mesmo congresso que os caminhos de Rank e Ferenczi cruzam-se pela primeira vez. Naquele momento, Rank, que já era um importante colaborador de Freud há mais de dois anos, não chegou a apresentar um trabalho: estava lá encarregado de secretariar o Congresso. Ao detalhar o primeiro encontro entre eles, Lugin (2012) destaca:

Na data inaugural do futuro relacionamento entre eles, Rank tinha 24 anos e Ferenczi 35. Nem um médico, nem um acadêmico, Otto Rank era um estudante

autodidata, um autor determinado e promissor, com uma personalidade forte. A posição de Ferenczi era bastante diferente. Ele era médico e, por isso, tinha uma experiência clínica significativa. Entre 1899 e 1906, o jovem médico Ferenczi escreveu inúmeros artigos que refletiam sua lenta transição da medicina para a psicanálise. Claramente, Rank e Ferenczi não entram para o edifício freudiano pela mesma porta (p. 355).

1.2. Opostos complementares

Se Rank e Ferenczi não entraram pelo edifício freudiano pela mesma porta, eles também não ocuparam o mesmo lugar nele

Lugrin, 2012, p.317.

Depois desse primeiro encontro, Ferenczi e Rank voltam a se encontrar em outras ocasiões, mas, naquele primeiro momento, o vínculo entre eles não passava de uma relação de mútua estima e cordialidade. Ocorria, paralelamente, um estreitamento cada vez maior dos laços que uniam cada um deles a Freud, o que somado às suas contribuições à doutrina freudiana, foi lhes encaminhando para um lugar de destaque dentro do movimento psicanalítico. Lugares estes, é importante sublinhar, distintos entre si, muito embora complementares à causa psicanalítica, em suas diferenças.

Em Viena, conforme já mencionamos anteriormente, Rank ocupava o cargo de secretário da Sociedade Psicanalítica de Viena, realizando um meticuloso trabalho com as atas das reuniões, conforme podemos verificar nas *Minutes of the Vienna Psychoanalytic Society* (Federn & Nunberg, 1962, 1964, 1967, 1975). Além disso, o vienense dedicava-se ao estudo das articulações da teoria psicanalítica com a literatura, mitologia e artes, campo este nomeado de *psicanálise aplicada* (*Angewandte Psychoanalyse*) (Mezan, 2002).

Apesar de Freud nunca ter conceituado, precisamente, o termo “psicanálise aplicada”, não faltam menções a essa expressão, ao longo de sua obra (Kobori, 2013). Mas, então, do que se trata, exatamente, esse campo da psicanálise? Nas palavras de Mezan (2002), podemos compreender esse termo como “a psicanálise aplicada àquilo que não é estritamente clínico” (p.348), principalmente aos “fenômenos sociais e os fenômenos culturais” (p. 348).

Contudo, ao menos nos primórdios da psicanálise, a prática clínica também foi considerada uma aplicação da psicanálise, conforme esclarecem Darriba e Padovan (2016). Seguindo uma tendência presente entre as ciências naturais do século XIX, a psicanálise foi dividida, inicialmente, em uma vertente considerada “pura”, ou teórica; e uma vertente prática, ou de “aplicação” deste conhecimento básico, às ciências humanas e à medicina (Darriba & Padovan, 2016). Conforme podemos acompanhar no estatuto de criação da Associação Internacional de Psicanálise, um dos objetivos da associação, seria, pois: “o cultivo e a promoção da ciência psicanalítica tal como iniciada por Freud, tanto em sua forma como *pura psicologia* quanto em sua *aplicação à medicina e às humanidades*” (Ferenczi & Jung, citado por McGuire, 1974/1976, p.641).

Assim sendo, o exercício da psicanálise, enquanto método terapêutico, também foi, naquele início, considerado uma aplicação da psicanálise, assim como a utilização deste saber para pensar questões médicas, a princípio estrangeiras ao seu escopo de criação (tal como a clínica das psicoses, no início do século XX). Já a aplicação da psicanálise às humanidades (*Geisteswissenschaften*), noção mais próxima daquela que usualmente nos referimos quando hoje vamos falar de psicanálise aplicada, diz respeito à utilização de categorias conceituais psicanalíticas para estudar fenômenos culturais, sociais, mitológicos, literários etc. (Darriba & Padovan, 2016).

Não nos aprofundaremos na difícil conceituação desse termo e nas controvérsias que permeiam o debate sobre as aplicações da psicanálise¹³, já que isso nos desviaria por demais de nosso tema de estudo. Porém, fica claro que a psicanálise aplicada cumpriu (e ainda cumpre) um importante papel na transmissão e ampliação das fronteiras da psicanálise, criando diálogos com outros campos do saber (Kobori, 2013).

Para os efeitos dessa pesquisa, é importante deixar claro, também, que Rank foi um dos principais estudiosos desse campo, destacando-se por seu singular conhecimento em literatura e mitologia (Castro, 2016). Dentre os mais de 20 artigos que Rank teria escrito, até 1912, destaca-se o ensaio *Mito do Nascimento do Herói* (1909/2015), um dos poucos trabalhos do autor traduzidos, na atualidade, para o português.

¹³ No capítulo “Psicanálise e cultura e psicanálise *na* cultura”, de *Interfaces da psicanálise*, Mezan (2002) apresenta os motivos pelos quais a psicanálise aplicada costuma ser criticada dentro da comunidade psicanalítica, expõe os pontos de atenção a esse exercício, mas, ainda assim, defende sua importância e pertinência quando praticada com rigor.

Como se não bastassem todas as atividades em que o prodigioso jovem já vinha se engajando na causa psicanalítica, ele também fundou, junto a Hans Sachs¹⁴, a revista *Imago*, em 1912. Conforme constava em seu subtítulo, aquela era uma “*Revista voltada para a aplicação da psicanálise às humanidades*”, destinada à divulgação bimestral de estudos ligados à “estética, literatura e história da arte, mitologia, filologia, pedagogia, folclore, criminalística, teoria moral e ciência da religião” (Rank & Sachs, 1912, paginação irregular). Sob sua direção e do colega, foram publicados no periódico importantes trabalhos, tais como *Totem e Tabu* (Freud, 1914/2012b), *Delírios de sonho na Gradiva de Jensen* (Freud, 1907/2015), e o notável *O Duplo: um estudo psicanalítico* (Rank, 1914/2013), texto em que ele debate temas como o narcisismo, a morte e a figura do duplo.

Rank também trabalhou junto a Freud na revisão da terceira edição de *Interpretação dos Sonhos* (1900), bem como na quarta edição, de 1914. Nessa última, ele contribuiu não só com as correções do texto, mas também com dois artigos “*Sonho e poesia*” e “*Sonho e mito*”, os quais foram acrescentados ao capítulo VI do livro (Lieberman, 1985). Estes textos mantiveram-se presentes na obra, assinados por ele, até serem retirados por Freud de sua oitava e última edição, em 1930¹⁵.

Ao analisarmos as correspondências trocadas entre Freud e Rank, nos anos 1910, que são escassas, uma vez que os dois viam-se com frequência por morarem ambos em Viena, podemos notar que o vínculo entre eles ultrapassava o de uma relação de trabalho e mentoria (Lieberman & Kramer, 2012). Os dois dividiam, também, informações sobre suas vidas pessoais e dialogavam sobre seus anseios e interesses.

Quanto ao lugar de Ferenczi no movimento psicanalítico, já havíamos pontuado que a sua aproximação com a psicanálise fora motivada, em grande medida, pelo seu objetivo de buscar novas possibilidades terapêuticas para trabalhar com pacientes

¹⁴ Nascido em Viena, Sachs formou-se em direito e passou a frequentar o círculo psicanalítico da cidade em 1909, dedicando-se também à aplicação da psicanálise às humanidades, principalmente analisando poesias e obras literárias (Deutsch, 1947).

¹⁵ Em 2023, a editora Blucher publicou, sob a tradução de Natan Schäfer, o título *Poesia e mito: os textos que Freud banuiu de A interpretação dos Sonhos*. Nesse livro, prefaciado por Caio Padovan, são apresentados os artigos de Rank que estiveram presentes na *Interpretação dos Sonhos*, entre os anos de 1914 e 1930 (Rank, 2023). Ao que tudo indica, “as causas dessa supressão parecem estar ligadas mais a questões políticas e relacionais do que verdadeiramente epistêmicas. Foi a ruptura de Rank com o movimento psicanalítico – e do próprio movimento psicanalítico com Rank – que conduziu os editores de *A interpretação dos sonhos* a realizar uma operação cirúrgica, procurando extirpar da obra quase todos os traços de sua participação” (Padovan, 2023, p.23). Mais à frente, iremos explicar quais teriam sido essas questões políticas

neuróticos. É válido ressaltar que, muito rapidamente, o húngaro se afinou com o método psicanalítico, mostrando-se um exímio analista. De acordo com Casadore (2012),

No campo prático, [Ferenczi] foi responsável por uma particular ampliação do trabalho ao lidar com os casos tidos como difíceis (um desafio à psicanálise da época que se limitava, basicamente, ao trabalho com as neuroses de transferência, via interpretações associativas), especialmente aqueles com problemáticas narcísicas e aspectos psicóticos, além dos distúrbios psicossomáticos (p. 36).

Mas mais do que um importante teórico e um notável analista, Ferenczi também desempenhou um papel crucial na expansão e divulgação da doutrina freudiana, em Budapeste, promovendo debates e palestras junto ao corpo médico de sua cidade, ainda muito avessa às propostas trazidas pela psicanálise (Dean-Gomes, 2019). Por todo seu empenho para com a causa psicanalítica, não é de surpreender, pois, a declaração feita por Freud em *Contribuições à História do Movimento Psicanalítico* a respeito de Ferenczi (1914/2012): “A Hungria, geograficamente tão próxima a Áustria e dela tão distante cientificamente, forneceu à psicanálise apenas um colaborador até agora, S. Ferenczi, mas um que equivale a uma sociedade inteira.” (p. 281).

Sua cooperação com o crescimento do movimento não parou por aí. No II Congresso Internacional de Psicanálise, ocorrido em Nuremberg, em 1910, Ferenczi propôs, seguindo orientações de Freud, que fosse criada a Associação Psicanalítica Internacional (IPA), a qual daria à psicanálise um status mais formal e institucionalizado (Grosskurth, 1992). Mais tarde, em 1913, ele foi também o responsável por fundar a Sociedade Húngara de Psicanálise.

Sob o ponto de vista pessoal, vale a pena pontuar que Ferenczi e Freud tinham uma relação de grande amizade e proximidade, o que pode ser observado nas inúmeras correspondências trocadas entre eles (Brabant, Falzeder & Giampieri-Deutsch, 1993-2000). Grosskurth (1992) esclarece que Ferenczi teria sido seu confidente mais estimado e digno de confiança. Os dois viajaram juntos em diversas ocasiões, tanto para fins de trabalho como de lazer, e conheciam intimamente suas respectivas famílias. Alguns comentadores, todavia, apontam para o quanto Ferenczi parecia ser dependente da aprovação de Freud, o que, por vezes, resultava em certos impasses no relacionamento entre eles (Gay, 1988/2012; Lugin, 2012; Rachman, 1995/2004).

Junto ao trabalho administrativo e clínico e, em grande parte, justamente motivado pelo segundo, Ferenczi seguiu com uma produção teórica importante, a qual, diferentemente da de Rank, articulava-se, majoritariamente, às suas inquietações em relação à práxis analítica. Dos escritos de seus anos iniciais no movimento psicanalítico, destacam-se *Transferência e Introjeção* (1909/2011) e *O Desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios* (1913/2011), os quais fundamentaram uma série de desenvolvimentos subsequentes da técnica ferencziana. Em função de sua relevância teórico-conceitual e metodológica, iremos apresentá-los no próximo capítulo (seção 2.3.1.)

Em resumo, procuramos mostrar nessa seção que, até esse ponto, os caminhos de Rank e Ferenczi não se sobrepunham concretamente. Lugin (2012) pontua que, entre 1908 e 1913, o único elo entre eles era a relação privilegiada que ambos tinham com Freud, e as contribuições e empenho que os dois demonstravam para com a “causa analítica” (*die sache*): o primeiro sendo uma referência no campo da aplicação da psicanálise, e segundo sendo um dos mais respeitados analistas de sua geração. A seguir, discutiremos as primeiras divergências que começam a ocorrer entre Freud e seus seguidores, e o lugar que nossos protagonistas ocuparão frente a esse cenário de dissidências.

1.3. Dissidências e alianças

Em *Tronco e os Ramos* (2014), Renato Mezan propõe uma cronologia que delimita quatro momentos da história da psicanálise, desde sua criação. O primeiro momento, datado de 1895 a 1918, é caracterizado pela onipresença do pensamento freudiano nas produções psicanalíticas: “nessa época, psicanálise é essencialmente sinônimo de ‘pensamento de Freud’” (Mezan, 2014, p.48). Ainda que houvesse trocas e interlocuções com Freud, toda produção teórica de seus discípulos tinha como função a divulgação e comprovação do pensamento do mestre. Assim, restava aos seguidores duas opções: ou a fidelidade completa ou a dissidência.

Após o fim da Primeira Guerra Mundial, inaugura-se um outro período, que vai de 1918 a 1939, no qual começa a existir uma produção teórica paralela a de Freud dentro do movimento:

Essa segunda fase se caracteriza pela presença simultânea da figura de Freud – que continuava a construir seu pensamento e a introduzir nele alterações significativas – e de fatores cuja operação conjunta tende a favorecer a existência de focos de produção psicanalítica autônomos, embora ainda não suficientemente organizados para que se possa falar de tendências ou escolas claramente diferenciadas. O resultado dessa constelação é o surgimento de debates importantes – *dentro* da psicanálise – acerca de questões teóricas, clínicas e institucionais, enquanto anteriormente predominavam as discussões entre a psicanálise e o meio exterior (psiquiátrico, filosófico, psicológico etc.) (Mezan, 2014, p. 49).

Conhecida também como a *era dos debates*, nesse momento as discordâncias não levavam necessariamente a dissidências ou expulsões exemplares, como nos anos iniciais do movimento, mas sim à formação de *correntes de opinião* que formariam, depois, as bases para as escolas psicanalíticas (Mezan, 2014). Foi fundamentalmente sobre este pano de fundo que se desenrolaram importantes debates envolvendo nossos protagonistas – seja sob o ponto de vista institucional, teórico e clínico – resultando na ruptura de Rank com a psicanálise e numa permanência instável, por parte de Ferenczi, nela (Dean-Gomes, 2022).

Após a morte de Freud, inaugura-se o terceiro período desta cronologia, que vai de 1940 a 1975. Esta é a era das escolas, escolas estas que apesar de terem o mesmo núcleo de origem – a matriz freudiana de pensamento – apresentam diferenças significativas e conceituações próprias sobre o desenvolvimento subjetivo, a psicopatologia, a metapsicologia e o processo analítico.

Por fim, o período que vai de 1975 até o presente caracteriza-se por duas vertentes. A primeira delas é composta por analistas mais ortodoxos, que se mantêm fiéis às escolas institucionalizadas. Já a segunda compreende tanto analistas que transitam por diferentes escolas para então produzir um conhecimento novo, como por outros que traçam uma trajetória mais autoral, à margem das escolas institucionalizadas.

Partindo dessa sistematização feita por Mezan (2014), podemos perceber que os primórdios da psicanálise foram permeados, por um lado, por um grande efervescer de ideias, e por outro, por um grande rigor para que este novo campo do conhecimento se mantivesse uniformizado e centralizado dentro dos princípios que Freud elegeu para defini-lo (Pizzaro Obaid, 2012).

Retomando o que vínhamos desenvolvendo no tópico anterior, enquanto Ferenczi e Rank mantinham-se extremamente próximos à Freud e à sua doutrina, outros discípulos viram sua relação com o professor se deteriorar à medida em que começaram a propor desenvolvimentos teóricos que extrapolavam os limites estabelecido para a psicanálise naquele momento (Mezan, 2014). O ano de 1911 iniciou-se, nessa linha, com um intenso e tempestuoso debate entre Freud e Alfred Adler, o qual acabaria por culminar, meses depois, na dissidência do médico vienense – a primeira de algumas que se seguiriam nos anos seguintes.

Um ano depois foi a vez de Freud romper com Wilhelm Stekel¹⁶, selando o fim de uma relação que já vinha problemática há tempos (Gay, 1988/2012). Mais dramática ainda teria sido a dissidência de Carl Gustav Jung, destronado de “príncipe herdeiro” (McGuire, 1974/1976, p.281) da psicanálise, para detrator da causa.

Frente a esse cenário de dissidências, Freud sentiu-se impelido a reafirmar os limites de sua doutrina e a colocar ordem no movimento psicanalítico. Nas palavras de Cromberg (2008):

Após as rupturas sucessivas com Adler, Stekel e Jung, e durante o processo de elaboração dessas rupturas, Freud escreve quase simultaneamente os artigos que se tornarão seu legado sobre a técnica da psicanálise (1912-1914), *Totem e Tabu* (1913) e, logo após, *A história do movimento psicanalítico* (1914) (p. 335).

Para a autora, as publicações dos artigos sobre técnica, junto à divulgação de *Totem e Tabu* (1913/2012) e d’*A história do movimento psicanalítico* (1914/2012), teriam refundado “propriamente o movimento institucional psicanalítico centralizado em Freud como a figura de pai fundador da psicanálise” (p. 336). Enquanto em *Totem e Tabu* (1913/2012) Freud estabelece uma moderada interlocução com as ideias que Jung vinha desenvolvendo, em *Contribuições à história do movimento psicanalítico* (1914/2012), ele se posiciona clara e impiedosamente contra os desertores da causa, dedicando praticamente um capítulo inteiro para criticar as proposições de Stekel, Adler e Jung. Aproveita ainda o ensejo para enaltecer seus discípulos mais fiéis, tais como Rank e Ferenczi, em uma clara tentativa de separar o joio do trigo. De acordo com Gay

¹⁶ Médico e analista austríaco, membro da Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras desde os seus primórdios, Stekel (1868-1940) acabou se tornando alvo de uma importante campanha de difamação e desvalorização dentro da comunidade psicanalítica, mesmo tendo tido importantes contribuições acerca da técnica e teoria psicanalítica. Remeto o leitor ao trabalho de Marina Bialer (2022), que tenta fazer um resgate das ideias desse polêmico pensador.

(1988/2012), “[*Contribuições*] era a declaração de guerra de Freud. Enquanto redigia com fúria, enviou rascunhos aos íntimos, e passou a chamá-la carinhosamente de ‘bomba’” (p. 250).

Para além de possibilitar que Freud endereçasse suas respostas, no nível teórico, para cada um dos dissidentes, esses dois textos serviram, de acordo com Cromberg (2008), para Freud se reafirmar como o pai primordial da psicanálise, líder do movimento e o único capaz de dizer com exatidão do que ela se tratava. Isso fica claro, por exemplo, na seguinte passagem de *Contribuições à história do movimento psicanalítico* (Freud, 1914/2012): “A psicanálise é criação minha, por dez anos eu fui o único indivíduo que dela se ocupou . . . ninguém pode saber mais do que eu sobre o que é a psicanálise” (p. 246).

Fica ainda implícito nestes textos e na forma como ele conduziu as dissidências que, tal como o pai da horda, a qualquer sinal de ameaça por parte de algum de seus discípulos à doutrina que se formava ou, ainda, ao seu lugar como líder do movimento, Freud tomava medidas para se proteger – seja rompendo brutalmente com eles, seja institucionalizando progressivamente o movimento (Cromberg, 2008). Não havia, ao menos naquele momento, um caminho conciliatório ou a possibilidade de enxergar continuidades no que fosse divergente (Mezan, 2014).

É neste mesmo contexto que Freud passa a se dedicar aos seus trabalhos sobre técnica e sobre a metapsicologia¹⁷, visando à padronização e coesão deste corpo clínico-teórico (Casadore, 2012). Escritos entre 1911 e 1915, estes textos consolidaram os fundamentos teóricos da psicanálise e suas diretrizes (ou regras) clínicas, sem deixar dúvidas sobre o estatuto, o escopo e o ferramental dos psicanalistas.

Outra medida tomada nesse cenário, também dirigida à organização do movimento, foi a criação de um dispositivo institucional, ainda que extra-oficial, que tinha como proposta preservar a doutrina psicanalítica de qualquer forma de desvio ou má interpretação (Grosskurth, 1992). Estamos falando do Comitê Secreto, fundado no ano de 1912, em meio à ruptura de Jung.

Ernest Jones, seu grande idealizador, propôs à Freud que um pequeno grupo composto de seus seguidores mais fiéis e confiáveis se reunisse ao seu redor, como uma espécie de “guarda protetoriana” (Grosskurth, 1992, p. 75) das diretrizes clínico-político-teóricas do movimento. Não é nenhuma surpresa que Rank e Ferenczi tenham sido

¹⁷ Estamos nos referindo aos *Artigos sobre técnica* (1912-1915/2010) e *Ensaio de metapsicologia* (1915-1917/2010).

chamados para participarem do grupo, já que tinham um vínculo privilegiado com o professor há tempos. Juntaram-se a eles Jones, naturalmente, assim como Karl Abraham, Hanns Sachs e, mais à frente, em 1919, Max Eitingon.

O Comitê funcionou satisfatoriamente por alguns anos, conforme pontua Bo'kay (1998): “depois de 1913 houve um período de paz como resultado do equilíbrio do Comitê, o qual impediu potenciais oponentes de elaborarem suas próprias abordagens e confrontarem outros do grupo” (p. 190). A organização serviu ainda para estreitar laços entre alguns de seus componentes, conforme pontuou Ferenczi em uma correspondência para Freud, escrita em abril de 1914: “Aos poucos, a partir do Comitê, está sendo formado um círculo de amigos, no qual todos se sentem seguros” (Brabant, Falzeder & Giampieri-Deutsch, 1993, p.549).

É por intermédio do Comitê que os caminhos de Rank e Ferenczi começam, finalmente, a se aproximar mais ativamente (Lugrin, 2012). Meses antes da eclosão da Primeira Guerra Mundial, Freud convida os dois para passarem férias com ele em Brioni, episódio sobre o qual Ferenczi comenta, posteriormente: “Eu devo a essa viagem a oportunidade de me aproximar de Rank, cuja valiosa personalidade eu pude conhecer de perto, além do caráter gentil e agradável que já me eram familiares” (Brabant, Falzeder & Giampieri-Deutsch, 1993, p.549).

Contudo, esse mesmo Comitê que proporcionou alianças que perdurariam por anos, tal como a de Rank e Ferenczi, foi também o palco de embates irreconciliáveis entre seus membros. Aos poucos, foi se evidenciando que aquele conjunto de homens - que possuíam grandes diferenças em termos de ambições, personalidades, posicionamentos políticos e projetos para a causa – não seria capaz de manter-se alinhado em todos os assuntos que concerniam à causa psicanalítica (Grosskurth, 1992). Desta forma, o Comitê

Foi perpassado pelos conflitos que pretendia evitar: entre os discípulos judeus e Jones (o único não judeu), entre o norte e o sul (os berlinenses, de um lado, e os austríacos, do outro), . . . entre os partidários de uma renovação da técnica psicanalítica e os “ortodoxos”, entre uma política de expansão para os Estados Unidos e um fechamento no mundo europeu etc. (Roudinesco & Plon, 1997, p.122).

É importante mantermos esse aspecto em mente, já que, nessa contraposição, nossos protagonistas assumirão um posicionamento, em certos pontos, alinhado, diante

de uma série de acontecimentos que se desenrolarão no seio do movimento psicanalítico, a saber: um posicionamento mais progressista e contrário aos dogmatismos.

1.4. Tempos de Guerra

Em 28 de junho de 1914, o assassinato do arquiduque e herdeiro do Império Austro-Húngaro, Franz Ferdinand, por um nacionalista bósnio, leva a uma cascata de eventos que resultaria na Primeira Guerra Mundial. Os anos que se seguiram, foram, nas palavras de Bo'kay (1998), de “trágica e indesejada reorientação do movimento psicanalítico” (p190).

Além de um esvaziamento dos consultórios, muitos analistas tiveram que servir em seus exércitos nacionais, tendo que afastar-se de suas atividades clínicas e teóricas. Somado a isso, “as comunicações foram dificultadas e, ao longo do período de combates, a realização de congressos tornou-se impossível” (Dean-Gomes, 2019, p.217). As atividades editoriais, por sua vez, minguaram, visto que havia menos tempo e dinheiro disponíveis para as publicações (Gay, 1988/2012).

Assim sendo, apenas dois anos após a criação do Comitê Secreto, e ainda recuperando-se das recentes deserções, Freud viu o movimento sofrer uma brusca interrupção. Rank e Ferenczi eram os membros do Comitê que, juntamente a Hanns Sachs, estavam mais próximos geograficamente do professor durante a Guerra (Lugrin, 2012). Alguns comentadores apontam que o vínculo entre os dois e Freud teria, inclusive, se solidificado neste contexto (Lugrin, 2012; Lieberman & Kramer, 2012; Grosskurth, 1992).

Rank conseguiu escapar da convocação militar por dois anos. Nesse meio tempo, ele ajudou Freud a catalogar sua biblioteca, sendo esse o intervalo em que os dois conviveram por mais tempo em toda sua história (Lieberman & Kramer, 2012). Contudo, em 1916, ele foi, a contragosto, alocado na Cracóvia, onde assumiu o posto de editor do folhetim militar *Krakauer Zeitung*. Apesar dos episódios depressivos que marcam seus dois anos de serviço militar, seu biógrafo aponta que “a Guerra o forçou a ser mais independente, tanto em sua carreira como em sua vida pessoal. Ele retornou a Viena como um homem mudado” (Lieberman, 1985, p. 154).

Ferenczi, por sua vez, foi nomeado médico no quartel militar de Pápa, cidade a cerca de 160 km de Budapeste. Lá teve contato com quadros neuróticos que tensionavam não só o método analítico clássico, como também o modelo teórico vigente. Essas

novidades teriam levado o húngaro a refletir acerca da noção de trauma, bem como a propor a técnica ativa como uma alternativa ao tratamento padrão, conforme discutiremos a seguir (Dean Gomes, 2019). Os anos de Guerra foram também para Ferenczi o momento de um amplo diálogo com Freud. Além das inúmeras correspondências trocadas entre eles, o húngaro passou por três períodos breves, mas intensos, de análise com o professor (Brabant, Falzeder & Giampieri-Deutsch, 1993-2000)¹⁸.

A Primeira Grande Guerra causou, conforme já apontamos, uma desorganização das atividades do movimento psicanalítico, além de ter provocado um sentimento de incerteza e apreensão na população (Gay, 1988/2012). Em função das mudanças econômicas, políticas e clínicas desencadeadas por esse evento avassalador, podemos considerá-la um marco para a psicanálise: depois dela e, em muito por causa dela, os analistas foram forçados a repensar uma série de questões teóricas e clínicas, assim como a discutir a formação e institucionalização do movimento (Schröter, 2004).

Rank e Ferenczi, sempre muito abertos às novidades e contrários ao enrijecimento da doutrina psicanalítica, foram vozes ativas nas disputas que se deflagraram dentro da comunidade psicanalítica no pós-guerra, além de terem sido proponentes de reformulações teórico-metodológicas importantes (Hoffer, 2008). Os dois formaram, pois, uma espécie de “coalizão austro-húngara” favorável a iniciativas mais flexíveis e liberais, e que se opunha aos posicionamentos ortodoxos e rígidos dos membros do norte europeu (Abraham, Jones e Eitingon).

Se, até esse momento, seus percursos dentro da psicanálise mal se encontravam, isso mudará significativamente nos anos que sucedem a Guerra: forma-se, finalmente, uma espécie de aliança entre esses dois homens. Citando Lugin (2012), mais uma vez, “homens com temperamentos e trajetórias bastante diferentes e entradas na psicanálise distintas, Rank e Ferenczi verão a natureza do seu relacionamento mudar dramaticamente depois da guerra” (p. 360).

¹⁸ Foi nesse período que Ferenczi se viu em um triângulo amoroso entre Gizella Pálos, uma mulher oito anos mais velha que ele, com quem se relacionava desde o início de 1900; e a filha dela, Elma, a qual teria começado a atender após o suicídio de seu noivo. Freud foi o grande interlocutor de Ferenczi ao longo deste torturante capítulo de sua vida pessoal, conforme podemos acompanhar em suas correspondências (Brabant, et al., 1993-2000).

2. EM BUSCA DE UMA EXPANSÃO DA PSICANÁLISE

2.1. Disputas institucionais no pós-Guerra: um contraponto progressista

Diferenças apareceram consistentemente entre os membros liberais e conservadores do Círculo Ferenczi e Rank geralmente se alinhavam à esquerda de Freud, enquanto Abraham e Jones ficavam à direita

Lieberman, 1985, p. 175.

Conforme indicamos no capítulo anterior, a Primeira Guerra Mundial minguou as atividades analíticas, as quais começam a retornar de forma mais significativa em 1918, com a vitória dos Aliados sobre os Impérios Centrais. Um importante marco do retorno das atividades foi o V Congresso Internacional de Psicanálise, realizado em Budapeste, em setembro de 1918, no qual se discutiu importantes tópicos acerca da teoria e técnica psicanalítica.

Apesar dos anos que se seguiram terem sido marcados por intensas turbulências políticas e econômicas em países nos quais a psicanálise tinha, até então, uma grande expressividade, como Alemanha, Áustria e Hungria - territórios derrotados na Grande Guerra –, esse também foi um período de uma grande efervescência artística e cultural. Deste modo, a despeito de todos os desafios externos, nas décadas de 1920 e 1930, a psicanálise se consolida como “disciplina científica, como método clínico e como movimento organizado institucionalmente” (Mezan, 2014, p.242).

O Comitê Secreto, que pouco se reunira ao longo dos anos de Guerra, volta a se encontrar a partir de então, mas o clima já não seria tão pacífico quanto em seus primórdios (Grosskurth, 1992). Acompanhando as *Rundbriefes*, cartas circulares que passavam de mãos em mãos entre todos os membros do grupo, assim como as correspondências trocadas entre eles nesse período, é possível perceber uma animosidade cada vez mais crescente entre seus membros¹⁹.

Naquele estreito círculo, “Freud era particularmente próximo de Rank e Ferenczi, mas precisava igualmente dos outros” (Gay, 1988/2012, p.428). Apoiado pelos berlinenses (Karl Abraham e Max Eitingon), Ernest Jones dedicou-se a impor os princípios de uma ortodoxia psicanalítica, encontrando em Ferenczi e Rank dois

¹⁹ Remeto o leitor ao já citado livro *O Círculo Secreto: o círculo íntimo de Freud e a política da psicanálise*, no qual Phyllis Grosskurth (1992) faz uma ampla apresentação da história do Comitê Secreto, da sua origem à sua dissolução, trazendo trechos das *Rundbriefes*, cartas, atas de reuniões etc.

opponentes a essa tendência (Bo'kay, 1998). Assim sendo, aos poucos foi se delineando dentro do Comitê “dois eixos políticos, o eixo Viena-Budapeste e o eixo Berlim-Londres (Nova York)” (Lugrin, 2012, p. 362). É válido pontuar que Freud não deixou de esconder seu apoio à dupla austro-húngara em diversos dos debates em que eles se envolveram, mas nunca a ponto de desqualificar por completo os posicionamentos dos outros discípulos.

Conforme sugere Bo'Kay (1998), a “rivalidade entre os irmãos” dos membros do Comitê impediu, até certo ponto, que eles se envolvessem em uma “rebelião edipiana” contra o mestre, funcionando, por conseguinte, como um instrumento de controle. Por outro lado, se a ideia original da organização secreta era preservar a ordem e a pureza doutrinal, na prática, ocorreu algo um tanto diferente: o Comitê acabou sendo

Perpassado pelos conflitos que pretendia evitar . . . As rivalidades internas acabaram por reduzi-lo à impotência, dado que as divergências sobre a técnica e sobre a teoria pareciam aos olhos de seus integrantes perigosas heresias, mais do que debates saudáveis sobre temas controversos (Mezan, 2014, p.251).

Dentre os diversos temas debatidos pelos integrantes do grupo - ora de forma mais amigável, ora de forma mais tempestuosa – nos interessa, em especial, a questão da análise didática, da análise leiga, e a competição editorial envolvendo Rank e Jones. Mais à frente, também falaremos das discussões acerca da técnica e teoria que se deflagraram no Comitê com a publicação de *Metas do Desenvolvimento da Psicanálise* (Ferenczi & Rank, 1924/2022) e *Trauma do Nascimento* (Rank, 1924/2016). É importante termos em mente, desde já, que os laços entre esses homens já estavam bastante desgastados, em função das disputas políticas e institucionais que vinham se montando entre eles, quando esses livros vêm à público.

Tratemos, então, do debate acerca da questão da *análise didática*. Segundo Mezan (2014), no pós-Guerra, houve um adensamento no número de praticantes da psicanálise, assim como um maior contato com casos considerados de difícil analisabilidade. Além disso, naquele momento, Berlim vislumbrava a criação da primeira policlínica de psicanálise²⁰, na qual o tratamento analítico seria oferecido gratuitamente a pacientes sem recursos, e onde futuros analistas seriam formalmente treinados (Lugrin, 2012). Em razão

²⁰ Inaugurado por Eitingon, Abraham e Max Simmel, em fevereiro de 1920, o Instituto Psicanalítico de Berlim foi um verdadeiro laboratório de formação de terapeutas, desempenhando, por cerca de dez anos, um papel considerável na elaboração dos princípios da análise didática (Roudinesco & Plon, 1997).

disso, passaram a existir maiores exigências quanto à qualidade e padronização da formação dos analistas.

Vale lembrar que, nos primórdios do movimento psicanalítico, não havia uma sistematização ou padronização na formação dos analistas, haja vista que o próprio campo ainda estava em formação. Até então, a psicanálise era, pois, “praticada por médicos e intelectuais dispostos a estudar e compreender as propostas freudianas e, quando necessário, passarem eles próprios por análises pessoais para experimentar em si a agência do inconsciente” (Bulamah, 2014, p.11). Portanto, nem todos os analistas da primeira geração passaram por uma análise e, mesmo os que passaram, vivenciaram-na, por vezes, de forma um tanto fragmentada.

Contudo, como vínhamos pontuando, o pós-Guerra impôs à psicanálise – enquanto instituição e enquanto corpo teórico-metodológico - uma nova realidade. Desse modo, no supracitado Congresso de Budapeste, Hermann Nunberg, um psicanalista vienense, propõe um requisito no treinamento dos analistas em formação: passar por uma análise didática, obrigatoriamente, a qual deveria ser distinta da análise pessoal. Essa última já vinha sendo recomendada aos praticantes da psicanálise, mas ainda não imposta (Lugrin, 2012).

De acordo com Lugrin (2012), “dois analistas, Rank e Ferenczi, imediatamente se opõem a essa proposta, que envolvia uma institucionalização programada do treinamento de analistas” (p. 362), sendo endossados por Freud, que também não achava isso necessário (Lieberman, 1985). Aqui, vale pontuar que, a crítica deles era dirigida diretamente ao aparelhamento do processo analítico pelas instituições - as quais se viam autorizadas a ditar o tempo e outros aspectos do tratamento - e não aos inegáveis e necessários conhecimentos – explícitos e tácitos – que podem ser retirados de uma análise. Ferenczi, inclusive, foi um importante defensor da análise do analista, mas, ao mesmo tempo, sempre alertou para a potencial rigidez e autoritarismo quando esta vinha em uma roupagem “didática” (Vieira & Cruxên, 2015)²¹.

Seguindo o mesmo propósito do debate sobre a análise didática, a saber, o de “preservar a psicanálise dos crescentes abusos de popularidade, mantendo sua qualidade, emergiu a necessidade de uma *seleção* dos candidatos à formação, oferecidos pelos

²¹ Esse debate permaneceu em jogo por mais alguns anos, até que, em 1925, a análise didática passou a ser obrigatória pela IPA. É válido pontuar que esse seguiu sendo um importante tópico de discussão e disputa dentro da segunda geração de psicanalistas (Mezan, 2014).

institutos psicanalíticos já presentes em alguns países” (Bulamah, 2014, p.11). É nesse contexto que surge a discussão sobre a questão da *análise leiga*.²²

Conforme pincelamos anteriormente, nos primórdios da psicanálise nomeava-se de “leigos” os psicanalistas sem formação médica de base. Embora até o final da Primeira Guerra Mundial a maior parte dos psicanalistas que atuavam na clínica fossem médicos, não havia, até então, qualquer diretriz que restringisse a prática clínica a eles. Freud, especialmente, nunca fez qualquer impedimento quanto a isso, visto que para ele sempre foi importante preservar a independência da psicanálise em relação à Medicina²³ (Freud, 1926b/2014). Portanto, havia, ainda que em minoria, não-médicos atuando como analistas, como a filósofa e poeta Lou Andréas-Salomé; Siegfried Bernfeld etc.

Schröter (2004) pontua que a questão da análise leiga se torna, de fato, uma questão, depois de 1918, quando

Em função do “espírito da época” houve um chamado por mais terapia. Como resultado, o número de psicanalistas aumentou, e os leigos passaram a migrar para o trabalho clínico. . . . Quando os analistas leigos ultrapassaram o campo de pesquisa da “aplicação” e entraram para o domínio da prática terapêutica – onde eles começaram a de fato competir com a irmandade dos médicos – um conflito veio à tona (p.164).

Os analistas norte-americanos, em especial, opuseram-se radicalmente à análise leiga, encontrando apoio em Jones, que defendia insistentemente, dentro do Comitê, que os analistas tinham de ter formação em Medicina (Grosskurth, 1992). Direto de Berlim, Abraham também argumentava que os leigos eram importantes nas suas contribuições à psicanálise aplicada às humanidades, e deveriam se restringir a este domínio, deixando a prática terapêutica guardada aos médicos (Schröter, 2004).

²² Ainda sobre os parâmetros de formação dos futuros analistas, o círculo secreto também se viu às voltas com a possibilidade de candidatos homossexuais serem ou não elegíveis à prática analítica. Conforme pontua Bulamah (2014), Rank, junto à Freud, foram os únicos a demonstrar um posicionamento favorável a essa possibilidade, destoando das críticas advindas, sobretudo, dos berlinenses e de Jones.

²³ Em 1926, Freud chega a fazer um posicionamento formalizado a respeito da possibilidade de não-médicos atuarem como analistas, no texto *A questão da análise leiga: diálogo com um interlocutor imparcial*. No artigo, Freud deixa claro que a psicanálise é um saber desatrelado da Medicina, e que a formação médica não garante, por si só, a construção de uma escuta analítica adequada. O que torna alguém apto para praticar a psicanálise, seja um leigo ou não, é a formação adequada para isso (que envolveria análise, supervisão e uma compreensão profunda da teoria psicanalítica): “ênfatiso a exigência de que não deve exercer a psicanálise quem não tenha adquirido o direito de fazê-lo, mediante formação específica. Se essa pessoa é ou não médico, parece-me secundário” (Freud, 1926b/2014, p.195).

Novamente, Ferenczi e Rank se mostraram contrários a esta restrição, mas, diferentemente de Rank, Ferenczi não tinha nada a perder com esse debate, visto que seu trabalho como analista era incontestável e altamente reconhecido. A situação de Rank, por sua vez, era um tanto diferente. Como já mostramos, Rank era, possivelmente, um dos psicanalistas mais dedicados à causa psicanalítica de sua geração, tendo se concentrado exclusivamente no campo de aplicação da psicanálise às humanidades por mais de uma década (Castro, 2016). Mas, guiado por seu veio inquieto e inovador, e buscando uma autonomia financeira, ele acabou seguindo a tendência vivida por alguns leigos, naquele momento, ampliando seu escopo de atividades também para a clínica (Lieberman, 1985).

Assim sendo, em 1920, Rank começa a receber seus primeiros pacientes em Viena, sendo a maior parte deles referenciados por Freud. Esses não eram exatamente casos difíceis, e sim, em maioria, “pacientes estrangeiros que desejavam se tornar analistas” (Lugrin, 2012, p.363). Porém, havia alguns elementos complicadores na recém iniciada carreira clínica de Rank, os quais não passaram despercebidos aos olhos de seus colegas: além da falta de diploma médico, Rank nunca havia se submetido, formalmente, a uma análise antes, e parecia não ter nenhum interesse em fazê-lo. Mais do que isso, ele havia recentemente se “posicionado contra a eventual obrigatoriedade da análise didática” (Lugrin, 2012, p.363).

Conforme comenta Lugrin (2012), sua credibilidade como analista ficou muito fragilizada em razão desses fatores – não aos olhos de Freud, mas, certamente, aos olhos dos berlinenses e de Jones. Porém, diferentemente de Ferenczi, que era mais cuidadoso em seus movimentos e, em certa medida, dependente da aprovação externa, Rank era muito mais resoluto e despreocupado com a opinião alheia (Lugrin, 2012). Portanto, essas críticas não lhe fizeram reconsiderar sua prática clínica.

Além dessa controversa entrada na cena analítica, Rank também se tornava, naquele momento, o diretor da revista *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse* e o presidente da *Verlag* - a editora e imprensa oficial do movimento psicanalítico, criada durante o famoso Congresso de Budapeste. Mas o vienense não era o único membro do Comitê mergulhado em atividades editoriais: em 1920, Jones lança o *International Journal of Psychoanalysis*. Com diferenças importantes – e por vezes inconciliáveis – entre os modelos de direção editorial de Jones e de Rank, a situação entre eles, que já não era exatamente amigável, se torna ainda mais delicada, sendo o primeiro apoiado por analistas norte-americanos e, o segundo, por Freud (Lugrin, 2012).

De acordo com Gay (1988/2012), o principal ponto em questão nessa problemática era, supostamente, um anseio do britânico em dar abertura para publicações em língua inglesa à literatura psicanalítica, em contraste com as massivas publicações em alemão do *Zeitschrift*. Dessa forma, em busca de angariar contribuições de psicanalistas americanos para sua revista, Jones acabou “aceitando vários artigos que não se adequavam aos elevados padrões que os vienenses julgavam essenciais, e Rank não hesitou em criticar publicamente as escolhas de Jones” (Gay, 1988/2012, p.428).

Mas a postura heterodoxa de nossos protagonistas não se resumiu a questões de ordem institucionais, de transmissão e formativas. Ferenczi foi responsável por *ampliar* as possibilidades terapêuticas do método psicanalítico que, fixado no clássico tripé associação livre-interpretação-abstinência, vinha se mostrando ineficaz para tratar de certos tipos de sofrimento psíquico, conforme o próprio Freud (1919[1918]/2010) reconhece no Congresso de Budapeste. Vejamos, agora, qual foi o pronunciamento do professor a respeito desta questão, de que maneira Ferenczi atendeu ao chamado de Freud, e de que forma Rank se juntou, posteriormente, ao debate a respeito da técnica psicanalítica.

2.2. Os limites da técnica psicanalítica clássica

Freud inicia a conferência *Caminhos da Terapia Psicanalítica* (1919[1918]/2010), apresentada no V Congresso Internacional de Psicanálise de Budapeste, em setembro de 1918, com um pronunciamento bastante enfático a respeito do estatuto do saber psicanalítico:

Como sabem, nunca nos gabamos da completude e inteireza de nosso saber e de nossa capacidade; estamos prontos, agora não menos que antes, a admitir as imperfeições de nosso conhecimento, aprender novas coisas e mudar em nossos procedimentos o que puder ser melhorado (p. 280).

Após tempos sem poder se reunir com seus seguidores, em razão da Primeira Guerra Mundial, Freud usa, então, seu espaço naquele Congresso para avaliar o estado atual da psicanálise, reafirmando seus fundamentos e indicando possíveis caminhos (*wege*) para que ela pudesse se adaptar aos novos desafios clínicos que vinham se impondo aos psicanalistas naquele momento.

Para além disso, Kupermann (2019) aponta que a conferência proferida por Freud pode ser considerada um tapete vermelho estendido para Ferenczi, não só porque neste Congresso ele é eleito o presidente da Associação Internacional de Psicanálise, mas, principalmente, porque ele é nomeado por Freud como o responsável por indicar, por meio de suas experiências com a técnica ativa, novos caminhos para a técnica psicanalítica. Anuncia Freud (1919[1918]/2010):

O desenvolvimento de nossa terapia tomará provavelmente outros caminhos, sobretudo aqueles que Ferenczi, no seu trabalho “Dificuldades técnicas de uma análise de histeria” (Internationale Zeitschrift für ärztliche Psychoanalyse [Revista Internacional de Psicanálise Médica, v.5], 1919), caracterizou como “atividade” por parte do analista (p. 285).

Deste modo, Freud (1919[1918]/2010) prepara o terreno dentro da comunidade psicanalítica para as modificações da técnica que vinham sendo desenvolvidas por seu discípulo, as quais ganhariam contornos mais delineados em publicações do húngaro dos anos seguintes, conforme mostraremos a seguir. Tratava-se, pois, “de um gesto de amizade, decerto, vinculado à ideia de que a técnica analítica não é algo acabado e estático, mas passível de transformações de acordo com os impasses da clínica” (Kupermann, 2010, p. 33).

Havia, também, um posicionamento político nas entrelinhas desse pronunciamento de Freud. Ao sinalizar uma abertura às inovações técnicas de Ferenczi, Freud também acaba por se posicionar, ainda que de forma discreta, contrariamente ao “dogmatismo esterilizante” (Kupermann, 2019, p. 45) instalado, precocemente, no movimento psicanalítico. É bom lembrar, como sugere Dean-Gomes (2019), que em função dos diversos papéis que Freud ocupava no movimento psicanalítico, nem sempre ele pôde expor publicamente suas reflexões, para não gerar controvérsias e caos dentro do movimento, terceirizando para alguns de seus discípulos essa tarefa.

Antes de explicar quais seriam os caminhos possíveis para a terapia psicanalítica, Freud (1919[1918]/2010), inicialmente, retoma os fundamentos metodológicos da psicanálise estabelecidos até o momento, reiterando que é a principal ferramenta da qual o analista dispõe é a *interpretação*. Para ele, o fazer do analista seria compatível, em muitos aspectos, com o ofício dos químicos ou melhor, com a análise química dos elementos. Assim como o químico trabalha com substâncias encontradas na natureza que podem ser decompostas em elementos isolados e, a partir disso, recombina em outros

compostos, o psicanalista também lança mão da *análise*, que etimologicamente significa “dissecção” ou “decomposição”, para mostrar ao paciente quais são os elementos básicos que compõem sua complexa vida anímica: “nós *analisamos* o doente, isto é, decomposemos sua atividade psíquica em suas partes constitutivas elementares, mostrando esses elementos instintuais isoladamente” (Freud, 1919[1918]/2010, p.282).

E, assim como os elementos químicos isolados podem ser combinados em novos complexos, Freud entendia que a análise dos sintomas neuróticos possibilitaria à libido se organizar em novos arranjos, possivelmente mais saudáveis que os anteriores. Isso ocorreria graças à *compulsão de unificação e combinação* advinda da instância egóica, a qual é responsável por ligar imediatamente a energia que se encontra desligada em novos nexos. Tal processo ocorre à revelia do analista, “automática e inevitavelmente” (Freud, 1919[1918]/2010, p.284).

Portanto, à princípio, não seria preciso do analista um trabalho de *psicossíntese*, isto é, de fazer novas ligações pelo seu paciente: a análise, através da decomposição dos sintomas e interpretação das resistências, produz as condições necessárias para que o ego desempenhe naturalmente o seu potencial unificador, estabelecendo conexões “menos anacrônicas e mais adequadas ao seu estilo de vida contemporâneo” (Kupermann, 2010, p. 34). Isso mostra que a psicanálise do início do século XX se apoiava na “fé cega nas sínteses egóicas dos analisandos e na faca amolada da interpretação do psicanalista” (Kupermann, 2017, p. 30).

Porém, não raramente, a libido recém liberta do seu sintoma acaba sendo investida prematuramente em satisfações substitutivas, antes mesmo de haver uma análise completa dos conteúdos inconscientes que sustentam os sintomas neuróticos. Desse modo, para se ver livre do sofrimento, o Eu pode alocar precocemente a libido em novas satisfações substitutivas, o que levaria a uma “perda da energia necessária para a terapia” (Freud, 1919[1918]/2010, p.287). Tal mecanismo pode ser identificado nas atuações (*acting out*) e na formação de outros sintomas psicossomáticos que podem se desenvolver durante o tratamento, ou ainda numa adesividade transferencial exacerbada com o analista. Nesta última, o analisando encontra satisfação no próprio vínculo com o analista, de modo que essa manutenção da neurose de transferência tende a tornar as análises intermináveis (Kupermann, 2019).

Portanto, para que o sujeito tenha uma melhora significativa e duradoura de seus sintomas é preciso que o analista se posicione de forma contrária às satisfações substitutivas, garantindo que algum grau de sofrimento ou frustração seja mantido ao

longo do tratamento. Para isso, ele deve se valer do princípio de abstinência, o qual preconiza que “*o tratamento analítico deve, tanto quanto possível, ser conduzido na privação, na abstinência*” (Freud, 1919[1918]/2010, p.285). O analista, logo, não deve atender à demanda de amor de seus pacientes ou tirar satisfação desta relação, tampouco deve impor ao paciente seus ideais e crenças pessoais, modelando-os a partir de sua própria imagem. Isso seria fundamental para garantir que o paciente continue em posse da força motriz necessária ao trabalho de análise.

Mas, lembremos que o modelo ao qual Freud se refere, ou, ainda, o “primeiro sistema freudiano”, fora desenhado e desenvolvido a partir da matriz clínica da histeria. De acordo com Mezan (2014), ainda que em sua prática analítica o professor estivesse em contato com outras matrizes clínicas²⁴ (como a neurose obsessiva, a psicose e a melancolia), ele privilegiou, “nos primeiros dez ou quinze anos de seu trabalho, aquela forma de neurose com a qual se depara mais frequentemente, a saber, a histeria” (p.85). Ou seja, a histeria foi utilizada, por um certo tempo, como sua referência central para se pensar a clínica, psicopatologia, epistemologia e metapsicologia.

Contudo, Freud (1919[1918]/2010) reconheceu que nem todas as patologias poderiam ser resolvidas com a mesma técnica, exigindo do analista, pois, “uma outra atividade” (p.289). Casos considerados “graves” ou “severos”, como certas neuroses obsessivas e fobias, escancaravam os limites do método psicanalítico clássico - baseado no tripé princípio de abstinência, associação livre e interpretação - e vinham demandando do analista intervenções ativas no sentido de evitar a estagnação dos tratamentos capturados pelas satisfações substitutivas acima descritas.

O caso do “Homem dos Lobos”²⁵ (Freud, 1918[1914]/2010), publicado por Freud no mesmo ano desta conferência, fora paradigmático nesse sentido: a postura de “dócil indiferença” (Freud, 1918[1914]/2010, p.18) de Serguéi Pankejeff às interpretações e intervenções de Freud levou o tratamento a uma estagnação. Visando superar as resistências impostas pela aderência transferencial estabelecida com o paciente, Freud então estabeleceu um prazo para o final da análise. Com isso “sua resistência, sua fixação na enfermidade cedeu, e num período relativamente curto a análise forneceu todo o material que possibilitou o levantamento das inibições e a eliminação dos sintomas” (Freud, 1918[1914]/2010, p.19).

²⁴ Tal conceito pode ser definido como “um tipo determinado de organização psicopatológica, com sua estrutura própria, seus conflitos originadores e suas modalidades próprias de defesa” (Mezan, 1988, p.27).

²⁵ Para uma discussão mais aprofundada sobre este caso, remeto o leitor ao trabalho de Grajew (2018).

De uma forma um pouco menos aprofundada, ele também sinaliza, nessa Conferência, que o manejo das histerias de angústia graves passaria por incentivar, em um estágio já avançado do tratamento, que os pacientes enfrentem o objeto fóbico, “combatendo a angústia” (Freud, 1919[1918]/2010, p. 290), para que então, apaziguando-a, o doente se veja em condições de adquirir as associações e lembranças que levarão à solução da fobia. Já no caso das neuroses obsessivas severas, seria preciso esperar que a própria análise se torne um sintoma compulsivo, para então “suprimir violentamente a compulsão patológica” (Freud, 1919[1918]/2010, p.290). Essas seriam “amostras dos novos desenvolvimentos que se oferecem para nossa terapia” (Freud, 1919[1918]/2010, p.290).

Portanto, Freud (1919[1918]/2010) aponta a técnica ativa como um caminho para a terapia psicanalítica, uma *alternativa* para quando a interpretação das resistências e do conteúdo recalcado se mostrasse insuficiente. No trecho, a seguir, fica claro este direcionamento:

Mas devemos deixar o doente a lidar sozinho com as resistências que lhe foram apontadas? Não podemos lhe prestar outro auxílio senão o que ele experimenta como o estímulo da terapia? Não é natural ajudá-lo também de outra forma, colocando-o na situação psíquica mais favorável para a desejada situação do conflito? Pois o que ele pode alcançar depende igualmente de uma série de circunstâncias externas. Devemos hesitar em interferir nessa constelação externa, modificando-a adequadamente? *Penso que uma tal atividade do médico que analisa é inatacável e inteiramente justificada* (Freud, 1919[1918]/2010, p.285, *itálicos nossos*).

É válido apontar, como bem ressalta Kupermann (2019), que a admissão da técnica ativa não significava trocar ou “fundir o ouro puro da análise com o cobre da sugestão” (Freud, 1919[1918]/2010, p.292), proposta de Freud que aparece nessa mesma conferência, no tocante à discussão sobre as clínicas públicas de psicanálise e de sua aplicabilidade às grandes massas. Essa abertura à técnica ativa seria, na verdade, uma maneira de tornar a psicanálise um método de tratamento efetivo para outras formas patológicas que não só as psiconeuroses clássicas, patologias essas que começariam a se adensar nos consultórios no contexto pós-guerra.

Essa conferência foi um importante balizador da trajetória clínica de Ferenczi – e, indiretamente, também de Rank - que, como já dissemos em outro momento, sempre se

manteve alerta aos gargalos do método psicanalítico, disposto a ampliá-lo para poder tratar – e curar - todos aqueles que o procurassem. Esse pronunciamento de Freud (1919[1918]/2010), pareceu ser o sinal necessário para ele se autorizar a apresentar formulações técnicas cada vez mais arrojadas, encontrando, na colaboração intelectual com Rank, posteriormente, uma parceria pujante na defesa da técnica ativa.

Façamos agora um apanhado do percurso de Ferenczi com a técnica ativa até o momento em que suas formulações a esse respeito se juntam às de Rank. Ainda que a seguinte seção possa ser um pouco longa e focalizada em apenas um de nossos personagens, entendemos que ela se faz fundamental, pois muitos dos assuntos trabalhados junto a Rank já vinham sendo discutidos exaustivamente pelo húngaro. Em contrapartida, não há muito o que dizer sobre o percurso prévio de Rank com essa temática, visto que ele debuta no campo dos escritos sobre a técnica justamente na parceria com Ferenczi.

2.3. A construção da técnica ativa de Ferenczi

Como vínhamos mostrando, no final dos anos 1910, a psicanálise teve de se haver com uma série de desafios de ordem institucional e clínico. Para além da crise econômica e dos reflexos da Primeira Guerra Mundial, os analistas vinham, cada vez mais, se defrontando com casos de difícil analisabilidade, conforme denuncia Freud (1919[1918]/2010) na supracitada Conferência de Budapeste, de 1918. Não à toa, esse foi um período que inaugurou uma série de reformulações metapsicológicas por parte de Freud, além de inovações técnicas que tiveram em Ferenczi um grande expoente (Dean-Gomes, 2019).

Entre os anos de 1919 e 1926, o húngaro publicou textos – entre os quais está incluído *Metas do Desenvolvimento da Psicanálise* (Ferenczi & Rank, 1924/2022) –, nos quais ele apresenta alternativas de manejos transferenciais voltadas à clínica dos casos “difíceis”. Agrupadas em um método que recebeu o nome de *técnica ativa*, essas ferramentas deveriam ser utilizadas em caráter de excepcionalidade e como um complemento à técnica psicanalítica tradicional, visando combater as situações de estreitamento elaborativo dos pacientes. De acordo com Vieira (2018):

Em momentos específicos e sob circunstâncias igualmente especiais de retraimento elaborativo, Ferenczi aponta como a técnica ativa pode ser um

instrumento auxiliar, vindo em socorro de um tratamento que se encontra paralisado devido ao acomodamento dos analisandos no amor transferencial. Para ele, trata-se de tomar uma direção contrária ao princípio do prazer e desfazer certas formas autoeróticas de satisfação, aumentando a tensão (um incremento na produção de angústia) e produzindo novas distribuições de libido, possibilitando novas associações para o material recalçado (p.82).

Antes de iniciarmos a apresentação de seus textos dedicados à técnica ativa, pode ser importante colocarmos uma lupa em dois trabalhos publicados por ele, anos antes da Conferência de Budapeste, quais sejam, *Transferência e Introjeção* (1909/2011) e *O Desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios* (1913/2011). Nesses artigos, encontram-se algumas das bases conceituais necessárias para compreendermos as especificidades das formulações técnicas ferenczianas, que se iniciam em 1919, com a técnica ativa, chegando à neocatarse, em seus escritos derradeiros (Silva & Caropreso, 2020).

2.3.1. Algumas bases teóricas da técnica ferencziana

Em *Transferência e Introjeção* (1909/2011), trabalho considerado por muitos o seu primeiro texto psicanalítico clássico (Dean-Gomes, 2019), além de Ferenczi introduzir o conceito de *introjeção* pela primeira vez no vocabulário psicanalítico, conforme pontuam Laplanche & Pontalis (2001), ele propõe uma minuciosa caracterização da noção de *transferência*, ampliando aquilo que já havia sido discutido por Freud acerca do fenômeno em outras ocasiões, como em *Estudos sobre histeria* (1893-1895/2016) e o *Caso Dora* (1905[1901]/2016b).

Ferenczi (1909/2011) situa a transferência como um “mecanismo psíquico característico da neurose em geral, que se manifesta em todas as circunstâncias da vida” (p. 88), ressaltando que não se trata de um fenômeno exclusivo à cena analítica, um obstáculo que nela pode aparecer e que deve ser, por conseguinte, ultrapassado. O que ocorre é que na relação clínica, em especial, existe o encontro entre o neurótico, o qual tende a deslocar componentes afetivos de representações penosas para outros lugares, e a figura de um médico “benevolente” (Ferenczi, 1909/2011, p.91), o qual acaba por atrair para si, como um catalisador, estes afetos que estão livremente flutuantes em seu paciente.

Este deslocamento de afetos flutuantes para “pessoas e coisas do mundo externo” (p.90) recebe o nome de *transferência*. A transferência, quando na cena analítica, deve

ser então manejada, isto é, o analista deve ser capaz de conduzir o paciente a buscar as fontes primárias dos afetos deslocados, complexos (ou representações) que estão, até então, desinvestidos, inconscientes.

O autor ainda associa o fenômeno de projeção à paranoia e o de introjeção à neurose, pontuando que enquanto o paranoico procura projetar para o exterior as emoções penosas, o neurótico procura incluir (ou *introjetar*) em sua esfera de interesses elementos do mundo externo, tornando-os objetos de fantasias conscientes e inconscientes, as quais colaboram para atenuação do desprazer causado por tais afetos flutuantes, ou ainda, pela libido insatisfeita. Em sua acepção, o neurótico, estaria, portanto, “numa perpétua busca de objetos de identificação, de *transferência*; isso significa que atrai tudo o que pode para sua esfera de interesses, ‘*introjeta-os*’” (Ferenczi, 1909/2011, p.95, *itálicos nossos*).

Para Lagache (1980), na perspectiva ferencziana, a transferência seria um tipo de introjeção que, ao longo do tratamento analítico, acabaria por tomar como objeto a figura do médico. Nesse sentido, a transferência não seria apenas uma atualização de memórias infantis recalçadas, mas também um processo criador, que leva ao alargamento do eu.

Apesar de haver uma dificuldade em definir com exatidão a acepção de introjeção para o autor neste trabalho (Laplanche & Pontalis, 2001), este texto teria deixado inegáveis consequências para os desdobramentos ulteriores da doutrina psicanalítica, e principalmente para a técnica ferencziana, conforme pontua Casadore (2012): “dos trabalhos conceituais de Ferenczi, o artigo de 1909 é, sem dúvida, aquele que mais influenciou o desenvolvimento da metapsicologia freudiana” (p. 43). Em “*Os instintos e seus destinos*” (1915b/2010c), Freud retomará o conceito de introjeção, atribuindo sua autoria ao discípulo húngaro²⁶.

Já em *O Desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios* (1913/2011), o húngaro explica de que maneira se dá a aquisição da capacidade de conhecimento do mundo externo, ou ainda, de que forma o sujeito sai do primado do princípio de prazer em direção ao princípio de realidade. Ferenczi (1913/2011) propõe que a capacidade de distinção entre o eu e o mundo externo seria marcado por uma sucessão de etapas, nas quais, paulatinamente, o sujeito abre mão de uma ilusão de onipotência em direção à compreensão da realidade externa.

²⁶ Em Freud (1915b/2010), a introjeção, em contraponto à projeção, seria o processo no qual o Eu acolhe para si “os objetos oferecidos, na medida em que são fonte de prazer, introjeta-os (conforme a expressão de Ferenczi) e por outro lado expelle de si o que se torna, em seu próprio interior, motivo de desprazer” (pp.74-75).

Na situação intrauterina, o feto se encontra em um estágio de extrema plenitude e de absoluto prazer: ele tem tudo o que precisa a seu alcance, sem nada ter que desejar. Ele viveria, portanto, uma ilusão de onipotência incondicional. Contudo, o nascimento provocaria uma abrupta quebra nessa idílica situação, situação essa que seguirá sendo almejada ao longo de toda vida.

Após o nascimento, o bebê ainda segue vivenciando, agora com outras nuances, uma ilusão de onipotência, primeiramente, mágico-alucinatória e, depois, com o auxílio de gestos mágicos. Ele segue tendo suas necessidades atendidas ao menor sinal de desprazer, de forma praticamente integral pelo mundo externo, do qual ele ainda não tem qualquer suspeita. Não há, a princípio, uma diferenciação entre eu e o mundo, de forma que predominam, nesse período, as experiências introjetivas.

À medida em que as necessidades passam a se complexificar e a se avolumar, os desejos que outrora eram prontamente realizados começam a ser frustrados, de modo que a ilusão de uma possível onipotência se torna, aos poucos, insustentável. É nesse momento que o sujeito entra, portanto, em contato com a dimensão da alteridade, vivendo, agora, experiências sobretudo projetivas.

Assim sendo, o desenvolvimento do sentido de realidade se dá de maneira gradual, impulsionado pela frustração e pela necessidade de adaptação (Caropreso, 2019). Acompanhemos o trecho a seguir, que sintetiza as ideias do psicanalista húngaro a esse respeito:

O desenvolvimento do sentido de realidade apresenta-se em geral como uma série de sucessivos impulsos de recalçamento, aos quais o ser humano é forçado pela necessidade, pela frustração que exige adaptação, e não por “tendências para a evolução” espontâneas. O primeiro grande recalçamento torna-se necessário pelo processo de nascimento que, com toda certeza, faz-se sem colaboração ativa, sem “intenção” por parte da criança. O feto preferiria muito permanecer na quietude do corpo materno, mas é implacavelmente posto no mundo, deve esquecer (recalçar) seus modos de satisfação preferidos e adaptar-se a outros. O mesmo jogo cruel repete-se a cada estágio de desenvolvimento (Ferenczi, 1913/2011, p. 51-52).

Esse trabalho também lança luz ao papel decisivo da relação com o ambiente e da interação com o outro na constituição subjetiva, traço que se manterá presente em uma

série de desenvolvimentos teóricos e também técnicos que se seguirão na obra de Ferenczi (Dean Gomes, 2019), conforme ficará mais claro nos capítulos seguintes deste trabalho.

Tendo em vista esses elementos conceituais, acompanhemos, agora, de que modo se deu a construção técnica ativa na obra de Ferenczi, entre os anos de 1919 e 1924, até seu caminho se cruzar, conceitualmente, com o de Rank.

2.3.2. O início de uma possibilidade

A primeira vez que Ferenczi faz menção à técnica ativa em sua obra é no texto *Técnica Psicanalítica* (1919a/2011). Nesse trabalho, qualificado por Freud como “puro ouro analítico” (Brabant, Falzeder & Giampieri-Deutsch, 1996, p. 332), o húngaro expõe algumas dificuldades que vinha encontrando em sua prática clínica e dá recomendações sobre como contornar tais impasses.

Para ele, na maioria dos casos, o analista deveria se posicionar de uma forma passiva ao longo do processo terapêutico, valendo-se de não mais do que a associação livre e a interpretação do recalcado e das resistências. Porém, pode haver casos em que o paciente não consegue obedecer à risca a regra fundamental da análise, de modo que “a sua resistência se apossa precisamente dessa regra” (Ferenczi, 1919a/2011, p.407). Isso demandaria do analista uma outra postura, caso contrário haveria uma paralisação dos avanços terapêuticos.

O autor, então, cita algumas circunstâncias clínicas em que é possível observar, com certa frequência, o descumprimento da regra fundamental da psicanálise. A primeira delas seria nas análises de certos neuróticos obsessivos, os quais resistem à associação livre, fazendo, justamente, um uso abusivo dela. Ou seja, eles fariam associações superficiais ou “absurdas”, conforme ele nomeia, as quais acabam por subtrair o material inconsciente à análise, o que representa, portanto, uma forma de resistência ao tratamento. Uma outra forma de resistência seria observada nos pacientes que se calam, ou que dizem que “não acode absolutamente nada ao espírito” (Ferenczi, 1919a/2011, p.409). Por fim, ele cita os pacientes que são, “com efeito, literalmente sobrepujados por um impulso, de modo que, em vez de continuar associando, eles vão *pôr em cena* seus conteúdos psíquicos” (p.411).

Normalmente, dever-se-ia esperar que tais resistências fossem dissolvidas no curso do tratamento, sem uma ajuda por parte do analista, o qual deveria se comportar, tanto quanto possível, de forma passiva, limitando-se ao papel de espectador. Porém,

assim como um obstetra precisa recorrer ao fórceps “para terminar um nascimento que não progrida espontaneamente” (Ferenczi, 1919a/2011, p.412), o analista deveria “praticar a ‘terapia ativa’ induzindo o paciente a superar sua incapacidade quase fóbica para tomar uma decisão qualquer” (p.414).

Apesar de não especificar, exatamente, quais seriam os elementos de sua “terapia ativa”, já podemos notar, nesse escrito, o direcionamento apontado pelo húngaro de se recorrer a ferramentas clínicas outras, em contexto de excepcionalidade, a fim de evitar a estagnação do trabalho associativo dos pacientes.

Nesse texto, Ferenczi (1919a/2011) ainda faz uma importante fala a respeito da contratransferência. Por um lado, ele entende que não seria preciso evitar os afetos provocados na relação com os pacientes, até porque essa sensibilidade poderia contribuir para uma maior compreensão acerca do sofrimento psíquico dos analisandos. Por outro, ele pondera que essa contratransferência deve ser dominada, isto é, deve haver um constante controle e reflexão acerca desses sentimentos, para que isso não seja atuado na relação transferencial.

2.3.3. O uso das proibições em análise

Naquele mesmo ano de 1919, Ferenczi publica *Dificuldades técnicas de uma análise de histeria* (1919b/2011), artigo ao qual Freud (1919[1918]/2010) faz menção no Congresso de Budapeste. No texto, ele apresenta o relato de um caso que, desde o princípio, esbarrou em importantes resistências. A paciente, que seguia com muita obediência às regras do método analítico, não esboçava, todavia, qualquer sinal de progresso, há tempos. Declarando seu apaixonamento por Ferenczi sempre que possível, ela parecia se furtar do trabalho de análise, refugiando-se no amor de transferência.

Então, diante desta estagnação associativa, Ferenczi primeiramente estabeleceu um prazo para o final da análise, esperando com isso fornecer à paciente um “motivo suficiente de trabalho” (Ferenczi, 1919b/2011, p.1). Contudo, tal medida não surtiu o efeito esperado: ela logo retomou a inatividade que vinha apresentando, até então. Meses após o encerramento do tratamento— que seguiu o prazo estabelecido por Ferenczi — a paciente pediu para retornar a análise. Então, após uma segunda tentativa ainda mais breve, os entraves mantiveram-se os mesmos e, novamente, o acompanhamento precisou ser interrompido, dessa vez por motivos externos.

A análise fora reiniciada posteriormente e, nessa terceira tentativa, Ferenczi foi interpelado por um comentário da paciente que, somado à percepção de sua linguagem corporal, funcionou como o disparador para uma série de intervenções ativas que trouxeram notáveis avanços ao tratamento. A jovem, que relatava ter “sensações por baixo” (Ferenczi, 1919b/2011, p.2) durante a sessão, também posicionava suas pernas no divã de uma tal forma que aludia à masturbação, o que fez Ferenczi concluir que ela vinha obtendo uma satisfação genital autoerótica com esse gesto e que isso, provavelmente, estaria levando à estagnação de sua análise.

Desse modo, guiado pelo princípio de abstinência enunciado por Freud (1915a/2010), o qual prevê que o paciente não deve extrair satisfação pulsional substitutiva no campo transferencial, Ferenczi *proibiu* sua paciente de sentar-se daquela maneira, acreditando que com isso a libido alocada na satisfação autoerótica seria redirecionada para o próprio trabalho de análise – o que levaria, conseqüentemente, à uma retomada do trabalho associativo.

De fato, essa medida teve um efeito importante: sua paciente voltou a se recordar de eventos da infância, fazendo novas associações a partir desse material. Porém, depois de um tempo, houve uma nova estagnação. Isso fez o húngaro ampliar aquela proibição para fora dos limites do consultório: a paciente estava, então, proibida de sentar-se daquela maneira também em outros espaços. Novamente, essa foi uma medida que funcionou por um tempo limitado, pois logo a paciente começou a encontrar satisfação em outros “atos sintomáticos” (Ferenczi, 1919b/2011, p.3), nesse caso, beliscões pelo corpo, os quais “substituem qualitativa e quantitativamente a erogeneidade dos órgãos genitais” (p.3).

Outras proibições se seguiram a essas, no sentido de redirecionar a libido fixada em uma posição regressiva (a da masturbação infantil) para o caminho da zona genital normalmente designada. Esse manejo das proibições foi sendo aplicado até a paciente conseguir, por fim, encontrar satisfações nas relações sexuais normais.

A partir do árduo trabalho com essa paciente, Ferenczi (1919b/2011) formulou a seguinte regra analítica: “durante o tratamento, deve-se pensar na possibilidade de um onanismo larvado, assim como nos equivalentes masturbatórios e, desde que se observem os sinais, *suprimi-los*” (p. 4, itálicos nossos). É válido pontuar, consoante ao que indica Kupermann (2019), que longe de se tratar de um posicionamento de cunho moralista, essa orientação indica uma sofisticada leitura *econômica* da situação clínica por parte de

Ferenczi, já que a função primordial de tais interdições era garantir a angústia e a tensão psíquica necessária ao trabalho de análise.

Além disso, sua ideia não era abandonar a rememoração e a interpretação, mas, pelo contrário, introduzir medidas provisórias para que essas pudessem voltar a ter seu espaço dentro da análise. Ferenczi (1919b/2011) escreve:

Nesse caso, fui levado a abandonar o papel passivo que o psicanalista desempenha habitualmente no tratamento, quando se limita a escutar e a interpretar as associações do paciente, e ajudei a paciente a ultrapassar os pontos mortos do trabalho analítico intervindo ativamente em seus mecanismos psíquicos. É ao próprio Freud²⁷ que ficamos devendo o protótipo dessa “técnica ativa” (p. 7).

Neste texto, vemos Ferenczi (1919b/2011) ilustrar uma aplicação da atividade na técnica, que se baseou, na ocasião, em *proibições* de atos sintomáticos. Dois anos depois, ele publica outro relato de caso que fez avançar suas experimentações com a técnica ativa, no qual, junto às proibições, ele também fez uso de *injunções*. Trata-se do artigo *Prolongamentos da técnica ativa em psicanálise* (1921/2011).

2.3.4. Entram em cena as injunções

Nas primeiras linhas desse trabalho já conseguimos notar o cuidado de Ferenczi (1921/2011) em alinhar suas inovações técnicas com às diretrizes do fundador da psicanálise: novamente ele deixa claro que a técnica ativa deveria ser usada em situações pontuais, vindo ao socorro da regra fundamental da psicanálise. Tão logo fosse superada a estagnação da análise, o “especialista retornará o mais depressa possível à atitude de receptividade passiva” (Ferenczi, 1921/2011, p. 117).

Além disso, ele ressalta que a técnica ativa teria como alvo muito mais a atividade do *analisando* do que a do analista, que deve evitar as formas de satisfação autoeróticas a que se habituara, seja em razão dos atos sintomáticos ou pelo gozo obtido pelo amor de transferência (Kupermann, 2019). Isso significa que o paciente que se encontra nesse estado deveria ser levado, artificialmente, a um estado de atividade, obedecendo, além da “regra fundamental, uma *tarefa* particular” (Ferenczi, 1921/2011, p.120).

²⁷ Aqui o autor está se referindo aos apontamentos que Freud faz acerca dos manejos dos casos severos de neurose obsessiva e histeria de angústia, em *Caminhos da Terapia Psicanalítica* (Freud, 1919[2018]/2010).

Feitos esses esclarecimentos, Ferenczi (1921/2011) parte para a descrição do clássico caso da musicista croata, a qual apresentava um quadro de inibições e de outros sintomas fóbicos obsessivos que a impediam de se exhibir em público. A jovem, que já tinha passado por uma análise prévia, parecia estar em posse de um grande conhecimento a respeito de sua dinâmica inconsciente, muito embora isso não tenha produzido mudanças significativas em seu sintoma.

Em certa sessão daquela análise, até então, pouco produtiva, Ferenczi se atentou para uma fala da paciente a respeito de uma música que sua irmã mais velha, que a tiranizava de mil maneiras, costumava cantar. Diante do emudecimento da paciente ao tentar recitar a letra, ele lhe pediu para cantarolar a melodia. Depois de alguma hesitação e tentativas frustradas nas sessões que se decorreram, a jovem conseguiu, graças ao encorajamento de Ferenczi, cantar a música e gesticular tal como fazia sua irmã.

Contudo, algo inesperado se seguiu a esse evento: “a partir de então, [ela] pareceu encontrar prazer nessas exhibições, decidindo dedicar-lhes suas sessões de análise” (Ferenczi, 1921/2011, p. 122). Intervindo, mais uma vez, em nome do princípio de abstinência, Ferenczi (1921/2011) entendeu que seria preciso proibir essa satisfação exhibicionista de sua paciente: “agora, bastava de cantoria e dança, era preciso trabalhar” (p. 122). Essas duas intervenções, a injunção seguida de uma proibição, favoreceram significativamente o trabalho de análise, visto que a partir dessas intervenções a paciente conseguiu rememorar conteúdos recalcados de sua infância, o que levou ao esclarecimento dos eventos desencadeadores de sua neurose.

Conforme ilustra o caso, neste ensaio Ferenczi (1921/2011) decupa a técnica ativa em dois momentos: o tempo das injunções e o das proibições, os quais têm como objetivo comum manter “constantemente a ‘situação de abstinência’” (p.124). Contudo, ele ressalta que nem sempre seria necessário lançar mão das injunções, visto que essa medida seria destinada aos pacientes que não apresentam, de antemão, alguma atividade (sintomas transitórios, onanismo, atos falhos, atos compulsivos etc). Nesses casos, o mais indicado seria partir diretamente para a proibição dessas ações, para que o trabalho associativo dos pacientes pudesse ser retomado.

Além de apresentar quais seriam as contraindicações da técnica ativa e o modo como ela deve ser aplicada em cada uma das neuroses²⁸, nesse artigo Ferenczi (1921/2011) também estabelece uma relação entre a técnica ativa e a repetição, discussão

²⁸ O leitor poderá acompanhar essa discussão nas partes III e IV do texto (Ferenczi, 1921/2011).

que será aprofundada em sua parceria com Rank, conforme apresentaremos no próximo capítulo. Antes disso, acreditamos que possa ser pertinente acompanhar como essa questão comparece nesse trabalho de 1921.

Em linhas gerais, a tese do húngaro é que as injunções e proibições operadas através da técnica ativa geram um novo estado de tensão psíquica que pode acabar por trazer à consciência o material psíquico há muito recalçado. Tal afirmação se ancora, primeiramente, na noção freudiana de que toda pulsão se exprime em dois registros: um componente representacional e um componente afetivo. O recalque, por sua vez, incide justamente sobre a ligação entre esses dois registros, separando-os, de modo que a representação se torna recalçada e os afetos, agora desligados, ligam-se a outras cadeias associativas – produzindo, via de regra, sintomas neuróticos (Loffredo, 2012b).

Nesse sentido, o objetivo de uma análise seria o de desligar as associações patogênicas para que o afeto possa (re)encontrar as representações recalçadas, permitindo ao sujeito conscientizar-se dos elementos que levaram ao seu sofrimento psíquico. E as principais ferramentas que o analista dispõe para esse trabalho seriam, em suma, a associação livre e a interpretação. Ferenczi (1921/2011), contudo, elenca uma outra possibilidade para que essa tarefa seja realizada: “uma atividade exigida do paciente ou um afeto liberado nele também podem fazer surgir certas representações recalçadas, vinculadas a esse processo” (p. 134).

Ou seja, valendo-se da ideia de que existe uma reciprocidade entre afeto e representação (Kupermann, 2019), isto é, de que a expressão de certos afetos ou ações motoras podem fazer emergir secundariamente reminiscências do inconsciente, ele estabelece que há, portanto, um outro caminho para se atingir os objetivos do trabalho analítico, sobretudo quando as ligações entre afeto e ideia não puderam ser bem constituídas nas fases iniciais da vida (Dallazen, 2017). Isso porque podem existir conteúdos psíquicos inconscientes que provém de um momento muito precoce da infância, anterior à compreensão verbal do sujeito, que nunca foram conscientes (ou pré-conscientes). Por conta dessa natureza, esse material profundamente recalçado não poderia ser exatamente lembrado, mas somente revivido, ou melhor, repetido.

Em função disso, Ferenczi (1921/2011) conclui que a expressão catártica própria das repetições em análise deveria caminhar ao lado da regra fundamental, já que a associação livre, por si só, não conseguiria acessar esse tipo de conteúdo (Kupermann, 2019). A técnica ativa seria, conseqüentemente, o vetor responsável por promover essas repetições, conforme podemos acompanhar no trecho a seguir:

A técnica ativa apenas desempenha, por conseguinte, o papel de agente provocador, cujas injunções e interdições favorecem repetições que cumpre em seguida interpretar ou reconstruir nas lembranças A técnica ativa não tem outra finalidade senão revelar, pela ação, certas tendências ainda latentes para a repetição e ajudar assim a terapêutica a obter esse triunfo um pouco mais depressa do que antes (Ferenczi, 1921/2011, p. 135).

Kupermann (2019) também aponta para uma interessante nuance desse ensaio, qual seja, a possibilidade de o *setting* analítico poder ser um espaço lúdico e de prazer. Conforme explica o comentador, as inovações técnicas de Ferenczi, deste período, beberam da fonte das primeiras analistas de crianças (Melanie Klein, Alice Balint, Anna Freud), que vinham adaptando o setting tradicional para poderem escutar esse público que mais bem se expressava através do *brincar*.

No caso em questão, a jovem musicista pôde cantar, gesticular e mesmo dançar em sua análise, o que aponta uma abertura de Ferenczi (1921/2011), ainda que moderada, para tais inovações que começavam a aparecer naquele período. Moderada porque logo ele suspende essa expressão lúdica, assinalando que “era preciso trabalhar” (Ferenczi, 1921/2011, p.122), como se o brincar não tivesse exatamente o mesmo estatuto de trabalho de análise da associação livre ou da interpretação, ao menos naquele momento.

Para além desse aspecto, Kupermann (2019) sugere que o principal mérito de Ferenczi com a técnica ativa nesse texto foi:

Indicar a inevitabilidade da repetição, das atuações e das *manifestações corporais* na clínica para que certos conteúdos psíquicos que nunca foram nomeados pudessem ser, enfim, “revividos”, liberando o analisando dos seus efeitos restritivos a técnica ativa criou os primeiros trilhamentos em seu pensamento para a releitura da importância da afetividade na clínica, na forma da neocatarse (p. 50).

2.3.5. Atravessamentos na associação livre

Passemos, agora, para o último texto do percurso ferencziano com a técnica ativa, antes de abordarmos as nuances que essa modalidade terapêutica assumiu em seu encontro com Rank. Em 1924, Ferenczi publica *As fantasias provocadas – atividade na técnica de associação*, artigo em que ele avança ainda mais em suas reflexões e aplicações

da técnica ativa. Dessa vez, como sugere o subtítulo do ensaio, ele amplia o escopo de intervenção de tal modalidade terapêutica, a fim de agir, diretamente, sobre o trabalho associativo dos analisandos.

Direcionada principalmente aos sujeitos que apresentavam uma vida anímica empobrecida, uma atividade fanstasística incipiente e que pouco se afetavam emocionalmente pelas experiências que lhes ocorriam, ele recorria à seguinte estratégia clínica: “não hesito em pedir aos pacientes que busquem as reações adequadas e, se se obstinam em dizer que nada lhes acode ao espírito, ordeno-lhes abertamente que as imagine” (Ferenczi, 1924a/2011, p.263). Ou seja, a ideia de Ferenczi era *provocar* respostas afetivas em seus pacientes, bem como fantasias.

Para ele, três tipos de fantasias não deveriam ficar de fora do processo analítico, devendo ser, conseqüentemente, provocadas pelo analista, quando não aparecessem nas associações de seus pacientes de forma natural. Seriam elas: fantasias de transferência positiva e negativa, fantasias relativas a lembranças infantis e fantasias masturbatórias. Essas são fantasias relacionadas aos objetos primários atualizáveis na relação transferencial, e, portanto, podem ser vias de investigação privilegiadas acerca da gênese dos sintomas neuróticos (Kupermann, 2019).

Mesmo atuando diretamente sobre o processo associativo dos pacientes, a provocação de fantasias, na visão de Ferenczi, não feria a regra fundamental da psicanálise – a associação livre. Na realidade, ela servia com um meio para que o sujeito pudesse voltar a associar livremente, “nos casos em que as associações supostamente livres eram capturadas pelo circuito do gozo sintomático do analisando, tornando-se um obstáculo ao trabalho almejado pela análise” (Kupermann, 2019, p.48).

Para exemplificar a aplicação dessa estratégia, Ferenczi (1924a/2011) traz alguns fragmentos de casos clínicos. Um deles diz respeito à análise de um homem bastante colaborativo e amistoso, mas com uma expressão afetiva bastante inibida. Primeiramente, Ferenczi (1924a/2011) estabeleceu um prazo para final de análise, esperando que com isso o analisando pudesse lhe dirigir algum tipo de reação hostil ou angustiada. Isso seria desejável pois, em sua leitura, a emergência da transferência negativa poderia provocar a repetição de processos psíquicos infantis profundamente recalcados. Contudo, o paciente não esboçou qualquer reação. Ao invés disso, o que se seguiu foram sessões tediosas, marcada por uma ausência de trabalho fanstasístico e associativo.

Então, Ferenczi (1924a/2011) partiu para outra medida: “incitei-o, porém, a imaginar algo de agressivo a meu respeito” (p.265). Ou seja, o húngaro tentou provocar

alguma fantasia hostil em seu paciente a seu respeito. Depois de alguma hesitação, de fato começaram a aparecer fantasias de agressão cada vez mais violentas, nas quais o paciente lhe agredia e lhe arrancava os olhos, até que, por fim, ele enuncia uma fantasia sexual de cunho sadomasoquista com o analista, na qual o segundo ocupa um papel passivo. A partir disso, Ferenczi (1924a/2011) se viu em condições de reconstruir toda a gênese da libido infantil de seu paciente.

Quando, mesmo com muita insistência e pressão as exortações e incentivos não surtiam efeito - diferentemente desse caso -, Ferenczi (1924a/2011) adotava a estratégia de “expor-lhes [aos pacientes] diretamente aquilo que ele teria sentido, pensado ou imaginado na situação em questão” (p.264). Para Dean-Gomes (2019), esse exercício contratransferencial teria sido, ainda que sem crédito, a base para a “participação e os usos dos processos mentais do analista no trabalho de análise” (p. 237) adotada por psicanalistas que se seguiram a ele.

Quanto à importância desse texto para a posteridade, Kupermann (2019) acrescenta, em consonância com Dean-Gomes (2019), que a apresentação das fantasias provocadas sensibilizou o campo psicanalítico para o papel do trabalho psíquico do analista nos processos de simbolização dos afetos traumáticos. Isso porque certos pacientes, geralmente aqueles que passaram por vivências traumáticas ao longo de seu desenvolvimento, não conseguiam expressar fantasias de qualquer natureza sem o suporte do analista, visto que fazê-lo, representava um risco de abandono ou retaliação para essas configurações subjetivas fragilizadas.

Foi lançando mão da técnica ativa, a qual aumentava – ou sustentava - a tensão psíquica necessária ao trabalho associativo, que Ferenczi tornou possível, portanto, a analisabilidade de pessoas que até então não estavam sendo contempladas pelo método psicanalítico clássico. Contudo, não levou muito tempo para que o húngaro percebesse que para certos pacientes – justamente aqueles atravessados pelo encontro com o traumático em algum momento de suas histórias – as diferentes estratégias ativas poderiam ser inócuas ou até mesmo prejudiciais, perpetuando uma violência traumática. Isso o levou a um movimento de reexame da técnica ativa, o qual caminhou junto à construção de sua teoria acerca da traumatogênese.

Mais à frente, iremos retomar de que modo se deu esse processo de revisão de tal modalidade clínica na obra de Ferenczi. Antes disso apresentaremos, finalmente, o momento em que suas ideias se encontraram com as de Rank: o já citado trabalho conjunto da dupla, o artigo *Metas do Desenvolvimento da Psicanálise* (1924/2022).

A seguir mostraremos quais foram as questões técnicas e teórico-conceituais trabalhadas nesse livro. Mas, seguindo nossa proposta metodológica, primeiramente, apresentaremos as questões institucionais e históricas que compareciam como pano de fundo no momento da publicação deste ensaio.

3. UM TRABALHO FEITO A QUATRO MÃOS

Em um contexto de tensão editorial e desacordos sobre a direção da cura, a partir de 1922, Rank e Ferenczi se unem para trabalhar em conjunto

Lugrin, 2012, p.352

3.1. A consolidação de uma parceria

Conforme vínhamos indicando, as relações entre os psicanalistas que compunham o círculo íntimo de Freud estavam se mostrando cada vez mais instáveis, desde o fim da Grande Guerra. Sobre a ligação entre nossos protagonistas, Lugrin (2012) comenta que foi após o Congresso Internacional de Budapeste que o vínculo de coleguismo entre eles se estreitou, materializando-se, como já dissemos, na publicação do *Metas do Desenvolvimento da Psicanálise* (Ferenczi & Rank, 1924/2022)

A essa altura, o leitor poderia se perguntar: mas o que levou, exatamente, os dois a escreverem juntos? Dentre tantas possibilidades temáticas, por que eles escolheram falar justamente sobre a *técnica psicanalítica*? Ou também: por que Ferenczi, que já tinha uma carreira clínica tão consolidada e acumulava uma expressiva literatura sobre a técnica, se juntou à Rank, um recém-chegado nos assuntos sobre a terapia psicanalítica? É muito claro que uma aliança ideológica e política já estava estabelecida entre eles, porém, falta compreender qual foi o motivador para eles concretizarem esse alinhamento, agora, a respeito da técnica psicanalítica, no livro de coautoria entre eles.

Para Lugrin (2012), tais questionamentos só podem ser explicados à luz das transferências dos nossos protagonistas com Freud. Como já pontuamos, os dois eram os discípulos mais próximos de Freud, naquele momento, mas enquanto Ferenczi parecia guiar seu percurso no movimento psicanalítico se atentando, em muitos momentos, à aprovação do professor, Rank não demonstrava grandes preocupações a respeito disso: o vienense ia construindo uma voz cada vez mais segura e decidida dentro do movimento - o que era, inclusive, valorizado por Freud. E foi, em alguma medida, valendo-se dessas vinculações e entendendo a complementaridade entre os dois – Ferenczi como o principal pensador da técnica de seu tempo, e Rank como o seu discípulo mais resoluto -, que Freud incentivou a parceria, pessoal e intelectual, entre eles.

Assim sendo, “no dia seguinte ao Congresso de Budapeste, preocupado com a política do movimento analítico, Freud exorta Ferenczi a se aproximar de Rank” (Lugrin,

2012, p. 361), conforme podemos acompanhar na seguinte correspondência, enviada em 30 de setembro de 1918:

Então, agora, fortaleça a amizade . . . com Rank, que não pode ser substituído por ninguém mais, e deixe-me desfrutar da satisfação de observar como os mais jovens realizam o que a força e longevidade do antigo não foi capaz de realizar (Brabant, Falzeder & Giampieri-Deutsch, 1996, p. 296).

E em que aspecto, em especial, Freud queria ver a colaboração de seus pupilos acontecendo? Ora, podemos supor que, justamente, em relação aos assuntos sobre a técnica. Como já pontuamos anteriormente, Freud vinha demonstrando sua preocupação com os limites da técnica psicanalítica, desde a sua conferência no Congresso de Budapeste. Além disso, conforme ele foi avançando em suas formulações metapsicológicas - que deram origem à segunda topologia do aparelho psíquico e ao segundo dualismo pulsional -, tornou-se ainda mais urgente à psicanálise, enquanto ciência, poder ajustar a técnica aos recentes avanços da teoria.

Ferenczi, que também compartilhava deste incômodo com as limitações da técnica psicanalítica, pareceu acatar – como de costume - ao chamado de Freud para seguir se dedicando sobre a temática, só que agora em companhia de Rank. No prefácio de *Metas do Desenvolvimento da Psicanálise* (Ferenczi & Rank, 1924/2022), nossos protagonistas nos informam sobre o início dessa coautoria:

De uma conversa a respeito dos problemas atuais da psicanálise no verão de 1922, surgiu o plano de um trabalho comum que abordasse e solucionasse certas dificuldades práticas e teóricas que eram percebidas por nós – e como estamos autorizados a supor – também por outros (p. 11).

Um primeiro rascunho desse trabalho ficou pronto no verão de 1922, antes do Congresso Internacional de Berlim (ocorrido em setembro de 1922), mas passou por um processo de reelaboração no ano seguinte. Tais reformulações foram feitas para que o livro pudesse ser submetido ao concurso lançado por Freud naquele mesmo Congresso, o qual premiaria o artigo que melhor expusesse “em qual medida a técnica influenciou a teoria e em qual medida uma incentiva ou prejudica a outra nos tempos atuais” (Ferenczi & Rank, 1924/2022, p.11). Sobre isso, eles comentam:

Como esse tema possuía relação muito próxima com a problemática que havíamos abordado, era natural que nossas reformulações seguissem na mesma direção do tema proposto pelo concurso. E assim tentamos dar conta da tarefa pela elaboração de uma nova seção a respeito das interações da teoria e prática, além de modificações do texto (Ferenczi & Rank, 1924/2022, p.11).

Essa premiação permitiu a Freud resolver, portanto, dois problemas de uma única vez: chegariam até ele trabalhos dedicados a resolver essa lacuna no saber psicanalítico, além de servir como um incentivo e autorização para que Ferenczi e Rank seguissem juntando suas críticas e reflexões acerca da técnica psicanalítica, consolidando o movimento de aproximação que já vinha se esboçando entre eles há tempos (Dean-Gomes, 2022).

Nos bastidores, o professor não deixava de esconder sua satisfação com essa parceria, conforme vemos no trecho de uma carta enviada para Ferenczi em agosto de 1922: “O desenvolvimento da sua intimidade com Rank me deixou muito contente, ela promete muito para o futuro” (Brabant, Falzeder & Giampieri-Deutsch, 200, p. 87). A respeito disso, Ferenczi comenta: “a união entre Rank e eu, que também nunca foi conturbada anteriormente, foi selada, por assim dizer” (Brabant, Falzeder & Giampieri-Deutsch, 200, p. 87).

Já Rank, ao comentar com Freud sobre sua parceria com Ferenczi, não deixa escapar a oportunidade de criticar os outros membros do Comitê. Em agosto de 1922, ele escreve:

Ferenczi, com quem conversei muito em termos pessoais e científicos, e com quem me dou muito bem, parte depois de amanhã, infelizmente. . . . Estamos cientes de que somos os únicos teóricos – inclusive dentro do Comitê – trabalhando seriamente com sua psicanálise, especialmente a terapia, mas também em geral; em ambos os casos, as coisas em Berlim e Londres deixam algo a desejar (Lieberman & Kramer, 2012, p. 139).

Assim sendo, o ensaio, que começou a ser escrito durante o verão de 1922, enquanto ambos estavam de férias em Tirol do Sul, na Itália, só fica pronto no verão do ano seguinte, sendo que, ao longo do processo de escrita, os dois enviaram rascunhos ao professor, para que ele fizesse sugestões e revisões (Grosskurth, 1992). É importante pontuar que, no final das contas, Rank e Ferenczi acabaram desistindo de submeter o trabalho ao supracitado concurso. Conforme eles narram: “apesar da tentativa, não

conseguimos contemplar a questão central, razão que nos fez desistir de participar do concurso que, de resto, não teve um resultado final” (Ferenczi & Rank, 1924/2022, p.11). Mas, mesmo não dando conta de responder por completo a questão disparada por Freud, eles trouxeram importantes reflexões e proposições à técnica psicanalítica, conforme mostraremos mais à frente.

É possível notar que, ao lado de Rank, Ferenczi pôde dar à técnica ativa, em certa medida, os contornos mais radicais e incisivos de seu percurso com essa modalidade terapêutica. Como bem apontam Dean Gomes (2019) e Prado de Oliveira (2011), essa parceria trouxe à Ferenczi um tônus e uma firmeza até então inéditos na forma de apresentar suas ideias, e inclusive contestar certos pressupostos de Freud - algo que o húngaro, bastante dependente da aprovação do mestre, relutou em fazer, em muitos momentos. Desse modo,

Aquilo que vinha apresentando-se, por vezes, de forma tímida ou, por outras, marginal, participando de uma teorização que buscava constante e inquestionavelmente colocar-se na linhagem de um freudismo estrito, assume um tom crítico. Respeitoso, por certo, mas como nunca antes, contestador (Dean-Gomes, 2019, p.246).

Muito provavelmente, foi se valendo do espírito contestador de Rank, que Ferenczi pôde se autorizar a produzir esse trabalho, em certos momentos, tão controverso (Lugrin, 2012). Todavia, Ferenczi, “feliz por cooperar com Rank, não percebeu que, ao radicalizar sua própria pesquisa sobre a técnica ativa” (Lugrin, 2012, p. 363), poderia acabar “comprometendo-se aos olhos de seus pares” (p. 363). De fato, foi isso que acabou acontecendo, visto que, depois da publicação deste ensaio, o húngaro se viu no meio de uma controvérsia com seus colegas de Comitê, sendo associado, inclusive, às teses que Rank elaborou sozinho em *Trauma do Nascimento* (Rank, 1924/2016). No capítulo 4, retomaremos essa questão.

Vejamos, agora, as teses apresentadas pela dupla em *Metas do Desenvolvimento da Psicanálise* (Ferenczi & Rank, 1924/2022).

3.2. Por entre as metas do desenvolvimento da psicanálise

Metas do Desenvolvimento da Psicanálise – sobre a interação da teoria e da prática (Ferenczi & Rank, 1924/2022) está dividido em seis capítulos, sendo que Ferenczi

seria, supostamente, o autor de metade deles (os capítulos ímpares) e Rank o responsável pela autoria da outra metade (os capítulos pares). Como dissemos, o objetivo inicial dos autores era examinar o estatuto da relação entre a teoria e a técnica psicanalítica, àquela altura.

Conforme também já pontuamos anteriormente, Freud teria reconhecido em *Caminhos da terapia psicanalítica* (1919[1918]/2010) que a técnica psicanalítica clássica (baseada no tripé associação livre, interpretação e abstinência) vinha se mostrando insuficiente para o tratamento de certos casos considerados graves, como as fobias e neuroses obsessivas, sobretudo porque ela havia sido desenhada, originalmente, para a clínica da histeria (Mezan, 2014). Por essa razão, Freud indica que outras estratégias clínicas precisariam ser adotadas para os casos difíceis, e nomeia Ferenczi como o analista capaz de contornar, com sua técnica ativa, tais impasses clínicos.

Em *Metas do Desenvolvimento da Psicanálise*, Rank soma seus esforços aos de Ferenczi, que já vinha desenvolvendo um trabalho com a técnica ativa há tempos, para juntos desbravarem essa trilha aberta por Freud, alguns anos antes. Eles partem, no livro, da seguinte premissa: na última década teria existido uma rápida expansão da teoria psicanalítica, a qual não fora acompanhada por uma equivalente evolução dos elementos técnico-terapêuticos. Tratava-se, pois, de uma tendência diferente daquela vista nos primórdios da psicanálise, quando os avanços teóricos estavam sendo impulsionados e igualmente acompanhados por escritos sobre a prática clínica. O maior indicativo desse descompasso seria o fato de Freud ter escrito diretamente sobre a técnica analítica pela última vez entre 1911 e 1915, nos “Artigos sobre técnica” (Freud, 1911-1915/2010), o que não quer dizer, é importante pontuar, que ele não seguisse pensando sobre tais questões, ainda que indiretamente.

Contudo, a falta de publicações dessa natureza, sobretudo por parte do fundador da psicanálise, incorria, na opinião de Rank e Ferenczi (1924/2022), em um grave problema de ordem formativa: muitos analistas que não passaram por uma análise pessoal ou didática tinham como única orientação as diretrizes apresentadas naqueles artigos, de modo que “apegaram-se rigidamente às regras técnicas e não descobriram a sua relação com os avanços que a ciência psicanalítica havia realizado nesse período” (Ferenczi & Rank, 1924/2023, p.17).

Para além desse engessamento técnico, que poderia ser bastante pernicioso ao processo analítico, a dupla também denunciava o fato de que muitas análises teriam se tornado um exercício exclusivamente intelectual, no qual muito conhecimento se

acumulava a respeito da dinâmica inconsciente sem que, necessariamente, esse saber se convertesse em alguma transformação terapêutica efetiva. Com uma excessiva rigidez e racionalização do processo analítico, a *dimensão afetiva* deixara de comparecer na cena transferencial – e esta, conforme mostraremos a seguir, seria, na leitura da dupla, uma condição necessária para o sucesso de uma análise. Por isso, os autores encampam ao longo do livro a defesa de que “*era necessário retomar e ressaltar os aspectos emocionais da experiência analítica*” (Dean Gomes, 2019, p. 247, itálicos nossos).

Uma das principais intenções dos autores era *complementar* as lições técnicas apresentadas por Freud, quase uma década antes (Freud, 1911-1915/2010), oferecendo soluções para as dificuldades encontradas no manejo clínico de casos que pareciam não avançar com o uso exclusivo das ferramentas analíticas clássicas (Dean-Gomes, 2022, p.90). Destacamos a palavra complementar, pois eles não viam suas formulações como uma afronta à doutrina psicanalítica, e sim, como um prosseguimento desta, que, como bem pontuou Freud (1919[1918]/2020), ainda possuía lacunas e aspectos a serem aperfeiçoados.

Como ponto de partida a dupla faz, então, um resgate de um dos últimos escritos de Freud acerca da técnica, o texto *Recordar, Repetir, Elaborar* (1914/2010), dando, ao contrário do mestre, um estatuto de centralidade ao conceito de *repetição* em suas formulações. Antes de seguirmos com as ideias apresentadas pelos nossos protagonistas em *Metas do Desenvolvimento da Psicanálise* (1924/2022), vejamos, primeiro, o que o professor havia proposto a respeito desta temática, dez anos antes da publicação dos discípulos.

3.2.1. Interloquções com Freud

Recordar, Repetir, Elaborar (1914/2010), texto que compõe um conjunto de escritos de Freud conhecidos como “Artigos sobre técnica” trata, de forma bastante sintética, dos objetivos do trabalho analítico e das dificuldades que podem aparecer no transcorrer desse percurso. Freud (1914/2010) aponta que o objetivo principal de uma análise seria propiciar ao paciente a *rememoração* dos conteúdos psíquicos recalcados. Para isso, seria tarefa do analista expor, via interpretação, as resistências que atuam obstaculizando este processo, tornando tais resistências conscientes. Deste modo, pode-se dizer que o horizonte da análise seria “em termos descritivos: o preenchimento das

lacunas da recordação, em termos dinâmicos: superação das resistências da repressão” (Freud, 1914/2010, p.195).

Freud (1914/2010) segue sua argumentação, pontuando que uma forma de resistência à rememoração seria a *compulsão à repetição*, fenômeno frequentemente observado na clínica. Em suas palavras, ao repetir, “o analisando não recorda absolutamente o que foi esquecido e reprimido, mas sim o atua. Ele não o reproduz como lembrança, mas como ato, ele o repete, naturalmente sem saber que o faz” (Freud, 1914/2010, pp.199-200). Assim sendo, ao repetir em ato algo do passado no momento atual, o sujeito distancia-se daquilo que ficou recalçado ou, ainda, de seus complexos patogênicos, conteúdos estes fundamentais para a compreensão da neurose.

Seria, portanto, um trabalho fundamental de qualquer análise a domesticação da repetição, isto é, a transformação da compulsão à repetição em um impulso à rememoração, e isso se daria via manejo transferencial. Na transferência – que também se estrutura a partir de um mecanismo de repetição, neste caso dos protótipos infantis recalçados para a figura do analista - as repetições são toleradas, mas com vistas à uma recondução ao trabalho de rememoração do passado: “nós a admitimos [a repetição] na transferência, como numa arena em que lhe é facultado se desenvolver em quase completa liberdade, e onde é obrigada a nos apresentar tudo o que, em matéria de instintos patogênicos, se ocultou na vida psíquica do analisando” (Freud, 1914/2010, p.206).

Como se sabe, com o estabelecimento da neurose de transferência, cria-se uma “zona intermediária entre a doença e a vida” (Freud, 1914/2010, p. 206), estado no qual o sujeito fica mais suscetível às intervenções do analista. Valendo-se disso, o analista pode então comunicar ao analisando sobre as resistências identificadas até o momento, para que ele possa ir se dando conta dos jogos de forças envolvidos na manutenção de seus sintomas. Com isso, abrem-se então caminhos que levarão, por fim, à rememoração dos conteúdos esquecidos.

Mas só a rememoração não seria o suficiente para que as resistências deixassem de operar. Freud introduz então o conceito de *perlaboração*²⁹ (*durcharbeiten*) como um tempo necessário para que o sujeito supere suas resistências, após conscientizar-se delas: “é necessário dar tempo ao paciente para que ele se enfronte na resistência agora

²⁹ Neste trabalho, optamos por seguir a tradução proposta por Pedro Heliodoro Tavares, no volume 6 das Obras Incompletas de Freud, da Editora Autêntica (Freud, 1914/2017). Lá, assim como no *Dicionário Comentado do Alemão de Freud* (Hanns, 1996), o autor poderá encontrar uma maior explanação sobre o porquê do termo alemão *durcharbeiten* ser melhor traduzido por “perlaboração” na língua portuguesa.

conhecida, para que ele a elabore, para que a supere, prosseguindo o trabalho apesar dela, conforme a regra fundamental da análise” (Freud, 1914/2010, pp. 207-208).

Freud sinaliza que a perlaboração tratar-se-ia de um trabalho psíquico “penoso” ao analisando, que leva “tempo”, e requer também do analista uma disposição afetiva, a “paciência”. Ele não vai muito longe na conceituação deste conceito no texto, para além de dizer que “é a parte do trabalho que tem o maior efeito modificador sobre o paciente, e que distingue o tratamento psicanalítico de toda influência por sugestão” (Freud, 1914/2010, p.209). Por fim, Freud sugere que a perlaboração estaria para o método analítico, assim como a ab-reação esteve para o método catártico, sendo a peça chave de um tratamento considerado eficaz.

Para Kupermann (2017), ao tratar de forma inédita de categorias que eram alheias ao campo psicanalítico até aquele momento, como o tempo e a paciência, Freud estaria tateando algo que vai além de um direcionamento técnico, e que poderia ser mais bem situado como uma dimensão *estética* da clínica. Mais à frente, mostraremos que Ferenczi toma para si o problema da perlaboração, tentando elaborar uma resposta a Freud a respeito desta questão em suas produções técnicas derradeiras (Kupermann, 2019).

Conforme vínhamos relatando há pouco, Rank e Ferenczi (1924/2022) recuperam esse artigo de Freud (1914/2010), em *Metas do Desenvolvimento da Psicanálise*, mas propõem uma torção no papel dado à compulsão à repetição no processo terapêutico: em sua leitura, a repetição não deveria ser compreendida apenas como uma resistência aos processos de rememoração e à elaboração dos conteúdos psíquicos recalçados, mas sim, como uma forma direta e privilegiada de acesso ao inconsciente:

Pela perspectiva da compulsão à repetição, no entanto, além de ser absolutamente *inevitável* que o paciente repita passagens inteiras de seu desenvolvimento durante o tratamento, a experiência também mostrou que estas são precisamente as passagens que não estão ao alcance da recordação, de tal maneira que não resta ao paciente outro caminho a não ser reproduzi-las, como também não existe para o analista um outro caminho que lhe permita acessar o material inconsciente genuíno. Trata-se apenas de compreender essa forma de comunicação ou, quem sabe, de linguagem gestual, como Ferenczi a denominou, e explicá-la para o paciente (Ferenczi & Rank, 1924/2022, p.17-18, *itálicos* nossos).

Fica claro nesse trecho que os autores compreendem a repetição como um processo tão importante quanto os outros dois que vão no título de *Recordar, Repetir, Elaborar* (Freud, 1914/2010). Mas mais do que isso, a dupla sustentará ao longo desse trabalho a tese (ousada, alguns poderiam dizer) de que a repetição, e não a rememoração, é o principal fator de uma análise (Dean-Gomes, 2019).

Para isso, eles chamam atenção ao caráter de incoercibilidade deste fenômeno, o qual não pode ser, portanto, domesticado ou liquidado, conforme propunha Freud, em 1914. É possível dizer que esta nova abordagem técnica sugerida por Rank e Ferenczi, em 1924, deriva dos contornos que o próprio Freud teria dado à compulsão à repetição, alguns anos antes da elaboração do artigo de nossos protagonistas, em *Além do Princípio do Prazer* (1920/2010), segundo pontua Dean-Gomes (2019):

Um novo avanço freudiano tornava urgente, na opinião dos autores, alguma reavaliação dos procedimentos clínicos: a publicação das teses contidas em “Além do Princípio do Prazer”, especialmente aquelas sobre a importância da “compulsão à repetição” (p.245).

É válido pontuar, conforme mostram Laplanche e Pontalis (2001) que o conceito de compulsão à repetição carece de uma definição bem delimitada e unívoca ao longo da obra freudiana. Ainda hoje, a complexa “discussão do conceito é confusa e muitas vezes retomada” (Laplanche & Pontalis, 2001, p. 83), sendo atravessada por outros conceitos como o princípio do prazer, pulsão, ligação, pulsão de morte etc. Para os fins desta pesquisa, vale dizer que, em 1914, a compulsão à repetição fora descrita pelo professor como um fenômeno clínico, uma forma de resistência que comparece na transferência. O conteúdo recalcado – portanto, inacessível à lembrança - seria atuado pelo sujeito, ou seja, repetido de uma forma não simbolizada (Freud, 1914/2010).

Em 1920, Freud avança bastante nessa discussão, em parte, motivado por suas observações de que muitos sujeitos repetiam à exaustão experiências manifestamente desagradáveis, o que ficou ainda mais evidente no contexto pós guerra, no contato com a clínica das neuroses de guerra. Analisando sonhos de traumas e jogos infantis, Freud (1920/2010) foi levado a supor que a compulsão à repetição operaria numa lógica que nem sempre obedeceria ao primado do princípio do prazer (ideia que havia sido defendida por ele na primeira topologia), o que se comprova pelo fato de que alguns sujeitos não cessariam de repetir experiências que não trouxeram prazer, nem em sua origem quanto menos no momento atual. Ele escreve:

Mas o fato novo e digno de nota, que agora temos que descrever, é que a compulsão à repetição também traz de volta experiências do passado que não possibilitam prazer, que também naquele tempo não podem ter sido satisfações (Freud, 1920/2010, p.179).

Portanto, é estabelecido que a compulsão à repetição operaria de uma forma “mais primordial, mais elementar, mais pulsional do que o princípio do prazer, por ela posta de lado” (Freud, 1920/2010, p. 184). Não iremos percorrer outros dos vários desdobramentos de *Além do Princípio do Prazer* (1920/2010), pois isso nos desviaria, em demasia, de nosso escopo de pesquisa, porém, cabe ressaltar que nesse texto o estatuto da compulsão à repetição é elevado para o de um mecanismo irrefreável, que extrapola o caráter de uma resistência que comparece na transferência (Freud, 1914/2010).

Por fim, nesse artigo, a compulsão à repetição é tomada como o mecanismo que denuncia a impossibilidade de escaparmos de um movimento regressivo, seja em direção ao que é prazeroso, como ao que é desprazeroso (Freud, 1920/2010). Conforme pontuam Laplanche e Pontalis (2001), a compulsão à repetição é, nesse texto, então, “reconhecida como um dado irrecusável da experiência analítica” (p. 85).

Não podíamos deixar de passar por essa rápida apresentação sobre algumas das ideias desenvolvidas por Freud nos trabalhos de 1914 e 1920, pois é a partir de tais fios que nossos protagonistas irão tecer as teses de *Metas do Desenvolvimento da Psicanálise* (1924/2022). De acordo com Prado de Oliveira (2011):

Ferenczi e Rank se dão como tarefa estabelecer uma coerência, naquilo que concerne à técnica psicanalítica, entre esse artigo de 1914, que aponta que o objetivo último da psicanálise é a lembrança, e aquele de 1920, que insiste sobre o caráter inevitável da compulsão à repetição (Prado de Oliveira, 2011, citado por Dean-Gomes, 2019, p. 118).

Indicadas as ideias de Freud com as quais Ferenczi e Rank estarão dialogando em *Metas do Desenvolvimento da Psicanálise* (1924/2022), sigamos agora, mais detidamente, para uma apresentação das teses desenvolvidas por nossos autores. Optamos por apresentá-las, seguindo a mesma sequência em que aparecem no livro, mas já trazendo interlocuções com alguns comentadores e com tópicos outros que possam ser pertinentes para situar a linha de raciocínio desenvolvida por nossos protagonistas.

3.2.2. Uma nova forma de compreender a repetição

Retomando o que havíamos apontado acima, Rank e Ferenczi (1924/2022) atribuem o protagonismo da análise não mais à rememoração e sim à repetição, a qual havia até então “sido negligenciada ou percebida como uma perturbação colateral” pelos psicanalistas de sua geração (p.19). A dupla percebia que as dramatizações, atuações e repetições eram uma maneira *sui generis* de se acessar a dinâmica inconsciente dos pacientes.

Para Dean-Gomes (2022), a princípio, esse argumento não seria exatamente uma novidade na literatura psicanalítica, visto que as conceituações clássicas de transferência e repetição traziam em seu bojo parte dessas noções. Porém, na parceria com Rank, Ferenczi - que já vinha adensando o debate sobre o papel da repetição nas análises desde o caso da musicista croata (Ferenczi, 1921/2011) - dá à repetição contornos inéditos, conforme explica Dean-Gomes (2022):

A reviravolta rank-ferencziana reside, contudo, em pelo menos dois aspectos. Primeiramente, na compreensão de que, em atos não-verbais, estariam representados elementos cruciais para a revelação da dinâmica psíquica dos pacientes Em segundo lugar, uma nova hipótese sobre o que se passava nessas situações era encaminhada: enquanto para Freud encontraríamos em grande parte das repetições resistências ao trabalho de análise e ao método associativo, seus dois alunos as consideravam expressão legítima e espontânea do inconsciente. Isso poderia se transformar em comunicação para um ouvinte disposto a dialogar com a fala dos gestos, do corpo e com as marcas inacessíveis de uma história (pp. 90-91).

Assim, de forma bastante incisiva, Rank e Ferenczi (1924/2022) defendiam que ao invés dos analistas tentarem evitar os movimentos de repetição dos analisandos, eles deveriam, na verdade, *estimulá-los* a repetir: “a necessidade prática que nasce com essa compreensão [a inevitabilidade da compulsão à repetição] consistia não apenas em deixar de inibir as tendências à repetição na análise como a incentivá-las” (p. 18).

Estimular, incentivar... É possível depreender que os autores estão defendendo a *atividade* na práxis analítica enquanto uma estratégia para garantir que a repetição possa aparecer na cena transferencial. A técnica ativa apareceria, pois, como um caminho possível para fazer as repetições se manifestarem quando essas estivessem, por algum

motivo, inibidas. Da mesma forma, a ansiedade e a culpa – principais fontes de resistência à análise – só poderiam ser superadas pela intervenção *ativa* do analista (Mezan, 2014).

O leitor poderia se perguntar: nesse ensaio, o caráter de resistência dado por Freud às repetições, em 1914, cai totalmente por terra? A resposta para essa pergunta é não. Em certa passagem do livro, os autores fazem uma rápida ressalva, apontando que algumas repetições, de fato, atuariam como resistências ao processo analítico, nos moldes do que definiu Freud, em *Recordar, Repetir e Elaborar* (1914/2010). Eles fazem então uma diferenciação *en passant* entre a “reprodução analítica” e a “repetição real”, argumentando que as primeiras seriam aquelas que dão notícias do funcionamento psicosssexual do sujeito, devendo ser fomentadas na análise, enquanto que as segundas seriam resistência à análise, demandando do analista ativamente uma interdição – novamente, vemos a atividade na técnica sendo evocada pelos autores.

Além desta ressalva, é necessário pontuar que nossos protagonistas não sugeriam um abandono da técnica analítica clássica. Tampouco visualizavam em suas ideias uma contradição ao corpo clínico-teórico da psicanálise vigente, algo do qual foram acusados, posteriormente, por alguns de seus contemporâneos (Lieberman, 1985). Na verdade, em sua visão, eles estavam ajustando e atualizando a prática analítica em face aos avanços metapsicológicos feitos pelo próprio Freud, sobretudo no que tange a discussão acerca da compulsão à repetição (Freud, 1920/2010). Nas palavras da dupla: “acreditamos, portanto, que não contradizemos Freud sob nenhum aspecto ao abrirmos na terapia um espaço para a compulsão à repetição que lhe foi concedido na vida anímica em termos biológicos” (Ferenczi & Rank, 1924/2022, p. 19).

Ao darem protagonismo à repetição, Rank e Ferenczi (1924/2022) teriam, conseqüentemente, avançado também no sentido de valorizar a *experiência*, ou ainda, a *vivência afetiva*, dentro do espaço de análise (Dean-Gomes, 2022). Não à toa, eles nomeiam como “fase da vivência afetiva” esse novo momento da doutrina psicanalítica, por eles inaugurado. Portanto, em oposição à intelectualização da dinâmica analítica – denunciada por eles em várias passagens do livro -, eles compreendiam que algum nível de experiência emocional seria não só bem-vindo, como necessário para se alcançar transformações terapêuticas duradouras e significativas.

Vejamos, a seguir, de que modo eles descrevem, em termos metapsicológicos, o processo analítico. Já podemos antecipar que os autores trazem uma abordagem arrojada para pensar tais questões, escolhendo lentes pouco usuais àquela altura para examiná-las.

3.2.3. O processo analítico

Rank e Ferenczi (1924/2022) definem a análise como um processo “introduzido artificialmente no percurso da libido com o objetivo de corrigir as formas da descarga neurótica” (p.23). Em outras palavras, a análise seria um processo temporalmente definido no qual, idealmente, ocorre o desenvolvimento completo da libido do paciente, a qual se tornaria livre, no final do tratamento, de seus eventuais pontos de fixação (Dean-Gomes, 2022).

A reboque destes delineamentos iniciais, há um outro central para nossos protagonistas, qual seja, o de que a análise seria um processo marcado por uma sucessão cronológica de etapas, nas quais operam tipos diferentes de resistências e se montam arranjos libidinais específicos. Mezan (2014) sintetiza a leitura da dupla da seguinte maneira:

A análise é uma etapa de duração definida no *Libidoablauf* (desdobramento da libido) do paciente; deve-se primeiro desligá-lo dos sintomas e concentrá-la na pessoa do analista (transferência), para em seguida desligá-la deste objeto artificial e permitir-lhe encontrar novos empregos na vida concreta (fim da análise, sublimação, gratificação mais ampla dos desejos agora conscientes). Neste processo surgem resistências, das quais as mais importantes são a angústia e a culpa vinculada aos desejos edipianos. Como se trata de re-experiências e de reproduzir estas situações antigamente recalcadas, o paciente se protegerá desta repetição, que, no entanto, é indispensável para o sucesso terapêutico: aqui entram as medidas “ativas” (pp.301-302).

Acompanhemos, agora, de forma mais detida, o raciocínio dos autores.

De acordo com eles, logo no início do tratamento, seria possível identificar o aparecimento de resistências egóicas ao trabalho de análise, as quais atuariam impedindo o movimento automático da libido para o qual pulsa o inconsciente do sujeito. Superar essas resistências significaria ferir, em alguma medida, o próprio narcisismo e suspender temporariamente certos ideais do Eu. Todavia, esse seria um passo necessário para o sujeito ser colocado em contato com os primeiros estágios de seu desenvolvimento sexual.

Ao passo que o tratamento avança e a relação transferencial entre analista e analisando é estabelecida, o segundo passa a ter condições de reproduzir, na relação com

o analista, conteúdos do desenvolvimento infantil que foram recalcados, os quais são fundamentais para a compreensão da neurose vigente. Assim sendo, para Ferenczi e Rank (1924/2022), é esperado que de alguma maneira o sujeito reproduza, na transferência, os pontos do desenvolvimento sexual aos quais seu Eu se encontra fixado.

Repetir e vivenciar na relação transferencial as tendências da libido infantil que ficaram barradas ao longo do desenvolvimento psicosssexual, permitiria, portanto, por um lado, um acesso exclusivo aos conteúdos recalcados, e por outro, concederia ao paciente a possibilidade de extrair algum grau de satisfação libidinal do processo analítico.

Ao chegarem a essa conclusão, os autores acabam por esbarrar em um princípio metodológico bastante caro à Freud: o de abstinência. Conforme já pontuamos anteriormente, para o professor, a terapia deveria ser conduzida frustrando qualquer satisfação libidinal do analisando, como uma forma de garantir que uma quantidade de energia psíquica permaneça disponível ao longo do tratamento, como uma espécie de combustível para o trabalho de análise. Portanto, seria importante “deixar que a necessidade e o anseio continuem a existir na paciente, como forças impulsionadoras do trabalho e da mudança, e não procurar mitigá-los através de sucedâneos” (Freud, 1915a/2010, p. 218-219).

Contudo, Ferenczi - que vinha modulando a técnica ativa ao redor desse princípio desde 1919 - concluiu, junto à Rank, que a obtenção de algum grau de satisfação que derivasse do processo de análise poderia facilitá-lo, ao contrário do que vinha se pensando, até então. Portanto, nas palavras de Dean-Gomes (2019): “Ferenczi e Rank estão dizendo que, ao contrário do que apregoa a noção de abstinência, a obtenção de alguma espécie de satisfação no processo de análise poderia ser importante para se desfazer amarras psíquicas que mantinham estagnados trabalhos analíticos” (2019, pp. 252-253).

Apesar de parecer uma contradição ao direcionamento de Freud, é possível perceber que o objetivo deles com essa mudança continuava sendo o mesmo do professor: garantir as condições econômicas para que o sujeito continue sendo capaz de produzir associações e elaborações em seu processo analítico.

Conforme já sinalizamos em outras passagens, nem sempre as repetições se manifestariam desimpedidamente. Uma vez que elas carregam notícias do material inconsciente, haveria, necessariamente, na visão deles, resistências ao movimento de repetição. Portanto, além da repetição não ser, via de regra, considerada pela dupla um processo defensivo, os autores “concluíram que essas, tal qual a lembrança, poderiam

ser alvo de formas de resistência que a obstaculizariam; resistências essas relacionadas a ‘sentimentos de culpa’ e ‘ansiedades infantis’” (Dean-Gomes, 2019, p. 252)

Assim sendo, ir de encontro às tendências libidinais edípicas, que por tanto tempo ficaram recalçadas e foram rechaçadas pelo Eu, despertaria sentimentos inconscientes de culpa no sujeito. Portanto, nessa etapa do tratamento seria necessário vencer as resistências que resultam do conflito entre o Eu e a libido. Os autores pontuam que:

Enquanto a criação da situação analítica e a liberdade temporária (porém calcada na fantasia) concedida à libido transferencial significam uma generosa admissão de satisfações libidinais que até então eram condenadas pelo Eu, caberá a análise não apenas reconstruir as fixações do desenvolvimento libidinal infantil do paciente, decifrando as reproduções que a transferência oferece, como também proporcionar pela primeira vez a descarga das tendências patógenas da libido, libertando-as do poderio do sentimento de culpa (angústia infantil) (Ferenczi & Rank, 1924/2022, pp.26).

Ao libertar sua libido infantil dessas resistências, o sujeito se vê em condições, finalmente, de rememorar conteúdos psíquicos outrora recalçados, os quais são então interpretados pelo analista. A principal tarefa terapêutica da análise seria, portanto, à essa altura, “a análise do complexo de Édipo, por meio da convocação e gratificação parcial dos desejos incestuosos, via transferência, interpretando suas ramificações, suas expressões atuais e seus vínculos com o infantil” (Mezan, 2014, p.302).

Ao longo dessa etapa, inicia-se um novo momento do percurso da análise: a desabituação da libido. Em linhas gerais, trata-se de um trabalho de desligar a libido infantil que se encontra fixada na situação transferencial. Esse é o momento em que o sujeito tem de renunciar à realização inadequada e patológica da libido infantil, abrindo mão da satisfação pulsional que encontra na transferência para se dirigir à realidade e contentar-se “com aquilo que a vida ainda lhe oferece” (Ferenczi & Rank, 1924/2022, p.35).

Os autores enfatizam que este desligamento deve ser iniciado apenas quando a transferência estiver bem consolidada e o analisando der sinais de que está maduro o suficiente para vivenciar, ainda que gradualmente, esse penoso descolamento. Observadas essas condições, caberia, então, ao analista, *estipular um prazo final para o tratamento*, o qual deve ser rigorosamente respeitado e sustentado, já que essa seria uma passagem fundamental e decisiva do tratamento.

O recurso de estabelecer um prazo final para a análise já vinha sendo colocado em prática por outros analistas daquela geração. Freud, por exemplo, teria lançado mão dessa ferramenta no caso do “Homem dos Lobos” (Freud, 1918[1914]/2010), assim como Ferenczi em pacientes que se encontravam em uma situação de esgotamento associativo (Ferenczi, 1919b/2011; 1924a/2011). Contudo, nesse texto, a orientação é que a fixação de um prazo para o fim do tratamento deixe de ser um recurso extraordinário, tornando-se, então, uma etapa necessária ao trabalho clínico de todos os pacientes, não só aqueles considerados difíceis. Mostraremos, a seguir, que essa proposta foi, posteriormente, radicalizada por Rank em *Trauma do Nascimento* (1924/2016), e revista por Ferenczi em *Contraindicações da Técnica Ativa* (1926/2011).

É importante pontuar que esse direcionamento não visava o abreviamento das análises, como um fim em si mesmo. Eles reconheciam, inclusive, que a “duração maior ou menor de um tratamento jamais poderia servir como argumento contra a correção de método” (Ferenczi & Rank, 1924/2022, p.66). Na realidade, aquilo a que Rank e Ferenczi “se opunham eram as análises intermináveis, que por fim se tornavam ineficazes. Eles não queriam que o paciente morresse da operação” (Grosskurth, 1992, p.177). Ou seja, na acepção de nossos protagonistas, seria necessário garantir os meios para que a libido do paciente não ficasse acomodada no amor transferencial, que, por mais confortável que fosse, seria apenas um “substituto da neurose” (Ferenczi & Rank, 1924/2022, p.26). Era preciso, pois, viabilizar “o desenrolar que passa da bobina analítica para a bobina real” (p.26), para que os progressos do analisando pudessem ser, por fim, aplicados em sua vida concreta.

Naturalmente, a etapa final da situação analítica também despertaria resistências no sujeito. Isso porque o paciente terá que renunciar da satisfação libidinal que encontra na transferência, para então ter que se haver com uma busca de satisfação em objetos da realidade. Mas é só fazendo esse desligamento que a libido poderá ser empregada, agora de forma sublimada, em novas esferas da vida. Ou seja, ao final da análise, haverá um “emprego novo e mais normal da libido” (Ferenczi & Rank, 1924/2022, p.27).

Os autores ainda pontuam que o processo analítico promoveria ao neurótico, conseqüentemente, uma forma de educação tardia para a libido. À medida em que o analisando compreende, via análise, que o amor do analista é inalcançável para ele, “sua consciência e sua sensibilidade irão admitir que as aspirações infantis da libido são irrealizáveis” (Ferenczi & Rank, 1924/2022, p.35), de modo que ele terá que se contentar com outros objetos de satisfação que a vida puder lhe oferecer. Portanto, na análise, seria

possível ver o “processo de sublimação, que demanda na vida comum anos de educação, concretizar-se em um prazo curtíssimo” (p.35).

De forma resumida, abaixo temos a definição do processo analítico fornecida por Rank e Ferenczi (1924/2022):

A essência da análise consiste, como dissemos, em um episódio cronologicamente determinado do percurso da libido, durante o qual todas as reivindicações da libido infantil são parcialmente realizadas pela transferência; mas por serem acompanhadas pelo livre curso de uma satisfação nos moldes da fantasia, essas reivindicações experimentam na realidade uma dissolução gradual que se encerra com uma adaptação consciente definitiva (p.29).

Por fim, é importante ressaltar que, ainda que eles não tragam casos clínicos que ilustrem essa abordagem, ou forneçam exemplos claros do manejo da técnica ativa (para além do estabelecimento do prazo final da análise), a *postura ativa* do analista aparece como um direcionamento clínico constante, ao longo do texto. Essa atividade deve comparecer, principalmente, para combater as resistências que possam emergir no sujeito em função dos jogos libidinais mobilizados ao longo do tratamento, e para fazer as repetições dos conteúdos recalçados aparecerem na cena transferencial.

3.2.4. Vivência afetiva, ab-reação e rememoração

Como já pontuamos anteriormente, nesse trabalho, Ferenczi e Rank (1924/2022) enfatizam recorrentemente a importância da vivência afetiva no processo analítico, das repetições que ocorrem sob transferência, e dos afetos suscitados no encontro analista-analisando como operadores de transformações terapêuticas efetivas. Isso porque, para se desembaraçar dos eventuais pontos de fixação, o sujeito precisaria acessar, experimentar e inclusive reproduzir a libido infantil recalçada, vivenciando tais frustrações e expectativas junto ao analista (Dean-Gomes, 2022). Nesse sentido, eles recomendavam que o analista fosse *ativo*, com vistas a intensificar a experiência emocional do paciente (Tosone, 1997).

Arelado ao destaque dado às vivências afetivas, os autores acabam por fazer um resgate do conceito *de ab-reação*, abandonado por Freud junto ao método catártico, dando a ele, contudo, contornos um pouco mais sofisticados dos que aqueles que compareciam no final do século XIX. Aqui a ab-reação é tomada como um fator fundamental do processo terapêutico, muito embora não seja mais compreendida como uma pura e

simples liquidação do afeto traumatizante via descarga emocional, conforme definição do *Vocabulário de Psicanálise* (Laplanche & Pontalis, 2001). Ferenczi e Rank (1924/2022) sugerem que

A gigantesca diferença entre a ab-reação da catarse e da “vivência psicanalítica”, no sentido que propomos, consiste no fato de que na catarse havia uma inclinação para provocar a descarga do afeto através da atualização de traços mnêmicos patógenos eficazes, enquanto nossa atual técnica analítica permite que os afetos patógenos eficazes sigam seu percurso na relação com o médico e com a análise – ou seja, no interior da situação analítica – e que as exteriorizações do afeto são empregadas para que, com o seu auxílio, a recordação espontânea dos momentos traumáticos do passado seja despertada ou reproduzida (p. 40).

Então a ideia é que os afetos do paciente compareçam no curso do tratamento, na relação com o analista, para que gradualmente os aspectos representacionais inconscientes ligados a eles sejam desvelados. É o caminho inverso, portanto, daquele da ab-reação catártica, em que primeiro o sujeito precisaria ter contato com as memórias recalçadas – via de regra, pelo método hipnótico – para então dar aos afetos, que se encontravam estrangulados, uma descarga econômica satisfatória.

É importante destacar que os autores fazem, mais uma vez, um esforço para conciliar suas novas reflexões acerca da ab-reação com a doutrina psicanalítica clássica, enfatizando que a rememoração continuaria sendo o fator decisivo do tratamento e não a evocação, por si só, das emoções. Para eles, o grande feito de uma análise seria garantir que as repetições dos complexos patógenos fossem transformadas em novas memórias. Quando o paciente revive tais conteúdos na relação com o analista, essas repetições se transformam em novas lembranças que, livres do recalque, dão ao sujeito consciência de seu funcionamento:

A tendência que exploramos – a produção da repetição na situação analítica – também se serve destas vivências para a criação de novas lembranças atuais, por assim dizer, no lugar do conteúdo psíquico remanescente daqueles complexos patógenos que até então haviam sido barrados. Esses complexos patógenos são despertados e de certo modo transformados em “lembranças” ao se tornarem conscientes durante a própria vivência, sem que lhes reste o tempo ou as condições para um “recalque” (Ferenczi & Rank, 1924/2022, p. 41).

Não à toa eles criticavam tão frontalmente a assepsia com a qual alguns analistas vinham entendendo e praticando a psicanálise. Para eles, excluir do processo analítico a vivência afetiva, sobrepondo o “saber” à experiência, levaria à uma ineficácia terapêutica, uma vez que os pacientes só seriam capazes de acessar a realidade do inconsciente após vivenciarem algo análogo a ele na situação terapêutica (Tosone, 1997). Ou seja, é reproduzindo o material inconsciente na relação transferencial que esse conteúdo pode ser transformado gradualmente em lembranças reais.

Portanto, não bastava o analisando ter acesso às informações sobre sua dinâmica inconsciente, tampouco bastava se recordar do que fora recalcado, sobretudo porque parte desse conteúdo jamais chegou a ser vivido concretamente pelo analisando: o conteúdo acessado pela via do saber, única e exclusivamente, “só irá rebater no paciente e não terá efeito nenhum” (Ferenczi & Rank, 1924/2022, p. 52). É preciso, pois, que o sujeito *vivencie* na situação analítica os caminhos que sua libido não pôde percorrer, bem como que ele *repita* na transferência suas dinâmicas psíquicas inconscientes. Só assim ele poderá se dar conta e acessar a realidade do inconsciente.

De forma sintética, nas palavras dos autores, “aquilo que não nos afeta no presente de uma maneira imediata, ou real, não terá eficácia em termos psíquicos” (Ferenczi & Rank, 1924/2022, p.52). Sem ignorar a importância da reconstrução histórica e o do passado, os autores lançam luz aos eventos e reações do presente (entenda-se, ao presente transferencial). Desta maneira, o olhar começa a se dirigir para o que é vivido no *aqui e agora* da situação analítica (Tosone, 1997).

3.2.5. Contraindicações aos praticantes da psicanálise

Feitos esses direcionamentos metapsicológicos, Rank e Ferenczi (1924/2022) partem para crítica a uma série de condutas clínicas consideradas, por eles, nocivas ao andamento do processo analítico, as quais mereciam, portanto, uma profunda reavaliação. Tais práticas deveriam ainda, na opinião da dupla, ser evitadas por aqueles interessados em realizar uma psicanálise capaz de produzir mudanças terapêuticas significativas em seus pacientes. De certa maneira, parece que os autores estão dialogando com as *Recomendações ao médico que pratica a psicanálise* (Freud, 1912/2010), divulgadas por Freud mais de uma década atrás, mas enfatizando, nesse caso, aquilo que os praticantes da psicanálise *não* deveriam fazer.

A primeira conduta criticada por Ferenczi e Rank (1924/2022) é a *análise descritiva* dos sintomas. Aqui eles estão desaprovando uma forma de conduzir a análise na qual o analista exclui o fator dinâmico de observação, permanecendo, única e exclusivamente, na descrição dos sintomas sem, contudo, lançar mão de uma ação terapêutica ou de uma escuta que se atente também para aquilo que está além do que é verbalizado pelo paciente, isto é, seus gestos, silêncios, o ritmo da fala, suas repetições etc.

Outra prática inadequada seria, em suas visões, a *coleta de associações*. Nesse cenário, o analista busca estimular o processo associativo desenfreadamente, como se as associações fossem o elemento principal de uma análise. Rank e Ferenczi (1924/2022) parecem estar chamando atenção para o fato de que essa postura não levaria em consideração que cada associação é apenas uma bolha que emerge na consciência, dando notícias de uma dinâmica pulsional bastante complexa, que deve seguir sendo investigada inclusive para se compreender o porquê de o paciente ter escolhido um caminho associativo e não outro.

Ferenczi já havia criticado o “abuso da liberdade de associação” alguns anos antes, em *A Técnica Psicanalítica* (1919a/2010), conforme pontuamos na seção 2.3.2., indicando que alguns pacientes subvertiam a regra fundamental da psicanálise fazendo, justamente, associações excessivas, porém, superficiais ou mesmo absurdas. Anos depois, na companhia de Rank, Ferenczi (1924/2022) mostra que o próprio analista poderia ser o responsável, em certos casos, por provocar esse tipo de resistência no analisando, ao estimulá-lo a produzir associações como um fim em si mesmo.

Um outro perigo é representado por aquilo que os autores chamam de *fanatismo interpretativo*, isto é, interpretar cada um dos conteúdos trazidos pelos pacientes (sonhos, lapsos, piadas, gestos) de forma individualizada ou até mesmo descontextualizada. Isso porque os elementos ganham novos significados a depender do contexto em que estão inseridos e devem, então, ser tomados de uma forma mais global, a qual leve em consideração a situação analítica do sujeito como um todo.

Outros dois aspectos incluídos por Rank e Ferenczi (1924/2022) nessa listagem de erros do método psicanalítico são a *análise dos sintomas* e a *análise dos complexos*. Embora eles reconhecessem o abandono dessas condutas na história recente da psicanálise, eles não se furtaram de tecer críticas a elas, bem como aos médicos que

seguiam praticando-as³⁰. O principal argumento utilizado pela dupla para sustentar seu posicionamento é a própria regra da atenção flutuante, a qual preconiza que “o analista deve sempre tomar a superfícies psíquica como ponto de partida, e não está autorizado a sair em busca de conexões associativas com o sintoma” (Ferenczi & Rank, 1924/2022, p. 45), ou buscar enquadrar a vida anímica em complexos pré-estabelecidos.

Por este motivo, questionar diretamente o analisando sobre seus sintomas ou dar ouvidos demais a esse aspecto acabaria por desviar, na opinião dos autores, o foco da análise, que deveria ser a reconstrução dos pontos de fixação do desenvolvimento libidinal e não a historicidade, única e exclusivamente, de cada sintoma. Já a análise dos complexos seria, no final das contas, uma prática míope de análise, já que ela se propõe a encaixar toda a complexidade da subjetividade do analisando em um conjunto de representações universais que pouco dizem sobre a singularidade de cada sujeito e que pouco dão conta de acessar camadas mais profundas de seu psiquismo.

A dupla também cobra moderação nas *análises estritamente histórico-culturais e filogenéticas*, assim como naquelas que olham apenas para os *conteúdos atuais*. Novamente, o perigo a ser evitado é que a singularidade dos analisandos não seja ouvida em sua integralidade, já que “entre passado e futuro, os ‘anagógicos’ e alguns dos ‘genéticos’ negligenciavam a presença do paciente” (Ferenczi & Rank, 1924/2022, p.51).

Um outro perigo para o qual a dupla alerta é o *saber excessivo do analista*. Trata-se de um saber que interpela a própria escuta terapêutica, a qual acaba ficando enviesada já que passa a buscar no discurso do paciente evidências que ratifiquem a teoria psicanalítica, e não o oposto (recorrer a teoria para dar suporte e embasar a prática clínica). Os autores também são categóricos ao afirmar que “não cabe à técnica explicitar de maneira didática um histórico das fases pré-definidas do desenvolvimento da libido, menos ainda avaliar e classificar a descoberta de todos os detalhes teóricos como se fossem princípios para a cura da neurose” (Ferenczi & Rank, 1924/2022, p.49).

O que eles propõem, no lugar disso, é que as explicações teóricas e interpretativas sejam reservadas para momentos pontuais do tratamento, a saber, momentos nos quais as resistências comparecem e é preciso ajudar o analisando a se dar conta delas para então superá-las. Nas palavras dos autores: “interromper o trabalho regular de análise para explicações formais é algo que poderia agradar tanto ao paciente quanto ao médico, mas

³⁰ Aqui, mais especificamente, a crítica é dirigida ora de forma velada, ora de forma nominal, à Jung.

não altera em *nada* a orientação da libido do paciente” (Ferenczi & Rank, 1924/2022, p.53, itálicos nossos).

Tão prejudicial quanto preencher intelectualmente todo o espaço de análise seria ignorar, na leitura de Ferenczi e Rank, certos dados clínicos, como *a transferência negativa*. Demonstrando um posicionamento destoante dos padrões da época, eles se opunham à ideia de que a transferência negativa seria uma forma de resistência a ser evitada no curso de uma análise. Para eles, na realidade, esta seria uma reação que integra o repertório elementar de toda análise e que pode informar, tanto quanto a transferência positiva, sobre aspectos da dinâmica inconsciente do analisando.

É importante lembrar, conforme pontua Pereira (2019), que a transferência negativa foi uma temática recorrente na obra ferencziana, de tal modo que, já em 1909, o húngaro identificou que “reconhecer a transferência das emoções positivas e negativas é capital na análise” (Ferenczi, 1909/2011, p.91). Porém, arriscamos a dizer que, em *Metas do Desenvolvimento da Psicanálise* (1924/2022), talvez pelo fôlego proporcionado pela parceria com Rank, essa defesa aparece de forma bastante contundente.

Os dois fazem também uma ousada crítica *contra a impessoalidade da relação entre analista e analisando*, isto é, contra a evitação de qualquer troca interpessoal dentro da cena de análise. Numa primeira leitura, pode até parecer que os dois estão incentivando uma ligação no nível pessoal entre analista-analisando. Porém, os dois estão apenas chamando atenção para o aspecto *relacional* do processo analítico, e para o quanto a frieza nesta vinculação poderia produzir um “afastamento antinatural de todo o contato humano, e restauraria uma teorização da vivência analítica” (p.55). Esse aspecto será cada vez mais afinado nas proposições técnicas derradeiras de ambos os autores, conforme veremos mais à frente.

Ainda preocupados com condutas potencialmente iatrogênicas, eles alertam para uma outra tendência observada na técnica de alguns analistas contemporâneos: o uso indiscriminado da técnica ativa. Para se furtarem das dificuldades técnicas que apareciam no curso da análise, certos profissionais adotavam uma postura de exagero no manejo da técnica ativa, constringendo o paciente a todo tempo com proibições e instruções, praticando aquilo que eles nomeiam de uma *atividade selvagem*. Ferenczi e Rank (1924/2022) apontam para a necessidade de uma moderação no uso da técnica ativa, a qual também não deveria pender para o outro extremo - uma passividade excessiva do analista -, já que isso privaria o paciente das necessárias intervenções que levariam ao seu processo cura. Assim sendo,

Nesta atividade moderada (ou enérgica caso necessário) que a análise demanda, o médico deve efetivamente exercer em alguma medida o papel que o inconsciente do paciente e suas tendências para a fuga lhe destinaram. Isso favorece a tendência à repetição de antigas vivências traumáticas, à qual naturalmente se acrescenta a meta mais importante, que consiste em superar de maneira definitiva esse movimento para a repetição através da revelação definitiva de seu conteúdo. Ali onde essa repetição acontece de forma espontânea, não é necessário instigá-la, e o médico pode trabalhar apenas para transformar a repetição em recordação (ou em uma reconstrução plausível)” (Ferenczi & Rank, 1924/2022, p.58).

E de onde provêm tantos e tão variados erros? É possível perceber que muitos dos equívocos listados por Ferenczi e Rank (1924/2022) nesse capítulo são causados por aquilo que eles nomeiam de *narcisismo do analista*. A incapacidade de autocrítica por parte do analista geraria uma resposta transferencial na qual os pacientes assumiriam uma postura adulatativa, reprimindo os conteúdos e associações que pudessem ser tomados como depreciativos ou pouco lisonjeiros ao analista. Congruente a isso, o analista também teria dificuldades em reconhecer possíveis sinais, ainda que hesitantes, de críticas por parte do analisando. Tudo isso encaminharia o cenário para uma aparente melhora do paciente, ou melhor, a uma falsa melhora. Avançando nesse tópico em sua obra, Ferenczi concluirá, alguns anos depois, que essa montagem da relação transferencial poderia inclusive conter um potencial traumático, conforme mostraremos no capítulo 4.

Sem a necessária disponibilidade para refletirem sobre sua técnica, calibrando-a de forma a acolher a singularidade de cada caso, muitos analistas acabavam ficando presos às teorias e direcionamentos técnicos, e defendidos do encontro afetivo promovido pela clínica (Kupermann, 2017). Disso decorreriam, substancialmente, os abusos interpretativos e associativos, assim como outras condutas equivocadas denunciadas pelos autores, anteriormente. Não à toa eles falam, adiante, no livro, sobre a importância da análise do analista, como uma maneira destes se tornarem mais sensíveis aos seus pontos cegos.

Portanto, o que eles tentam indicar nessa longa passagem do livro, é que nem todos os impasses que surgiam ao longo do tratamento poderiam ser tributáveis às resistências inconscientes do analisando: na verdade, a maioria deles seriam causados pelos próprios

analistas. Chama atenção o modo como os autores compreendem a análise como um processo *relacional*, em que a subjetividade do analista também importa e comparece.

3.2.6. O *circulus benignus* entre a teoria e a técnica

Depois de um capítulo metapsicológico e de outro eminentemente clínico, Ferenczi e Rank (1924/2022) se encarregam de mostrar como esses dois aspectos caminham – ou deveriam caminhar - lado a lado: a natureza da psicanálise é justamente ser, ao mesmo tempo, um instrumento de tratamento e um instrumento teórico. E por carregar essa dupla vertente, o uso desse saber seria permeado por certos desafios e particularidades.

Primeiramente, eles procuram mostrar que existe uma reciprocidade entre os avanços da teoria e da prática. Ou seja, quanto mais se produz conhecimento a respeito do funcionamento psíquico, melhores poderiam ser as intervenções dos analistas, assim como, quanto mais material clínico se acumula, mais a ciência psicanalítica poderia avançar. No seguinte trecho, é possível entender o posicionamento dos autores a respeito dessa dupla imbricação: “à medida que vamos descobrindo como compreender e dominar o inconsciente, também se torna sempre necessário um novo passo teórico que, por sua vez, pode incrementar as capacidades da técnica” (Ferenczi & Rank, 1924/2022, p.64).

Eles dão a esse movimento de retroalimentação entre a teoria e técnica o nome de *circulus benignus*: “podemos falar, em oposição ao *circulus vitiosus* que continuamente produz novas dificuldades, de um *circulus benignus*, de uma influência recíproca e geradora da prática por intermédio da teoria e da teoria por intermédio da prática (Ferenczi & Rank, 1924/2022, p.61)”. Vale ressaltar que não há uma sobreposição de um fator em relação ao outro, ou uma estrutura hierárquica entre eles: ambos são igualmente importantes, mas por motivos diferentes.

Ainda sobre as particularidades da dupla natureza epistemológica da psicanálise – ser ao mesmo tempo uma teoria e uma modalidade de tratamento –, Rank e Ferenczi (1924/2022) procuram mostrar que seu uso requer do analista cautela, caso contrário, alguns erros poderiam ser incorridos. O primeiro deles seria tomar a teoria e a técnica como uma coisa só. Outro, seria fazer uma transposição direta, sem ponderações, da teoria para a prática. Para eles, não é porque os dois fatores são igualmente importantes que eles não guardam suas diferenças, as quais devem ser rigorosamente respeitadas.

Portanto, seria fundamental distinguir quais aspectos do corpo teórico psicanalítico são adequados para um uso clínico e quais destinam-se a um saber psicológico geral. A ausência dessa distinção, ou, então, uma postura que a tome unilateralmente, seria bastante nefasta à psicanálise.

Nessa passagem do livro, nos parece que os autores estão trazendo um embasamento para uma das principais críticas deste trabalho: a de que a psicanálise, da forma como foi se edificando, teria interrompido o fluxo natural deste movimento dialético entre teoria e práxis, abandonando a segunda enquanto se concentrava na primeira. E, para além disso, parece que é o momento em que eles tentam responder mais diretamente à pergunta disparadora de Freud, acerca das relações entre a teoria e técnica psicanalítica, ainda que sem avançar muito na discussão.

3.2.7. Perspectivas da psicanálise

Nos momentos finais do livro, Rank e Ferenczi apresentam seu posicionamento acerca de algumas questões institucionais do movimento psicanalítico que vinham sendo debatidas à exaustão dentro dos círculos de psicanálise – aquela era a “era dos debates”, afinal (Mezan, 2014) - e fazem algumas apostas sobre o que o futuro guardaria para a teoria e técnica psicanalíticas. Muitas dessas opiniões já vinham sendo comunicadas por eles nos bastidores, mas aqui aparecem de forma sistematizada e formalizada.

O primeiro ponto por eles abordado é o da *análise didática*. Na opinião dos autores, seria recomendado que os analistas em formação passassem por uma análise pessoal, visto que deitar no divã traria ferramentas e um saber empírico o qual a formação teórica, por mais completa que fosse, seria incapaz de proporcionar. Até este ponto, os autores estavam em perfeito alinhamento com o restante dos colegas de Comitê. Porém, para eles, a análise didática não deveria se diferenciar de uma análise comum, pois isso aumentaria o risco, mais uma vez, do processo analítico se tornar demasiadamente intelectualizado. Portanto, a análise didática deveria, na opinião da dupla, “ocupar-se mais com a análise e menos com a didática, que só viria a ser adquirida posteriormente, em um momento distinto” (Ferenczi & Rank, 1924/2022, p. 76).

Tocando em mais um tópico efervescente daquele momento histórico, qual seja, a questão da *análise leiga*, Rank e Ferenczi (1924/2022) sublinham que a psicanálise se construiu como uma disciplina autônoma, logo não poderia ser posicionada hierarquicamente como inferior à Medicina (ou a qualquer outra ciência). Portanto, o

posicionamento deles – que conflitava com o de Jones e dos colegas berlinenses e americanos, conforme mostramos anteriormente, – era de que a formação médica não deveria ser um pré-requisito para a atuação clínica dos analistas, mesmo porque muitos dos médicos “capturados pela instrução unilateral que recebem das ciências da natureza, são na verdade leigos em questões psicológicas” (Ferenczi & Rank, 1924/2022, p.81). O importante, na leitura deles, seria passar por uma formação rigorosa em psicanálise, que envolveria análise pessoal e estudo teórico.

Outra colocação de Ferenczi e Rank (1924/2022), que pode ser lida como polêmica, é o aceno que eles fazem à hipnose. Eles reconhecem que a forma como esse instrumento fora utilizado no passado gerava efeitos terapêuticos pouco duradouros, visto que não atuava sobre as verdadeiras causas dos sintomas apresentados pelos pacientes.

Porém, mesmo com as constatações que levaram a hipnose a ser abandonada por Freud, eles não descartavam algumas vantagens desse instrumento: a hipnose poderia ser, na visão dos autores, um meio eficaz para se atingir a tão necessária supressão das resistências intelectuais no processo analítico, as quais, muitas vezes, levavam a uma estagnação dos avanços terapêuticos, ao blindar o analisando do componente afetivo em sua análise. Assim sendo, ao propiciar uma quebra das resistências intelectuais (morais, éticas, estéticas etc.), a hipnose *poderia* trazer, pois, um ganho significativo ao processo terapêutico.

Importante frisar o “poderia”, porque, naquela altura, ainda não havia uma compreensão suficientemente boa a respeito da ligação que a hipnose promove entre o analista e analisando, nem sobre a “especificidade do estado hipnótico” (Ferenczi & Rank, 1924/2022, p.77), o que tornava essa ferramenta ainda pouco recomendável por eles. A dupla então pondera que:

Se existisse alguma maneira de reunir o ganho inestimável da técnica hipnótica e os ganhos resultantes da dissolução da situação afetiva da hipnose, nossa capacidade terapêutica obteria um avanço extraordinário. . . . Quando for possível compreender de maneira integral a essência da ligação hipnótica com o médico, que não foi inteiramente revelado a respeito da natureza da transferência, talvez então o analista possa reunir as condições para colocar novamente a hipnose a serviço de sua técnica, sem o temor de que ele possa vir a desatar o cordão umbilical que liga o paciente a ele. Essa possibilidade de reinserção da hipnose ou de outros recursos sugestivos na terapia analítica talvez representasse a pedra de

toque do desenvolvimento para o qual a simplificação da técnica analítica, de acordo com nossa concepção, está caminhando e deve caminhar (Ferenczi & Rank, 1924/2022, p.77-78).

Portanto, mesmo trazendo esse assunto de forma breve e altamente especulativa, fica claro que os autores pareciam estar buscando alternativas para garantir que o processo analítico fosse, cada vez menos, influenciado pelas resistências intelectuais, e, em contrapartida, mais atravessado pela afetividade. Contudo, ainda que na hipnose esse resultado fosse “alcançado de uma forma extremada, a depender do grau de desativação ou ativação da consciência” (Ferenczi & Rank, 1924/2022, p.78), não havia elementos conceituais que mostrassem ser seguro, à longo prazo, voltar a lançar mão dessa ferramenta terapêutica.

Por fim, Ferenczi e Rank (1924/2022) trazem também um otimista prognóstico acerca do futuro da psicanálise. De acordo com Bo'kay (1998), é na parte final do livro que podemos compreender melhor o título escolhido por eles para nomearem esse trabalho. Os autores estariam tentando, a seu ver, oferecer uma continuação às *Contribuições à história do movimento psicanalítico* (Freud, 1914/2012), ensaiando – de maneira hipotética, é evidente – quais seriam os novos passos da psicanálise ou ainda, as metas a serem atingidos com o desenvolvimento desta disciplina.

Os autores fazem, primeiramente, a aposta de que haveria, com o tempo, uma simplificação essencial da técnica psicanalítica, isto é, eles vislumbravam que no futuro a técnica se apresentaria como um conjunto de ferramentas apoiado por um claro direcionamento ético e metodológico, o qual cada analista, tal como um artesão, poderia manusear, caso a caso, para escutar de forma adequada a singularidade dos analisandos que deitassem em seus divãs. No capítulo 5 deste trabalho, mostraremos que este gérmen permaneceu vivo nas produções derradeiras dos autores acerca da técnica psicanalítica.

Graças a essa simplificação metodológica, a dupla desdobra uma segunda aposta, qual seja, a de que a psicanálise teria maiores condições de ser apreendida e praticada por outras especialidades médicas (e por que não, por outras profissões). Ou seja,

A redução do método a elementos concretos simples – um processo que é favorecido pelo avanço desse conhecimento – traria com o tempo uma consequência prática que não pode ser desmerecida: por um lado, a aquisição do conhecimento psicanalítico pelos médicos em geral (e não somente pelos psicoterapeutas) seria muito mais simples e, por outro lado, a duração e a forma

do tratamento seriam simplificadas de modo substancial (Ferenczi & Rank, 1924/2022, p. 79).

Conseqüentemente, a psicanálise poderia deixar, pois, sua “*splendid isolation*, que antes havia sido indispensável para a criação e elaboração da psicanálise, de modo tão rigoroso” (Ferenczi & Rank, 1924/2022, p. 79), para circular entre outros campos do saber e como possibilidade de escuta aliada a outras modalidades terapêuticas. Como eles bem nos recordam, o próprio Freud já teria antevisto essa possibilidade, ao indicar a possibilidade de “fundir o puro ouro da análise com o cobre da sugestão direta” (Freud, 1919[1918]/2010, p.292).

Esse trânsito de saberes poderia, ainda, ser frutífero tanto para a própria psicanálise, como também para as áreas com quem ela dialogasse. Os médicos, por exemplo, que se aproximassem da psicanálise ao longo de sua formação – independentemente de suas especialidades –, poderiam se beneficiar de uma escuta mais global no trato com seus pacientes. Quanto à psicanálise, a construção de uma interlocução com as disciplinas de conhecimento que se debruçam, em alguma medida, sobre os mesmos fenômenos de sua abrangência – como a Biologia, Medicina, Fisiologia Química etc. –, poderia resultar em descobertas terapêuticas e conceituais surpreendentes.

Os autores encerram o livro evocando Freud, por uma última vez, agora dialogando com uma passagem de *As perspectivas futuras da terapia psicanalítica* (1910/2013), conferência apresentada pelo professor em 1910. Apostando no futuro de forma otimista, mais uma vez, Ferenczi e Rank (1924/2022) ainda deixam indicado, mesmo que de forma muito sutil, que as mudanças técnicas por eles sugeridas poderiam contribuir para tirar a psicanálise do lugar engessado em que se encontrava, dando-lhe uma roupagem mais inteligível, atualizada e apta para debater com outros saberes, conforme podemos acompanhar no trecho a seguir:

A antecipação feita por Freud em “As perspectivas futuras da terapia psicanalítica” (no Congresso de 1910) – a saber, que nossos êxitos terapêuticos seriam maiores quando contássemos com a mesma autoridade que é concedida aos especialistas médicos – ficou mais próxima da realidade, mas esse fator social determinante só pode abrir caminhos para a sua realização completa quando caírem por terra as formas intelectuais ou não da resistência – *influenciadas, quem sabe, pelas modificações da técnica que foram aqui apresentadas* (Ferenczi & Rank, 1924/2022, pp. 82-83, itálicos nossos).

3.3. A eclosão de uma crise

Metas do Desenvolvimento da Psicanálise (Ferenczi & Rank, 1924/2022) foi apresentado por Ferenczi à Sociedade Psicanalítica de Viena, em 2 de janeiro de 1924. É importante destacar que os primeiros julgamentos e comentários a respeito desse trabalho ocorreram em um contexto de franca crise dentro do Comitê. Àquela altura, Jones e Abraham estavam alinhados, em geral, em questões teóricas e políticas, Ferenczi mantinha relações cordiais com todos, apesar de já haver alguns desgastes com Jones e Abraham. Rank, por sua vez, colecionava desavenças com Jones e os berlinenses, recebendo, na maior parte das vezes, o apoio de Freud e Ferenczi (Grosskurth, 1992).

Para exemplificar essa crescente tensão, vale citar a fatídica reunião do grupo, em San Cristóforo, Itália, em agosto de 1923, na qual Ferenczi denunciou Jones por ter chamado Rank de “judeu trapaceiro” (*swindling jew*)³¹. O comentário teria desencadeado uma total repulsa entre os presentes na reunião, que pediram para que o britânico fosse expulso do Comitê, situação que precisou da mediação de Freud para ser dissolvida (Pizarro-Obaid, 2012b). Nesse mesmo encontro, ocorreu uma discussão entre Abraham e Ferenczi, na qual o “primeiro teria tecido críticas à técnica ativa do segundo e esse, em resposta, teria afirmado que em Berlim a preocupação com a clínica era reduzida em face da teoria” (Dean-Gomes, 2019, pp.243-244).

Nesse ínterim, um outro acontecimento teria precipitado ainda mais as coisas: a descoberta do câncer de mandíbula de Freud, e a possibilidade de sua morte iminente – que se deu só quase duas décadas depois (Roazen, 1971). Instaurando em seus discípulos a dúvida sobre quem seria o seu sucessor, assim como movimentos antecipados de luto, “o grave diagnóstico aumentaria a complexidade do problema, tensionaria a relação entre seus seguidores e tornaria a resolução das diferenças ainda mais incerta” (Pizarro-Obaid, 2012b, p. 425).

Podemos prever, portanto, que a recepção do trabalho de Ferenczi e Rank não seria unânime dentro do Comitê, seja pelas teses, em certos aspectos, heterodoxas para uma determinada ala do grupo, como pelas complexas ligações transferenciais entre os personagens que compõem essa história. Porém, o que Ferenczi não contava era que Freud, até então, sempre simpatizante de suas ideias, também teria algumas ressalvas às

³¹ Ferenczi teria ficado sabendo desse episódio dias antes, por meio de A. A. Brill (Lieberman, 1985).

teses exploradas por ele junto de Rank. Podemos observar suas reticências no trecho de uma correspondência enviada ao húngaro, vinte dias depois da divulgação do livro:

Não estou completamente de acordo com seu trabalho conjunto, embora haja muito nele que eu valorizo. Discuti parte dele de forma crítica com Rank, mas, de modo geral, preferiria aguardar para que todos vocês não sejam incomodados em sua produção (Brabant, Falzeder & Giampieri-Deutsch, 2000, p. 118).

Ferenczi, sempre muito cioso da opinião de Freud, se viu bastante surpreso com esse posicionamento, sobretudo porque o professor teria incentivado o esforço conjunto deles em diversas ocasiões, tendo inclusive lido os esboços do trabalho enquanto ele era redigido. Ao longo de sua elaboração, os dois “havia seguido todas as suas sugestões para mudanças estruturais e ênfase em certos pontos” (Grosskurt, 1992, p.172), sendo que a única objeção de Freud teria sido, até então, a excessiva valorização do fator da experiência, no lugar da lembrança.

Contudo, agora o professor trazia uma nova opinião sobre o livro: “não gosto tanto como no início, antes de ter me distanciado um pouco dele” (Brabant, Falzeder & Giampieri-Deutsch, 2000, p.122). Preocupado com o encurtamento das análises e as possíveis deturpações que essa ferramenta poderia acabar sofrendo na mão de analistas pouco experientes, Freud sugeria que “o caminho que foi inaugurado ali poderia sair da análise, ao prometer ser uma alternativa para os caixeiros ambulantes” (Brabant, Falzeder & Giampieri-Deutsch, 2000, p.122).

Além disso, Freud também pontuava que a dupla teria trabalhado certas ideias de uma maneira superficial, sobretudo no que tange ao debate acerca do valor da “experiência”, como podemos acompanhar no seguinte trecho: “agora eu faria um julgamento de que ele [o livro] tem um defeito de nascença, na medida em que enfatiza a ‘experiência’, à maneira de um slogan, e avança muito pouco em sua dissolução” (Brabant, Falzeder & Giampieri-Deutsch, 2000, p.122).

Apesar disso, ele apreciava o esforço conjunto de seus pupilos e entendia que suas experimentações estavam dentro dos limites da psicanálise: “parece-me fora de questão que ou você ou Rank, em suas excursões independentes, em algum momento abandonariam o terreno da psicanálise” (Brabant, Falzeder & Giampieri-Deutsch, 2000, p.123).

Enquanto Freud sabia da iminente publicação do livro e de seu conteúdo, os outros membros do Comitê só foram tomar conhecimento das proposições da dupla quando Ferenczi apresentou o livro à Sociedade Psicanalítica de Viena. Até então, eles não tinham muitas notícias, para além do fato de que os dois estavam trabalhando juntos. Esse foi um dos principais pontos da querela que se deflagrou com a divulgação do trabalho: Ferenczi e Rank teriam traído, supostamente, um dos fundamentos do grupo, qual seja, o de que todos os artigos nos quais os membros estivessem trabalhando deveriam primeiro serem discutidos internamente, antes de serem divulgados às massas³² (Dean-Gomes, 2022). Lembremos que o Comitê foi formado no contexto da dissidência de Jung, portanto, o objetivo dessa medida era evitar que mais publicações consideradas, por eles mesmos, heréticas, viessem à tona (Roazen, 1971).

Conforme pontua Lieberman (1985), nossos protagonistas “colocaram uma ênfase na experiência presente para equilibrar a interpretação do passado, na atividade terapêutica em vez de passividade . . . Esses fatores logo se mostraram demasiadamente radicais para o molde conservador no qual a psicanálise se rigidificava” (p. 193). Consequentemente, as *Rundbriefes* seguintes foram atravessadas por um debate intenso a respeito das teses apresentadas por Ferenczi e Rank, sendo Jones e Abraham os principais críticos a elas.

Como uma forma de tentar amenizar o mal-estar de Ferenczi (que se mostrava angustiado pela sua desaprovação parcial), e dos outros membros do Comitê (que viam no livro sementes de tendências divergentes), Freud então envia uma importante *Rundbrief*, em 15 de fevereiro de 1924, na qual esclarece:

Eu valorizo o livro conjunto como um corretivo da minha visão do papel da repetição ou da atuação na análise. Eu costumava ficar apreensivo com isso e considerava esses incidentes, ou “experiências” como vocês agora os chamam, como falhas indesejáveis. Rank e Ferenczi chamam a atenção para a inevitabilidade dessas experiências e a possibilidade de aproveitá-las de maneira útil. De qualquer forma, o livro pode ser considerado uma intervenção revigorante, que possivelmente pode precipitar mudanças em nossos hábitos analíticos atuais. Na minha opinião, tem o defeito de não ser completo, ou seja, não dá conta das

³² Aqui existe um ponto de controvérsia. Lieberman (1985) aponta que Jones, na verdade, teria inventado, posteriormente, a existência dessa regra em sua biografia sobre Freud (Jones, 1957). Embora não possamos apurar qual dessas versões é a mais precisa, o que temos por certo é que Jones se incomodava com o fato de haver assuntos institucionais não sendo compartilhados com todos os membros do Comitê.

mudanças de técnica que os dois autores têm no coração, mas apenas as insinuam. Certos perigos estão associados a esse afastamento de nossa “técnica clássica”, como Ferenczi a chamou em Viena, mas isso não significa que não possam ser evitados. No que diz respeito às questões de técnica, minha opinião é que os dois autores estão inteiramente justificados em indagar se, para fins práticos, linhas diferentes não devem ser seguidas. Veremos qual é o resultado. Em todo o caso, devemos evitar condenar qualquer empreendimento como, *a priori*, herético (Abraham & Freud, 1965, p.344).

Ele ainda dá o seu parecer sobre o encurtamento das análises, ferramenta defendida pela dupla, desaprovando-a. Ele dizia não acreditar que em pouco tempo fosse “possível penetrar nas camadas profundas do inconsciente e provocar mudanças duradouras na vida mental. Mas é claro que vou me curvar diante da experiência” (Abraham & Freud, 1965, p.344). Por fim, Freud chama atenção para a falta de evidências que apoiassem e embasassem as proposições elaboradas por Rank e Ferenczi (Lugrin, 2012). Portanto, podemos perceber que Freud tolerava as inovações sugeridas pelos seus pupilos, e as compreendia como fazendo parte da evolução do saber-fazer psicanalítico, apesar de ter suas reservas a elas.

Já dissemos que Ferenczi se mostrava bastante preocupado com esse posicionamento ambivalente do mestre. Mas e Rank? Lugrin (2012) nos conta que, sem se preocupar com o reconhecimento de Freud ou de seus colegas, a colaboração com Ferenczi acabou evoluindo para uma “verdadeira ofensiva” por parte do vienense: “decidi iniciar uma primeira campanha científica contra a superestimação do complexo de castração” (Lieberman & Kramer, 2012, p. 140) - ele informa em uma carta enviada a Freud, em novembro de 1923.

Como se sabe, a “campanha” que Rank começaria a empreender, dali em diante, era a defesa de que o trauma do nascimento seria o evento fundante de toda vida psíquica. Essa hipótese, que acabou levando ao seu distanciamento do edifício psicanalítico, foi formalizada no canônico *Trauma do Nascimento* (Rank, 1924/2016), escrito pelo vienense no mesmo período em que ele vinha trabalhando com Ferenczi, e publicado quase que simultaneamente ao livro de coautoria com o húngaro. Dedicado a Freud, o artigo era “potencialmente muito mais perturbador do que a obra conjunta com Ferenczi” (Gay, 1988/2012, p.476).

Como bem pontuou Eitingon, esses dois livros produziram no Comitê “o efeito de uma bomba” (Schröter, 2009, p.346). Embora as inovações teóricas e técnicas contidas em *Metas do Desenvolvimento da Psicanálise* (Ferenczi & Rank, 1924/2022) tenham perpassado a crise que finalmente explodiu no Comitê, a disputa ficou muito mais centralizada, na realidade, em Rank e seu trabalho individual. Ferenczi, por sua vez, acabaria sendo lido por alguns como “cúmplice” do vienense nessa empreitada anti-psicanalítica, o que demandou dele um esforço para tentar, primeiramente, atenuar as críticas ao colega, e depois, um esforço para se desligar dele afetiva e conceitualmente (Pizarro-Obaid, 2012b).

Assim sendo, só podemos compreender esse conturbado momento da história do movimento psicanalítico, tendo uma noção das ideias discutidas em *Trauma do Nascimento* (Rank, 1924/2016). Portanto, antes de seguirmos com o eixo histórico que levará, futuramente, à dissidência e isolamento de Ferenczi e Rank, apresentaremos as principais teses de *Trauma do Nascimento* (Rank, 1924/2016).

Também achamos importante apresentar, ainda que brevemente, o trabalho que Ferenczi publica nesse mesmo intervalo, a saber, *Thalassa* (Ferenczi, 1924b/2011), tanto pela proximidade histórica com o ensaio de Rank, como pelas coincidências conceituais entre os dois livros. Mesmo que *Thalassa* (Ferenczi, 1924b/2011) tenha passado quase que despercebido em meio à tal disputa, ele, assim como *Trauma do Nascimento* (Rank, 1924/2016), interferiram, em maior ou menor medida, na apreciação de *Metas do Desenvolvimento da Psicanálise* (Ferenczi & Rank, 1924/2022) e, conseqüentemente, na parceria entre nossos protagonistas.

4. DOIS OLHARES PARA O TRAUMA, A MATERNIDADE E A REGRESSÃO

4.1. Coincidências conceituais

Para além das inquietações técnicas, outros dois temas foram alvos de investigação de Ferenczi e Rank, no início dos anos 1920, ainda que com importantes diferenças entre si: o papel da relação da criança com a *mãe* na constituição psíquica e a questão do *trauma*. Isso pode apontar, mais uma vez, para uma espécie de congruência entre o pensamento clínico-teórico desses dois pensadores, ao menos em um certo período de suas obras.

Conforme já situamos na introdução deste trabalho, os dois autores foram pioneiros em atribuir à figura materna um lugar de protagonismo dentro de uma psicanálise, até então, bastante centralizada ao redor da figura paterna. Também abordaram a importância das transferências maternas e do papel do ambiente familiar na constituição e desenvolvimento do psiquismo infantil. De acordo com Dean-Gomes (2022):

Ao lado de “Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade” de Ferenczi, e mais diretamente do que o trabalho do húngaro, o “Trauma do nascimento” de Rank é o grande documento da evolução das ideias psicanalíticas, naquele momento, na direção de incluir a relação do bebê com a mãe na origem dos padecimentos psíquicos (pp. 87-88).

Assim como *Metas do Desenvolvimento da Psicanálise* (Ferenczi & Rank, 1924/2022), *Thalassa* (Ferenczi, 1924b/2011) e *Trauma do Nascimento* (Rank, 1924/2016) foram publicados no início do fervoroso ano de 1924. Assim sendo, ao mesmo tempo em que Ferenczi e Rank praticavam e teorizavam sobre a técnica ativa, os dois também vinham se debruçando em questões teóricas acerca do desenvolvimento psíquico e da psicopatologia (Dean-Gomes, 2019). Portanto, não é de se estranhar que suas reflexões acerca da técnica os tenham encaminhado para novos olhares para teoria e vice-versa: aqui está o próprio *circulus benignus* que eles descrevem em *Metas do Desenvolvimento da Psicanálise* (Ferenczi & Rank, 1924/2022).

Não pretendemos esgotar as ideias trazidas pelos autores nesses dois livros, porém, acreditamos que uma apresentação das principais teses de cada um deles em *Thalassa* (Ferenczi, 1924b/2011) e *Trauma do Nascimento* (Rank, 1924/2016) possa ser importante

para mostrar as possíveis afinidades conceituais entre eles naquele momento, além de construirmos, com isso, subsídios para explicar de uma maneira mais precisa os argumentos envolvidos na disputa político-teórica que se deflagra no seio do movimento psicanalítico, culminando na ruptura intelectual e afetiva de nossos protagonistas. Além disso, as temáticas por eles abordadas nessas obras irão, em certa medida, inaugurar um novo momento de suas proposições técnicas, o que reafirma a relevância de nos determos, ao menos um pouco, nesse tópico.

4.2. O nascimento como trauma

Em *Trauma do nascimento e seu significado para a psicanálise* (Rank, 1924, 2016), como o próprio título indica, Rank teoriza sobre o efeito traumático do nascimento e as implicações deste evento na constituição psíquica dos sujeitos. De acordo com Castro (2016), há muitos anos vinha-se especulando na Sociedade Psicanalítica de Viena sobre o estatuto do nascimento dentro da teoria psicanalítica. No centro do debate, ela aponta, “estava a ideia, lançada por Freud, do ato do nascimento como uma fonte de angústia” (Castro, 2016, p.13). Em linhas gerais³³, Freud teria argumentado em mais de uma ocasião que o nascimento seria a primeira experiência de angústia - decorrente do afluxo de excitação que se deflagraria em virtude da separação do corpo da mãe – e a fonte e o protótipo do afeto de angústia (Freud, 1900/2019; 1917/2014; 1923/2011).

Strachey (1969/1996) menciona que Rank (1924/2016) teria adotado as ideias de Freud sobre o nascimento, dando a este evento, contudo, um caráter de centralidade em sua teoria. O discípulo parte, então, do seguinte paradigma: o nascimento interromperia abruptamente a situação de prazer absoluto da vida intrauterina, adquirindo assim um estatuto traumático. A experiência de separação do corpo da mãe e o estresse gerado pela saída do útero materno seriam vividos não só fisiologicamente pelo bebê, mas também *psiquicamente*, engendrando uma angústia que configura todo o desenvolvimento subjetivo (Melo & Ribeiro, 2006).

Assim sendo, o desejo de retornar ao útero materno e a angústia mobilizada pelo nascimento estariam sempre presentes na dinâmica psíquica, de tal forma que: “assim

³³ Para um aprofundamento maior sobre este assunto, remeto o leitor ao subtítulo “A ansiedade e o nascimento” da Introdução do editor James Strachey para *Inibição, Sintoma, Angústia* (1926/1996). Nele, Strachey (1996) fará uma retomada de todas as vezes que Freud teria se reportado à questão do nascimento em suas articulações com a angústia, até o momento da publicação de *Inibição, Sintoma e Angústia*.

como a angústia do nascimento subjaz a toda e qualquer angústia, todo prazer tende, em última instância, à reprodução do prazer primitivo intrauterino” (Rank, 1924/2016, p. 38).

Logo no prefácio do livro, o qual fora escrito na primavera de 1923, e publicado no início do 1924, Rank indica que o livro não é apenas uma “aplicação da psicanálise”, exercício que marcou suas principais publicações psicanalíticas até então, mas uma empreitada em busca de ampliar “nossa concepção geral do homem e da história da humanidade” (Rank, 1924/2016, p. 21). Após uma extensa investigação ele conclui que o trauma do nascimento seria a fonte de todas as neuroses e a chave para se pensar a técnica psicanalítica, assim como aspectos da cultura e humanidade de uma forma geral (Castro, 2016).

O autor aponta que embora o trauma do nascimento não possa ser rememorado diretamente, uma vez que ele passa por um processo de *recalcamento primitivo*, ele continuaria reverberando em toda a dinâmica psíquica. Além desse mecanismo de recalcamento primitivo que atua diretamente sobre o registro do doloroso trauma do nascimento, Rank (1924/2016) também identificou a presença de uma *angústia primitiva* que atua bloqueando a lembrança da situação prazerosa inicial. Nas palavras do autor, haveria, pois, “um recalcamento de dupla barreira, que corresponde tanto ao bloqueio da lembrança do prazer primitivo através da angústia do nascimento, como ao esquecimento do doloroso trauma mediante a experiência do recalque primitivo” (Rank, 1924/2016, p.170).

Essa angústia seria importante para barrar a tendência primordial da libido de regredir à situação de prazer da vida intrauterina. Sem ela, permaneceríamos fixados neste desejo de *regressar* ao seio materno, o que nos privaria da capacidade de viver e de desfrutar da alteridade.

Nesse sentido, mover-se em direção à autonomia e superar o trauma ocasionado pelo nascimento, exigiria, na acepção de Rank (1924/2016), um grande esforço, mas o preço a se pagar, pelo nosso desejo de alteridade. Desse modo, diversos movimentos que fazemos ao longo da vida seriam tentativas de superação do trauma do nascimento, no sentido de uma adaptação à vida civilizada. Dentre essas tentativas, as quais são “um compromisso entre a tendência impulsiva de retorno à mãe e as necessidades impostas pela distância desta” (Rank, 1924/2016, p.100), ele destaca as criações artísticas, a religião, a filosofia, as artes, a brincadeira e inclusive a *neurose*.

Enquanto o sujeito normal ou o artista³⁴ conseguiriam reproduzir a situação traumática de uma forma objetivada, projetando-a no exterior, o neurótico é alguém que é “forçado a reproduzir os mesmos sintomas em seu próprio corpo” (Rank, 1924/2016, p.184), sendo reiteradamente remetido à realidade do trauma do nascimento. Portanto, na neurose, haveria uma fixação na tendência à regressão ao útero materno. Em suma, “a neurose e seus sintomas exprimem a tendência a uma regressão da fase de adaptação sexual em direção ao estado primitivo e pré-natal e, por conseguinte, à situação do nascimento” (Rank, 1924/2016, p.182).

Uma vez que existiria um único ponto de fixação para todas as neuroses - o corpo materno - as diferentes sintomatologias e apresentações das neuroses seriam então determinadas principalmente por um fator econômico (a intensidade traumática e o grau de angústia mobilizado durante essa situação primordial) e “pelos pontos que foram particularmente afetados pelo trauma”³⁵ (Rank, 1924/2016, p.63).

Apesar de fundamentar a maior parte de suas ideias em abundantes referências mitológicas e observações culturais e sociais, Rank (1924/2016) esclarece que foram, na verdade, justamente suas observações clínicas que o levaram a fazer as proposições teórico metodológicas que aparecem nesse ensaio. Conforme ele pontua: “em uma série de análises concluídas de forma bem-sucedida, chamou minha atenção o fato de que, na fase final, o processo de cura se refletia com muita regularidade no inconsciente, na forma simbólica e bastante conhecida do nascimento” (Rank, 1924/2016, p. 26).

Rank (1924/2016) notara que a *fantasia de um segundo nascimento* era bastante frequente nos sonhos e falas de seus analisandos, o que endossou sua percepção de que existia uma identificação da situação analítica com a situação intrauterina, assim como uma repetição do próprio nascimento durante a análise. Isso, na sua leitura, não deveria

Ser tomado no sentido metafórico, nem tampouco psicológico: na situação analítica, o paciente reproduz por assim dizer, biologicamente, o período da gestação e, no fim da análise, na separação do objeto de substituição, ele reproduz

³⁴ Em diferentes passagens do texto, Rank (1924/2016) tematiza o criar artístico. Conforme pontuamos em momentos anteriores, esse foi um foco de interesse do autor durante toda sua carreira, tanto na psicanálise, como depois de sua dissidência. Não iremos nos debruçar sobre as relações entre a arte e o trauma do nascimento, visto que isso nos afasta de nosso objeto de investigação. Porém, o leitor poderá encontrar um maior detalhamento deste tópico no capítulo VIII do livro, “A idealização artística” (Rank, 1294/2016).

³⁵ Por esse motivo, pessoas que nasceram por cesárea, na acepção de Rank, estariam menos propensas a serem “angustiadas”, como ele escreve numa nota de rodapé: “segundo certas observações isoladas, as crianças que vieram ao mundo por meio de uma intervenção cirúrgica, de certa maneira se desenvolveriam melhor do que as demais” (Rank, 1924/2016, p.48).

o ato do nascimento, praticamente em todos os seus detalhes. E assim, a análise se revela, em última instância, como sendo a realização ulterior do trauma, ainda não completamente superado, do nascimento (Rank, 1924/2016, p. 27).

Ao sugerir que o processo terapêutico deveria, portanto, conduzir o paciente a reproduzir a separação do corpo da mãe, Rank (1924/2016) deixa claro que há uma fixação libidinal na figura materna a ser dissociada no fim da análise. Em suas palavras: “a verdadeira libido de transferência que, em ambos os sexos, cabe ao analista suprimir por meio da análise, é uma libido maternal, tal como ela se dá no elo fisiológico pré-natal entre a criança e mãe” (Rank, 1924/2016, p.28). Portanto, o trabalho do analista seria

Fazer com que o paciente que, em sua neurose está refugiado na fixação na mãe, possa repetir e compreender, durante a análise, o trauma primitivo manifestado na transferência e em sua própria dissolução, permitindo sua reprodução inconsciente a partir da separação do analista (Rank, 1924/2016, pp.184-185).

É possível depreender que, para Rank (1924/2016), o paciente identificaria o analista antes como sua mãe do que com seu pai na transferência (Castro, 2016). E, conforme mostraremos a seguir, esse deslocamento de protagonismo feito por Rank (1924/2016), da transferência paterna para a materna, foi um dos principais motivos pelo qual seu trabalho foi posteriormente criticado (Castro, 2016). Contudo, para que possamos fazer jus ao pensamento do autor, é importante sublinhar que, em momento algum, ele nega a transferência paterna: ele reconhece que o analista representa os dois objetos da libido infantil ao longo da análise. O que muda, novamente, é a ênfase dada por ele, nesse caso, ao papel da figura materna.

Retomando algumas ideias discutidas em *Metas do Desenvolvimento da Psicanálise* (Ferenczi & Rank, 1924/2022), Rank novamente chama a atenção para o fato de que o processo analítico poderia ser prejudicado, caso o saber excessivo do analista se interpelasse ao fator da experiência emocional vivida entre a dupla. Ele é enfático ao pontuar que “o conhecimento é algo totalmente diverso do fator de cura” (Rank, 1924/2016, p.180). Portanto, é preciso mais do que saber sobre os atravessamentos do

nascimento na constituição psíquica: é preciso, na realidade, reproduzi-lo³⁶, como já pontuamos anteriormente, no curso da análise.

Quando o paciente, por conta própria, fracassasse nessa tarefa, “seria necessário justamente provocá-lo” (Rank, 1924/2016, p.177) a fazer essa reprodução. Aqui ele evoca a necessidade, portanto, de uma *atividade* na técnica, atribuindo à Ferenczi a paternidade dessa ideia. Uma vez que a análise deve levar o sujeito a um segundo nascimento, a atividade teria como objetivo

Libertar, pelas regras da arte, a libido primitiva de sua fixação, ao suprimir ou atenuar o recalçamento primitivo e, desta forma, libertar o paciente de sua fixação neurótica – recorrendo, em última análise, à repetição do trauma do nascimento, com o apoio de uma parteira experiente (Rank, 1924/2016, pp.177-178).

Dado este paralelo entre a situação analítica e a situação intrauterina, Rank (1924/2016), então, sugere que uma análise deveria ter um *prazo limite*³⁷ para ser finalizada, qual seja, o tempo necessário para a execução ulterior do trauma do nascimento. Assim como ocorre na gestação, o sujeito tentará ao máximo prorrogar esse processo, visto que sua finalização equivaleria a colocar um fim no paraíso da vida intrauterina. Contudo, diferentemente do nascimento, em que essa ruptura se dá de forma abrupta, na análise deverá ocorrer uma separação gradual. Assim sendo

Não apenas o paciente sempre tem consciência de que o tratamento deverá terminar um dia, mas também cada hora do tratamento exige dele, de maneira reduzida, a repetição da fixação e da separação, até que ele consiga realizá-las definitivamente (Rank, 1924/2016, p.186).

Falemos agora de um outro ponto muito importante: o lugar ocupado pela figura materna e pelo feminino na teoria de Rank. Como dissemos anteriormente, o vienense colocou a mãe como protagonista de seu estudo, o que representou uma grande ruptura com o pensamento psicanalítico da época, já que, de forma geral, “os primeiros analistas ignoravam as emoções em ambos os lados da relação mãe-bebê; sendo a mãe passiva e principalmente objeto de desejo e competição masculina” (Kramer, 2012, pp. 329).

³⁶ Lembremos que no livro em que escreve com Ferenczi, a reprodução analítica é definida como uma repetição, em transferência, de situações decisivas para o desenvolvimento psíquico e que dão notícias da dinâmica inconsciente do sujeito (Ferenczi & Rank, 1924).

³⁷ Ele recomenda que a duração seja, em geral, a mesma de uma gestação (de 7 a 10 meses).

Nos dias de hoje, em que as complexidades da dinâmica mãe-bebê já foram exaustivamente discutidas e incorporadas pelo campo psicanalítico (Iaconelli, 2020), podemos “nos esquecer do quanto a psicologia de Freud era centrada na figura do pai” (Castro, 2016, p.17). Nesse sentido, Rank teria dado um pontapé nos estudos da relação precoce entre a criança e a mãe, defendendo a ideia de que essa deveria ser a chave de leitura para se pensar a angústia, o desenvolvimento libidinal e mesmo aspectos da terapia psicanalítica (Karpf, 1953).

Além da já citada ênfase dada por ele à transferência materna, Rank (1924/2016) também tensionou, nesta obra, a centralidade do complexo de Édipo na teoria psicanalítica (Azevedo, 2018). Para ele, o bebê acumularia experiências antes, durante e após o parto, que constituem um núcleo pré-edípico, vivenciado com a mãe, o qual viria antes e seria ainda mais determinante para a constituição subjetiva que o complexo de Édipo em si. De acordo com Karpf (1953), um dos principais giros teóricos de Rank teria sido, pois,

Destronar o complexo de Édipo de uma posição de importância primordial, sendo esta última atribuída ao trauma do nascimento, seguido do desmame como um trauma secundário. Só depois dessas duas experiências universalmente traumáticas, viria a castração e a cena edípica (pp.123-124).

Ao descrever uma fase pré-edípica, Rank (1924/2016) lança luz ao conflito psíquico ao qual o *infans* já está submetido antes mesmo da chegada à fase genital: existiria uma “ambivalência primitiva desde a dissociação do primeiro objeto libidinal – a separação do recém-nascido da mãe” (Rank, 1924/2016, p.27). A mãe seria, portanto, “fonte de medo e prazer” (Rank, 1924/2016, p.117) para o bebê. Prazer, porque é no seu útero em que o bebê vive uma situação de prazer absoluto e irrestrito, e medo porque é ela, através do nascimento, que colocará fim a essa situação.

Correndo o risco de sermos repetitivos, é importante frisar, mais uma vez, que para Rank (1924/2016) a maioria dos processos psíquicos vivenciados no curso do desenvolvimento psicosexual se reportariam, de alguma forma, ao trauma do nascimento. Nesse sentido, o complexo de Édipo seria:

O primeiro esforço efetivo de superar o medo relacionado aos genitais (maternos) por meio de sua conversão prazerosa em um objeto da libido. Em outras palavras, isso significa um deslocamento da possibilidade de prazer

original, ou seja, intrauterino, para a saída genital, que é fonte de medo (Rank, 1924/2016, pp.56-57).

O complexo de castração, por sua vez, “se funda sobre a ‘castração primitiva’ do nascimento, ou seja, sobre a separação da criança de sua mãe” (Rank, 1924/2016, p.40). Ele ainda acrescenta: “a ameaça de castração que exerce regularmente sobre as crianças um efeito tão profundo e duradouro – e também o medo infantil e o sentimento de culpa decorrente dele – remonta ao ato do nascimento” (Rank, 1924/2016, p.40).

Conforme mostraremos mais à frente, *Trauma do Nascimento* (1924/2016) marcou a ruptura de Rank com a psicanálise, ao mesmo tempo em que deixou uma série de contribuições para os psicanalistas que vieram em seguida, o que discutiremos no capítulo final (Lieberman, 1985). Mas, ao trazer uma nova visão tanto sobre aspectos técnicos como teóricos, pautados pelo acontecimento traumático da separação materna, Rank se viu, mais uma vez, sendo protagonista de um conflito dentro do Comitê Secreto (Azevedo, 2018).

Antes de voltarmos para nosso fio histórico, iremos mostrar que, nesse mesmo intervalo de tempo, Ferenczi publica um dos trabalhos mais singulares de sua trajetória, o qual também tematizou, em certa medida, a dinâmica relacional mãe-bebê. Estamos falando de *Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade* (Ferenczi, 1924b/2011).

4.3. O nascimento como trauma e triunfo

Thalassa (1924b/2011) começou a ser escrito por Ferenczi enquanto ele ainda servia como médico em Papá, na Primeira Guerra Mundial. O livro levou aproximadamente dez anos para ser concluído, os quais foram permeados por amplos diálogos com Freud a respeito de seu desenvolvimento (Brabant, Falzeder & Giampieri-Deutsch, 1996). Neste estranho e extravagante ensaio, o húngaro faz um diálogo radical entre psicanálise e biologia, propondo uma teoria bioanalítica acerca da genitalidade, que abarca elementos onto e filogenético. Sua linha de argumentação, longe de seguir seu habitual estilo de escrita claro e direto, se constrói a partir de diferentes fios de investigação e ângulos de leitura, testando diferentes hipóteses e transitando por diferentes campos do saber (Câmara & Herzog, 2018).

Em função da vastidão de possibilidades de se adentrar em *Thalassa* (Ferenczi, 1924b/2011), escolhemos, para os fins dessa pesquisa, nos restringir aos elementos da

obra que podem dialogar com as ideias de Rank, em *Trauma do Nascimento* (1924/2016), assim como os poucos pontos que esbarram em aspectos clínicos – visto que esse não é um ensaio sobre a técnica psicanalítica. São eles: a dimensão do nascimento, o papel da figura materna na constituição subjetiva, o trauma e as noções de regressão e repetição³⁸.

Um dos principais fios argumentativos que sustenta esse trabalho é a ideia, emprestada de Haeckel, de que o desenvolvimento genital reproduziria, sistematicamente, toda a evolução da espécie³⁹ (Dean-Gomes, 2019). Assim sendo, no caso dos mamíferos, a vida intrauterina seria uma repetição da existência aquática dos primeiros seres vivos. O nascimento, situação que produz uma ruptura traumática da prazerosa vida intrauterina, seria uma repetição, por sua vez, das catástrofes ambientais que forçaram os seres vivos evolutivamente a migrarem do ambiente aquático, adaptando-se à vida terrestre.

Diante disso, haveria, então, desde o nascimento, um desejo constante de “*regressar ao corpo materno*, situação em que a ruptura tão dolorosa entre o ego e o meio ambiente não existia ainda” (Ferenczi, 1924b/2011, p.292). No plano filogenético, estamos falando de um desejo de retornar ao passado aquático das espécies, contexto prévio à secagem dos oceanos primitivos, que levou os seres a terem que se adaptar ao ambiente terrestre. Trata-se, conforme ele nomeou, de um anseio por uma *regressão thalássica*⁴⁰.

Para o húngaro, essa tendência regressiva seria responsável por impulsionar, em todos os seres sexuados, o desenvolvimento da sexualidade genital. Ferenczi (1924b/2011) identificou que o coito seria uma forma de realizar tal fantasia regressiva, nos níveis onto e filogenético. O pênis, que seria como um representante do “eu” do homem, encontraria no contato com o órgão sexual feminino, via penetração, um retorno à umidade característica do ambiente oceânico anterior à catastrófica secagem (plano filogenético), assim como à vida intrauterina (plano ontogenético) (Dean-Gomes, 2019).

Obedecendo a lógica que ele mesmo levantara em *Desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios* (Ferenczi, 1912/2011), ele explica que há um processo lento e gradual até que o sujeito seja capaz de acessar esse grau mais sofisticado de regressão à vida uterina, o qual se dá pela relação sexual. Primeiramente, seria preciso atravessar as fases de um circuito autoerótico e narcísico, para que então se torne possível incluir uma

³⁸ O leitor poderá encontrar um maior detalhamento dessa obra em *Palavras Cruzadas entre Freud e Ferenczi* (Figueiredo, 1999).

³⁹ Trata-se da lei biogenética formulada por Ernst Haeckel, importante biólogo e naturalista do século XIX.

⁴⁰ Segundo a mitologia grega, Thalassa teria sido a primeira personificação feminina pré-olímpica do oceano. Sua figura estaria associada à fertilidade e à origem da vida marinha.

dimensão de alteridade no encontro sexual (Dean-Gomes, 2019). De todo modo, o que impulsiona e engendra todo o desenvolvimento genital de um sujeito é a tendência de regredir ao útero materno.

Ainda pensando nos paralelos com o trabalho de 1913, podemos dizer que há, nos movimentos regressivos, também uma busca pela retomada dos modos de satisfação onipotentes, perdidos pelo sujeito, no início da vida (Kupermann, 2019). Portanto, é possível dizer que todos os movimentos progressivos, rumo à evolução adaptativa, ao desenvolvimento do sentido de realidade ou da sexualidade, seriam acompanhados, também, por tendências regressivas.

Ferenczi (1924b/2011) ainda explica que, para que o sentido de realidade atinja seu pleno desenvolvimento, o sujeito deve renunciar a essa tendência regressiva, encontrando substitutos para o ambiente uterino no mundo real. Contudo, apenas uma parte de nosso psiquismo participaria dessa evolução, de forma que certas experiências cotidianas continuariam ligadas à tendência de regredir ao seio materno. Para além do coito, que já foi citado como um desses resquícios regressivos, o húngaro também sugere que o *sono* seria uma maneira de se efetuar esse retorno ao estágio de plenitude perdido no curso evolutivo, mesmo que por meios diferentes, conforme acompanhamos no trecho a seguir: “a tendência regressiva thalássica permanece ativa mesmo depois do nascimento e exprime-se através das manifestações do erotismo (em especial o acasalamento), assim como no sono” (Ferenczi, 1924b/2011, p.323).

Para ele, o efeito revigorante do sono reproduziria a mesma sensação que se segue a uma relação sexual normal, qual seja, a de uma “capacidade de realização aumentada” (Ferenczi, 1924b/2011, p. 343). Há, nesse sentido, uma ênfase no papel regenerador e curativo dos processos regressivos, conforme sublinha Kupermann (2019), os quais se encontram nesses dois fenômenos – sono e coito. Isso porque ambos promovem um “mergulho numa existência paradisíaca onde não havia ainda lutas, somente crescimento e desenvolvimento, sem a necessidade de nenhum esforço” (Ferenczi, 1924b/2011, p. 343).

Estamos ressaltando o aspecto terapêutico dos processos regressivos, pois Ferenczi fará alguns desdobramentos técnicos importantes a partir dessa noção, alguns anos depois, conforme mostraremos no capítulo 5. Mas, já pincelando o que virá a seguir, Ferenczi percebeu que a regressão thalássica, quando trazida para dentro do *setting* analítico, poderia produzir efeitos curativos importantes, como resgatar a vitalidade daqueles pacientes atravessados por uma dimensão traumática (Kupermann, 2019).

Voltando para o contexto histórico de *Thalassa* (Ferenczi, 1924b/2011), é válido ressaltar que, no momento em que o livro é publicado, o húngaro vinha se debruçando sobre os diferentes manejos da técnica ativa. Na parceria com Rank, inclusive, eles apontam para uma radicalização do papel terapêutico da repetição no processo analítico (Ferenci & Rank, 1924/2022). No seu ensaio bioanalítico, Ferenczi (1924b/2011) volta a tematizar a questão da compulsão à repetição, agora numa chave de leitura muito próxima àquela de Freud, em *Além do Princípio do Prazer* (1920/2010), fazendo coro à ideia de que as neuroses traumáticas se valeriam do mecanismo de repetição como uma tentativa de liquidar as quantidades de excitação não ligadas - e não, necessariamente, como uma forma de resistência.

Assim sendo, cada repetição do elemento traumático livraria o sujeito de uma fração de desprazer. Ele ainda acrescenta uma nuance filogenética a esse argumento, pontuando que as experiências traumáticas não liquidadas seriam transmitidas ao longo da espécie como uma herança e que “ao longo dessa transmissão de uma geração a outra do material traumático de excitações penosas, cada existência ab-reage uma parte dessas excitações pelo próprio fato de vivê-las” (Ferenczi, 1924b/2011, p. 332).

O húngaro ainda sugere que a regressão thalássica seria um caminho viável para o aparelho psíquico estabelecer novas ligações para as quantidades de excitações que se tornam desligadas, após a incidência de um evento traumático (Dean-Gomes, 2019). Desta forma, seja pelo sono ou seja pelo ato sexual, a regressão thalássica produziria um “sentimento meio real, meio alucinatório, isto é, fantasístico, de que esse grande trauma nunca ocorreu” (Ferenczi, 1924b/2011, p. 338).

Um outro aspecto importante desta obra é a leitura que Ferenczi (1924b/2011) faz a respeito do nascimento. Conforme já pontuamos anteriormente, em seu ponto de vista, o nascimento seria um evento de grande impacto subjetivo, uma vez que coloca fim ao estado de plenitude da vida intrauterina, possuindo, portanto, uma nuance traumática. Em concordância com Freud (1917/2014) e Rank (1924/2016), ele também entende que o afeto de angústia repetiria sempre a sensação de desprazer produzida diante do choque do nascimento. Sob um ponto de vista filogenético, este evento seria ainda, a seu ver, uma repetição da catástrofe ambiental que levou à secagem dos oceanos primitivos, forçando os seres a migrarem para a vida terrestre, e, na verdade, de todas as outras catástrofes pelas quais a espécie foi forçada a atravessar (Câmara & Herzog, 2018).

Contudo, diferentemente do colega vienense, Ferenczi também vislumbra nesse evento uma dimensão de *trunfo*, visto que existiria um prazer em assimilar esse novo

ambiente que se apresenta após o nascimento. Ele pontua que “o fato de um ser humano ter conseguido sobreviver ao perigo envolvido pelo nascimento e a alegria de ter descoberto a possibilidade de existir mesmo fora do corpo da mãe permanecem na lembrança para sempre” (Ferenczi, 1924b/2011, p.312).

Da mesma forma que o nascimento carrega estas duas tendências, o coito também seria uma experiência atravessada tanto por um prazer (por se regressar ao útero materno) como também por uma dose de desprazer, uma vez que também está conectado com a angústia do nascimento. Portanto, “o coito representa não só um retorno – meio fantasiado, meio real – ao seio materno, mas traduz também, por seus sintomas, a angústia do nascimento e a vitória alcançada contra ela, ou seja, o feliz desfecho do nascimento” (Ferenczi, 1924b/2011, p.310). Assim sendo, há uma repetição tanto do trauma, como também do triunfo sobre ele. É repetida a angústia sofrida ante à situação catastrófica, mas também o prazer de ter sobrevivido a ela (Câmara & Herzog, 2018).

Ferenczi (1924b/2011) enfatiza, em diferentes passagens do texto, que a tendência de regressão thalássica (ou ao útero materno, se colocarmos em termos ontogenéticos) estaria na gênese do erotismo e da sexualidade humana, e também nos quadros psicopatológicos, mesmo reconhecendo que ainda lhe faltariam certos elementos clínicos que pudessem suportar sua tese⁴¹. O próprio desejo edípico seria, em sua visão, a expressão de uma tendência biológica “muito mais geral que impele os seres vivos ao retorno ao estado de repouso que desfrutavam antes do nascimento” (Ferenczi, 1924b/2011, p.293). Assim sendo, o desejo edípico seria somente mais uma das expressões desse anseio regressivo.

Vemos que ele está, pois, assim como Rank (1924/2016), complementando algumas das ideias centrais da teoria da sexualidade freudiana, que enfatiza o complexo de castração protagonizado pela figura paterna como o elemento central de sua teoria. Porém, houve muito mais resistências às proposições de Rank do que às de Ferenczi, como mostraremos mais à frente.

4.4. Da repetição à regressão

Retomando o que já pontuamos em outras ocasiões, no início dos anos 1920, Ferenczi e Rank não convergiram seus olhares apenas para temáticas clínicas, tendo

⁴¹ Ele inclusive reporta o leitor ao trabalho de Rank (1924/2016), o qual vai “demasiadamente longe em certos aspectos, para dar uma extensão maior à presente teoria da genitalidade” (Ferenczi, 1924b/2011, p. 299).

produzido um trabalho conjunto acerca da técnica ativa. Os dois também tematizaram o estatuto do nascimento para a psicanálise e a centralidade da relação da criança com a mãe na constituição emocional do humano (Dean-Gomes, 2022). E, conseqüentemente, também readequaram suas propostas técnicas a partir dessas novas formulações teóricas.

Ao longo da exposição que fizemos acima, é possível perceber que, tanto Ferenczi (1924b/2011) como Rank (1924/2016), compreendiam que o nascimento carregava uma dimensão traumática, já que ele seria o evento responsável pelo brusco rompimento da situação intrauterina, na qual o bebê se vê em um estado de absoluta satisfação e plenitude.

Enquanto Rank (1924/2016) se restringiu a pensar este episódio apenas em sua dimensão ontogenética, Ferenczi(1924b/2011) foi além e pontuou que, em um paralelo filogenético, o nascimento seria uma repetição da catástrofe ambiental que teria levado à secagem dos oceanos, forçando os seres a se adaptarem à vida terrestre. E justamente pelo fato de os seres primitivos – e, no paralelo ontogenético, os bebês - terem sobrevivido a esse penoso evento, o nascimento também carregaria uma dimensão de triunfo.

Portanto, o nascimento envolveria trauma e angústia para um, e trauma e triunfo para o outro. Apesar dessa diferença, ambos reconheceram que a passagem da situação intrauterina de prazer absoluto para o mundo externo – no qual aquela satisfação perdida jamais poderá ser recuperada em completude - inauguraria no psiquismo um desejo de *regressão ao útero materno*.

Essa tendência de retorno à quietude uterina se tornou, ao menos naquele momento de suas obras, um fundamento importante de suas teorizações acerca do desenvolvimento psíquico. Os dois também reconheceram que a tendência à regressão ao útero materno – e a tentativa de contorná-la - poderia ser encontrada nas psicopatologias, em uma série de ações cotidianas ou mesmo em manifestações culturais e artísticas. Além disso, os dois chamaram atenção, cada um à sua maneira, para a tensão existente entre os movimentos progressivos (que podemos encontrar nesses textos, também, com o nome de anseio por adaptação, de civilização, desejo de alteridade, maturidade etc.) *versus* a tendência à regressão ao útero materno.

Em relação aos aspectos técnicos-terapêuticos, parece que os dois autores migraram a ênfase que tinham colocado na questão da repetição em *Metas do Desenvolvimento da Psicanálise* (Ferenczi & Rank, 1924/2022), para o papel da regressão no processo analítico. Mais precisamente, da regressão atuando a favor da progressão, ou, colocando de outra maneira, da regressão como um caminho para que o

sujeito possa encontrar, por fim, um novo meio, agora mais adequado, para lidar com seus sintomas.

Conforme já pontuamos, *Thalassa* (Ferenczi, 1924b/2011) não é um texto de caráter clínico. Ainda assim, conforme pontua Kupermann (2019), “a ideia de um ‘novo começo’⁴² proporcionada pela regressão terapêutica ganha, com as hipóteses de *Thalassa*, subsídios para se acompanhar os postulados clínicos de Ferenczi” (Kupermann, 2019, p. 142). Mostraremos, no capítulo 5, que Ferenczi irá sugerir que o tratamento dos sujeitos traumatizados deveria passar pela regressão – sustentada na transferência – à fase de onipotência mágica que o sujeito vive – ou deveria viver –, no início de seu desenvolvimento (Kupermann, 2019).

Já Rank (1924/2016) é muito categórico ao pontuar que a experiência transferencial deverá produzir, ao final do tratamento, um *novo nascimento* para o analisando. E é justamente permitindo que o sujeito regrida, de certa forma, ao seu período gestacional – sendo o analista então identificado, primordialmente, com a mãe – que ele poderá se livrar, no seu segundo nascimento, da fixação, por vezes, adocedora, ao corpo materno.

No que tange à questão da transferência, já ressaltamos que Rank aponta, em *Trauma do Nascimento* (1924/2016), “a identidade do analista como uma mãe na transferência, tanto quanto, ou até mais do que como um pai” (Lieberman, 1985, p.386). Já no caso de Ferenczi, embora essa temática não seja explicitamente abordada em *Thalassa* (Ferenczi, 1924b/2011), é possível observar que, desde suas primeiras incursões dentro da psicanálise, ele teria se atentado para a expressão regressiva da transferência para ambos os objetos parentais primitivos, identificando, pois, transferências tanto de natureza paterna como de natureza materna (Ferenczi, 1909/2011).

De acordo com Medeiros (2015), a primeira implicaria em uma autoridade do analista, a qual constitui o modelo de uma psicanálise clássica, interpretativa e intelectualizada. Já a segunda demandaria do analista uma postura mais acolhedora e afetiva, visto que estaria associada à ternura materna. A depender das necessidades emocionais de cada paciente seria determinado qual papel o analista deveria encarnar: o “de pai ou de mãe – ou, via de regra, os dois” (Medeiros, 2015, p. 55).

⁴² Balint foi um dos autores que seguiu examinando as potências terapêuticas da regressão, cunhando o conceito de “*new beginning*”, o qual se refere à possibilidade de o sujeito encontrar, através da análise, um recomeço, uma nova forma se relacionar consigo mesmo e com os outros. Para que os processos regressivos possam ter espaço para se estabelecer, seria preciso existir um clima favorável entre paciente e analista (Balint, 2014).

Conforme mostraremos a seguir, os desenvolvimentos clínico-teóricos do húngaro, nos anos seguintes, acentuaram cada vez mais “a importância dos aspectos maternos nas vivências infantis, nos processos de cura e nas transferências” (Dean-Gomes, 2019, p.165). Dean-Gomes (2019) sugere que um dos motivos para Ferenczi ter se colocado na trilha de reflexões sobre a importância das transferências maternas teria sido, em alguma medida, o contato com as ideias de Rank⁴³. Além disso, entendemos que a própria finalização e publicação de *Thalassa* (Ferenczi, 1924b/2011) – ensaio que promove um verdadeiro mergulho pelo feminino – também contribuíram nesse sentido.

Ampliemos, agora, nossa lente para os impactos que estes trabalhos – somados ao *Metas do Desenvolvimento da Psicanálise* (Ferenczi & Rank, 1924/2022) – tiveram na política institucional do movimento psicanalítico e nas trajetórias de nossos autores.

4.5. Reverberações

A amizade entre Ferenczi e Rank acaba em razão da traumática crise de 1924. . . em 1926 seus caminhos se separaram para sempre

Lugrin, 2012, p.354

O lugar da maternidade e do feminino na psicanálise foi mais uma frente de disputa que se deflagrou no dentro do movimento psicanalítico, envolvendo, primeiramente, apenas o trabalho de Rank sobre o trauma do nascimento. Contudo, esse conflito logo esbarrou em Ferenczi, sobretudo pela proximidade no nível pessoal, político e conceitual que os dois autores nutriam naquele momento (Dean-Gomes, 2019, p.279).

Conforme já antecipamos no capítulo anterior, os dois já vinham enfrentando críticas por parte de uma parcela da comunidade psicanalítica, desde a publicação de *Metas do Desenvolvimento da Psicanálise* (Ferenczi & Rank, 1924/2022). Eles foram acusados de não embasarem suas proposições em evidências clínicas e de desconsiderarem as experiências infantis dos analisandos, uma vez que lançavam ênfase à situação analítica presente. Além disso, foram denunciados por fazerem uma “interpretação errônea das doutrinas freudianas sobre a dinâmica da transferência, que teria conduzido a uma posição retrógrada dos autores, que os reportaria aos tempos da catarse e da hipnose” (Castro, 2016, p.13).

⁴³ Assim como às de Georg Groddeck, médico alemão que manteve, ao longo de sua obra, uma “postura ambivalente frente aos psicanalistas” (Dean-Gomes, 2019, p.275).

Até então, podemos notar que as críticas estavam circunscritas ao domínio da técnica psicanalítica. Mas, justamente por haver uma declarada incompletude do campo psicanalítico nesse aspecto (Freud, 1919[1918]/2010), havia, conseqüentemente, margem para debate e disputa em relação aos caminhos que a terapia poderia assumir. Porém, Rank, em seu trabalho individual, não se restringiu apenas à técnica: ele ousou redimensionar conceitos sacramentados da doutrina psicanalítica, como o complexo de Édipo e de castração, a metapsicologia da angústia, o papel da figura materna na constituição subjetiva e a etiologia das neuroses (Pizzaro-Obaid, 2012a). Em razão disso, ele foi alvo de severas críticas por parte de seus contemporâneos, o que resultou, conseqüentemente, em sua dissidência do movimento psicanalítico.

Ferenczi, por sua vez, por mais que tenha tocado em tópicos similares a Rank em *Thalassa* (1924b/2011), não colocou em xeque pressupostos fundantes da doutrina freudiana. Na realidade, o livro era um “antídoto” (Bo’kay, 1988, p.194) filogenético para as teses exclusivamente ontogenéticas de Rank. Desse modo, para além de não ter existido grandes resistências às suas proposições, o livro teria ficado eclipsado em meio à polêmica gerada pelo livro do colega vienense. Portanto, pouco se falou, na época, sobre seu trabalho individual⁴⁴ (Câmara & Herzog, 2018).

Ainda assim, ele se viu como um “cúmplice involuntário de Rank, para melhor ou para pior, pelo livro de coautoria e pelos radicais posicionamentos adotados em *Trauma do Nascimento*” (Lugrin, 2012, p.376). Para Lugrin (2012), o húngaro não teria se dado conta do lugar complexo em que se colocava, diante do Comitê, ao se associar conceitualmente a Rank, figura que já colecionava importantes embates com seus pares, até então. Foi preciso, portanto, um grande esforço de sua parte para, primeiramente, tentar validar as hipóteses de seu colega e, falhando nesta tarefa, se desvencilhar, posteriormente, da associação entre seus nomes, já que, diferentemente de Rank, ele intentava permanecer dentro do movimento psicanalítico.

Embora *Trauma do Nascimento* (Rank, 1924/2016) só tenha vindo a público no início de 1924, ele já teria ficado pronto, em abril de 1923. Apresentado à Freud no dia de seu aniversário, 6 de maio, o trabalho fora dedicado ao professor: “Para Sigmund Freud, o explorador do inconsciente e criador da psicanálise, aos 6 de maio de 1923” (Rank, 1924/2016).

⁴⁴ Mais tarde, no obituário de Ferenczi, Freud elogia a empreitada bioanalítica do discípulo, e pontua que o ensaio teria sido “a mais audaciosa aplicação da psicanálise que jamais se tenha feito” (Freud, 1933b/2011, p.467).

Freud aceitou a dedicatória do livro⁴⁵ e, de início, reagiu favoravelmente às novas proposições de Rank. Reconhecidamente, ele tinha algumas discordâncias às inovações do discípulo, como o fato de o seguidor atribuir a origem do tabu do incesto à angústia do nascimento, a qual é reavivada pelo desejo ambivalente de retornar ao útero, e não a uma proibição imposta pelo pai, via complexo de castração. Apesar disso, ele “não considerou essa diferença nem como uma revolução, nem como uma contradição, ao conhecimento psicanalítico” (Lieberman, 1985, pp.210-211).

Porém, de acordo com Pizarro-Obaid (2012a), o professor “mudaria sua aprovação inicial para uma posição de óbvia ambivalência, e finalmente declararia publicamente sua total discordância às inovações sugeridas por seu discípulo” (pp. 693-694). Tal ambiguidade teria gerado confusão e incerteza entre seu círculo mais íntimo, que o cobrava por um posicionamento oficial a respeito das teses de Rank.

Se Freud mostrou-se aberto, até certo ponto, às proposições do discípulo, o mesmo não pode ser dito dos outros membros do Comitê: “Com a exceção de Ferenczi, o Comitê condenou Rank *teoricamente e pessoalmente* desde o início, o que provocou um grave conflito de posicionamentos e interesses” (Pizzaro-Obaid, 2012a, p.694, *itálicos nossos*).

O principal ponto de crítica, no nível *teórico*, recaiu sobre a tratativa dada por Rank ao complexo de Édipo, que teria sido suprimido pela dinâmica pré-edípica vivenciada com a mãe, e à sua *Vaterablenhnung* (rejeição ao pai) (Grosskurth, 1992). Abraham, que naquele momento era um dos principais “caçadores de heresias” (Roazen, 1971, p.447), viu nas teses do colega sinais de uma apostasia científica, nos moldes das cometidas por Jung e Adler, classificando as teses de Rank, em *Trauma do Nascimento* (1924/2016) e no trabalho conjunto com Ferenczi, de “regressão científica” (Abraham & Freud, 1965, p.350).

Já no nível *pessoal*, parecia ser fonte de grande incômodo o fato de “um analista leigo ter ousado questionar os fundamentos da clínica freudiana e da técnica psicanalítica” (Pizarro-Obaid, 2012a, p.699). Lembremos que o vienense vinha atuando clinicamente apenas há 4 anos, era um autodidata e nunca tinha se submetido a um processo de análise. Parecia, pois, uma afronta – ao menos para Abraham e Jones, seus desafetos de longa data – que ele se autorizasse a fazer formulações, na leitura deles, tão incisivas à doutrina

⁴⁵ Em correspondência enviada a Rank, em 1 de dezembro de 1923, Freud escreve: “aceito sua dedicatória com prazer, com a garantia dos meus mais sinceros agradecimentos. Se você puder colocá-la de uma maneira mais modesta, eu ficarei contente. Incapacitado como estou, aprecio enormemente a sua admirável produtividade. Isso também significa para mim: ‘*non omnis moriar!*’ [não morrerei completamente]” (Lieberman & Kramer, 2012, pp.179-180).

freudiana. E, assim como ocorreu com o trabalho de coautoria com Ferenczi, Rank fora acusado, novamente, de publicar *Trauma do Nascimento* (1924/2016) em segredo dos outros integrantes do grupo (Jones, 1957).

Em contrapartida, pela proximidade pessoal e teórica com Rank, Ferenczi tornou-se seu maior interlocutor e defensor dentro do Comitê, advogando fielmente por suas ideias: “em seu ponto de vista e, diferentemente de seus colegas, Ferenczi considerava imperativo reconhecer que Rank havia produzido algo importante e que sua pesquisa fornecia um material valioso a respeito do inconsciente” (Pizarro-Obaid, 2012a, p.701). Portanto, o húngaro não via nas teses de Rank uma oposição à doutrina psicanalítica, mas sim, uma complementaridade e ampliação dela.

Como mostramos na seção anterior, havia alguns pontos de aproximação entre as ideias de *Thalassa* (Ferenczi, 1924b/2011) e de *Trauma do Nascimento* (Rank, 1924/2016), portanto, não é de se estranhar que o húngaro tenha tentado acomodar a relação materna e a tendência de regressão ao útero - elementos centrais em *Trauma do Nascimento*, mas também trabalhados por ele em seu ensaio bioanalítico - dentro da psicanálise clássica. Deste modo, em concordância com Freud, ele situou a gênese da neurose no complexo de Édipo, mas, em consonância com os postulados de Rank, pontuou que a intensidade traumática poderia ter a ver também com “o conflito entre o anseio pelo útero e o medo do útero” (Brabant, Falzeder & Giampieri-Deutsch, 2000, p.132).

Ferenczi viria, ainda, a sugerir que os postulados de Rank formavam uma ponte com sua teoria da genitalidade, visto que em seu trabalho clínico ele encontrara casos nos quais era evidente que as origens da angústia, seja em forma ou em essência, podiam ser reportados ao “medo da *vagina dentata*” (Brabant, Falzeder & Giampieri-Deutsch, 2000, p.188). Assim sendo, Ferenczi entendia que poderia haver uma relação entre a “ansiedade de castração vinculada ao pai, e os medos iniciais relacionados à mãe” (Pizarro-Obaid, 2012a, p.703).

Mostrando sinais de um desgosto pelas disputas ao seu redor, Freud “tentava ser diplomático, apaziguador e paciente” (Gay, 1988/2012, pp.477), reafirmando sua tolerância para com a empreitada de Rank. Contudo, diante das sucessivas cobranças de alguns de seus seguidores, o professor teria começado a se mostrar cada vez mais crítico às teses de *Trauma do Nascimento* (Rank, 1924/2016), conforme comenta Roazen (1971):

O homem Freud pode ter desejado manter-se em paz com Rank. Mas o conjunto do movimento ou, pelo menos, alguns de seus líderes interferiram na sua atitude pessoal. A psicanálise possuía, agora, vida própria e conseguiu, finalmente, interpor-se entre Freud e Rank (p.447).

Assim sendo, de acordo com Gay (1988/2012), após Freud reler e reavaliar *Trauma do Nascimento* (Rank, 1924/2016), ele:

Tornava-se cada vez mais irônico em relação ao valor das novas ideias de Rank. Refletindo, ele passou a interpretar a insistência enfática, quase fanática, de Rank, sobre o trauma do nascimento, como um abandono inaceitável de ideias psicanalíticas comprovadas pelo tempo, e sua defesa de análises de curta duração como sintoma da fúria perniciososa de curar. No final de março de 1924, Freud podia dizer a Ferenczi que, embora tivesse considerado correto dois terços do *Trauma do Nascimento* de Rank, agora ele restringia sua concordância a um terço apenas. Pouco depois, mesmo esse grau bastante modesto de concordância lhe pareceu excessivo (p.480).

Em abril de 1924, ocorre o Congresso Internacional de Psicanálise em Salzburgo, o qual seria palco do último encontro dos membros originais do Comitê, dessa vez, sem a participação de Freud, que se ausentara em função de seu quadro de saúde. No final desse mesmo mês, Rank ainda viaja para os Estados Unidos, onde iniciaria um ciclo de palestras e seminários nos círculos psicanalíticos do país, além de realizar uma série de análises e supervisões a aspirantes a analistas (Gay, 1988/2012).

De acordo com seu biógrafo, tal viagem teria tornado a situação de Rank, em relação a Freud, ainda mais delicada (Lieberman, 1985). Em Nova Iorque, o vienense teria sustentado a tese do trauma do nascimento em diversas ocasiões, além de realizar análises mais breves. Além disso, “esperando que Rank lhes explicasse as teorias de Freud, os americanos verificaram que ele próprio criticava algumas delas” (Roazen, 1971, p.151). Tomando conhecimento disso, Freud teria, por fim, chegado à conclusão de que a tese do trauma do nascimento ameaçava minar o “edifício da psicanálise”, e o que para ele, inicialmente, “parecia uma nova contribuição à causa psicanalítica, acabou constituindo uma ameaça e um desejo radical de revolucionar os fundamentos da teoria e prática psicanalítica, pelo questionamento da função do Complexo de Édipo, do pai e da castração” (Pizarro Obaid, 2012a, pp.703-704).

O professor ainda teria concluído, com muito pesar, que a eliminação do pai na teoria de Rank se devia a fatores da vida pessoal do pupilo, até então não elaborados, os quais Freud não tinha sido capaz de detectar, tais como um grave complexo paterno e uma ambição edípica de desbancá-lo (Lieberman, 1985). Por fim, ele comunica a Rank que acreditava que ele jamais publicaria “esse livro se tivesse passado por uma análise pessoal” (Lieberman & Kramer, 2012, p. 208).

Rank, por sua vez, mostrava-se resistente em aceitar as críticas de Freud e de seus colegas. Ele inclusive reafirmava o valor de suas teses, agora, segundo ele, comprovadas clinicamente nas análises conduzidas nos Estados Unidos. Demonstrando um espírito, desde sempre, pouco subserviente (Lugrin, 2012), ele se defendeu das acusações do professor, pontuando que: “mais uma vez, você diz que eliminei a figura paterna. Isso claramente não é verdade e nem poderia ser. Não faria sentido. Apenas tentei atribuir a ele o lugar correto” (Lieberman & Kramer, 2012, p. 209).

Quanto a Ferenczi, à medida em que a disputa entre Freud e o amigo se acirrou, ele se viu em uma posição cada vez mais delicada: por um lado, ele lutava para reassegurar ao professor e aos colegas a sua lealdade aos fundamentos da doutrina freudiana e, por outro, se preocupava com o destino de Rank (Lugrin, 2012). Porém, quando Ferenczi “teve que se decidir entre Freud ou Rank, ele não hesitou em escolher o campo freudiano” (Falzeder, 2009, p. 399).

Nesse contexto, a seguinte sucessão de acontecimentos serviu, então, como “uma desculpa para o vínculo entre eles se romper” (Lugrin, 2012, p.377). Vislumbrando melhores oportunidades financeiras e profissionais nos Estados Unidos, se comparada com uma Hungria antisemita e em colapso econômico, Ferenczi ensaiou, na primeira metade dos anos 1924, migrar para territórios norte-americanos. Rank, que passava uma temporada lá, o apoiou, a princípio, enfaticamente nessa decisão, responsabilizando-se por cuidar dos trâmites da estada do colega no país. Contudo, semanas depois, ele sinalizou ao húngaro que seria melhor reconsiderar sua ida, posto que a situação lá era “incerta”. O fato de Rank ter alimentado as expectativas de Ferenczi, para depois destruí-las, parece ter sido “o ponto crítico na lealdade de Ferenczi a Rank” (Grosskurth, 1992, p.191). Desse modo, “podemos assumir que Ferenczi, que já tinha visto o livro conjunto deles ser injustamente ofuscado pelo livro de Rank, agora se sentia *desapontado e, em um nível mais pessoal, traído* por Rank” (Lugrin, 2012, p.377).

Assim sendo, em 15 de dezembro de 1924, o húngaro manda uma longa *Rundbrief* em que ele se separa publicamente de Rank. Ele o reprova em um nível pessoal, teórico

e inclusive técnico, além de tentar se livrar das acusações infundadas que recebera pelo trabalho conjunto. Ainda que longo, vale a pena acompanharmos um trecho dessa missiva, pois ela pode ser considerada um marco no fim da parceria de nossos protagonistas:

Por enquanto, deve ser suficiente comunicar aos demais membros do Comitê que condeno veementemente a atitude pessoal de Rank Quanto ao "Trauma do Nascimento", chama atenção a unilateralidade de sua tentativa de explicação e a apresentação inadequada de uma integração com o conhecimento psicanalítico anterior. A fantasia inconsciente de um segundo nascimento merece nossa atenção, assim como a fantasia de retorno ao útero; porém sua explicação apenas a partir do trauma do nascimento é certamente prematura. Rejeito completamente a maneira como Rank conduz sua técnica, que só se tornou conhecida para mim por meio de comunicações de Anna Freud e Brill. Não há discussão sobre nada disso em nosso livro conjunto; ele também nunca me informou pessoalmente a respeito. . . Rejeito firmemente a alegação de Ernest, no que me diz respeito, de que dois membros do Comitê publicaram anteriormente trabalhos que se afastam da psicanálise (sem apresentá-lo ao Comitê). Tal "afastamento da psicanálise" não está presente em nenhum dos meus trabalhos; a obra conjunta com Rank foi concebida como um trabalho a ser submetido a um concurso e por esse motivo foi mantida em segredo. Aliás, ela foi apresentada ao Professor antes da publicação, e suas sugestões de revisão foram aceitas (Brabant, Falzeder & Giampieri-Deutsch, 2000, pp.194-195).

Assim sendo, diante do crescente isolamento que Rank sofria dentro do movimento psicanalítico e da perda do apoio de seus principais aliados – Ferenczi e Freud - o vienense se viu encurralado. Desse modo, a “a situação chegou a um ponto crítico no qual uma ruptura parecia inevitável” (Pizarro Obaid, 2012a, p.704).

Em uma manobra reconciliatória, Rank teria voltado para Viena e começado a se analisar diariamente com Freud, o que lhe permitiu reconhecer, em uma carta circular enviada aos colegas, em 20 de dezembro de 1924, que sua conduta, até então, tinha sido neurótica e comandada por fatores inconscientes (Gay, 1988/2012). Apesar de não abrir mão de suas teses, ele teria compreendido que o tipo de reação que tivera fora motivado por fatores mal resolvidos de sua “infância e histórico familiar – os complexos de Édipo

e fraterno. Fui, assim, obrigado a elaborar, na realidade, conflitos que provavelmente teriam sido poupados através de uma análise” (Rank, 1924, citado por Grosskurt, 1992).

Contudo, “a *mea culpa* de Rank não conseguiria reverter as consequências de suas hipóteses, nem restabelecer seu lugar no Comitê” (Pizarro Obaid, 2012b, p. 464). Rank - que não estava disposto a abandonar suas inovações – acabou, pouco a pouco, se afastando de seus cargos dentro do movimento psicanalítico e, em 1926, se mudou oficialmente de Viena para Paris, viajando com frequência para os Estados Unidos.

Segundo Lugin (2012), Rank deixou Viena sem aviso prévio, e, ao que tudo indica, ele e Ferenczi nunca falaram abertamente sobre seus atritos, os quais levaram ao fim da, outrora, tão frutífera parceria entre eles. Houve, ainda, um encontro entre eles, em setembro de 1926, em Paris, antes de Ferenczi viajar para uma temporada nos Estados Unidos. Esse teria sido um “encontro frio, selando a ruptura entre eles” (Brabant, Falzader & Giampieri-Deutsch, 2000, p.xxvii). Assim sendo, “em 1926 seus caminhos se separaram para sempre” (Lugin, 2012, p. 354).

Vale pontuar que a história de rompimento de Rank com o movimento psicanalítico teria ainda um importante desdobramento no nível teórico: Freud assimilou sua frustração com o discípulo, comprometendo-se a reexaminar a questão da angústia e o lugar que o nascimento poderia ocupar em sua metapsicologia. Conforme sugere Pizarro-Obaid (2012a): o professor “não estava preparado para dar ao trauma do nascimento o estatuto de paradigma explicativo da angústia e muito menos abandonar conceitos centrais de sua teoria em favor de novas hipóteses” (p.694). Assim sendo, em 1926, Freud publica *Inibição, Sintoma e Angústia* (Freud, 1926a/2014), texto que marca seu posicionamento oficial, ainda que de maneira velada, às teses do ex-pupilo.

Não iremos nos debruçar sobre os caminhos percorridos pelo professor nesse livro, pois isso implicaria em fazermos um desvio muito grande de nosso escopo de pesquisa⁴⁶. Porém, vale dizer que, nesse texto, Freud traz novas considerações à angústia, agora com elementos da segunda topologia e do segundo dualismo pulsional, tentando preencher as lacunas metapsicológicas existentes, até então, em relação a esse conceito (Loffredo, 2012b; 2014). Além disso, ele trava um debate silencioso contra as ideias de Rank, reassegurando o papel da castração, do Complexo de Édipo e do recalque na

⁴⁶ Para um maior aprofundamento do percurso de Freud com o conceito da angústia, reporto o leitor ao trabalho *Anotações sobre a leitura freudiana da angústia* em Loffredo (2012b, 2014). Já para inteirar-se sobre os diálogos entre *Trauma do Nascimento* (Rank, 1924/2016) e *Inibição, Sintoma e Angústia* (Freud, 1926a/2014), sugiro que o leitor consulte os trabalhos de Azevedo (2018) e Pizarro-Obaid (2012a, 2012b).

constituição subjetiva e na etiologia das neuroses, além de repensar as possíveis relações do nascimento com a angústia (Azevedo, 2018).

Em relação a este último tópico, Freud (1926a/2014) redimensiona o lugar dado por Rank (1924/2016) a tal evento, pontuando que o nascimento geraria, de fato, uma descarga econômica (uma angústia automática, mais precisamente), a qual se torna o modelo do afeto de angústia (Pizarro-Obaid, 2012). Ou seja, o nascimento provoca a reação física que os estados de angústia posteriores imitarão. Porém, ao longo da vida, o sujeito enfrentará diversas outras situações que geram angústia, as quais não se reportam ao nascimento, necessariamente, diferentemente do que argumentava Rank⁴⁷ (1924/2016).

Além disso, Freud (1926a/2014) opunha-se à ideia de que o bebê, durante seu nascimento, fosse capaz de experimentar *subjetivamente* a separação da mãe. Para ele, no nascimento “o perigo não tem ainda um conteúdo psíquico O feto não pode notar senão um imenso distúrbio na economia de sua libido narcísica” (Freud, 1926a/2014, p. 76). O nascimento significaria, portanto, a separação da mãe apenas em termos objetivos e fisiológicos.

Freud (1926a/2014) também refutava a tese de que as neuroses, sobretudo as de defesa, seriam causadas por uma fixação na regressão uterina. Para ele, essa seria uma leitura muito simplista para explicar algo que é determinado por fatores de diferentes ordens (ontogenéticos e filogenéticos, constitutivos e ambientais). Nessa mesma linha, ele também questionava a ideia de que a grandeza do trauma mobilizado na ocasião do nascimento determinaria a gravidade das neuroses. Por fim, o professor chamou atenção para a falta de material clínico que confirmassem as hipóteses do vienense.

Ferenczi, assim como Freud, também levou seu distanciamento de Rank para seus escritos, fazendo questão de evidenciar que seus procedimentos técnicos e sua compreensão acerca do processo analítico já não eram mais compatíveis com as do colega. Assim sendo, entre 1926 e 1927, ele publica dois ensaios nos quais, além criticar a técnica de Rank, – que a essa altura já tinha lançado o primeiro volume de um livro dedicado apenas à práxis analítica (Rank, 1926–1931) –, ele também revê seu próprio percurso com a técnica ativa e as limitações dessa modalidade terapêutica. Estamos

⁴⁷ Na verdade, para Freud, à medida que o sujeito se desenvolve, o núcleo das situações de perigo muda, apesar de eles sempre denunciarem uma “experiência de desamparo por parto do ego em face de um acúmulo de excitação, quer de origem externa quer interna, com que não se pode lidar” (Strachey, 1969/1996, p.50).

falando dos trabalhos *Contraindicações à técnica ativa* (Ferenczi, 1926/2011) e *Crítica ao livro de Rank: a técnica da psicanálise* (Ferenczi, 1927/2011).

Acompanhemos, agora, os caminhos que nossos protagonistas irão seguir, após essa separação e os contornos que as proposições técnicas de cada um deles assumirão, depois do conturbado ano de 1924.

5. DESDOBRAMENTOS

*Não mais amigos, nem tampouco inimigos,
mas ambos, de formas diferentes, corajosos
e criativos analistas.*

Lugrin, 2012, p.352

5.1. Reposicionamento de Ferenczi

5.1.1. Revisando a técnica ativa

Após um longo período de experimentações com a técnica ativa (1919-1926), Ferenczi se deparou com os limites dessa modalidade clínica. Mais do que isso, ele acabou se dando conta dos aspectos iatrogênicos inculcados no ato de proibir ou ordenar aos pacientes a realização de certas tarefas. Além disso, concluiu que essa postura poderia colocar em risco o aspecto relacional/afetivo da dupla analista-analisando – componente indispensável no processo terapêutico.

Se, num primeiro momento, as críticas à essa modalidade vieram de alguns de seus pares, logo ele se deu conta de que “a despeito de alguns bons resultados, sua primeira grande inovação clínica redundava em cenários pouco favoráveis ao desenvolvimento de um processo terapêutico-analítico” (Dean-Gomes, 2019, p.313). Portanto, esse reposicionamento não teve a ver apenas com a pressão imposta pela comunidade psicanalítica frente à polêmica envolvendo Rank e ele, e a necessidade de separar e diferenciar suas concepções técnico-conceituais das do colega vienense. Veio, também, de uma constatação extraída de sua própria prática clínica, que vinha redundando em casos de insucesso.

Em *Contraindicações da Técnica Ativa* (Ferenczi, 1926/2011), texto publicado em 1926, o húngaro volta atrás, então, em alguns pontos que outrora tinha defendido, com destaque para algumas das teses que aparecem na parceria com Rank (Ferenczi & Rank, 1924/2022). Em primeiro lugar, ele sinaliza que a técnica ativa vinha produzindo o efeito oposto daquele desejado, no que diz respeito à dissolução das resistências. Isto é, se a intenção original era vencer as resistências por meio de um aumento da tensão psíquica, levando a uma retomada do trabalho associativo que se encontrava estagnado, o que vinha se observando, no lugar disso, era um incremento das resistências à análise.

Ferenczi (1926/2011) também notou que a técnica ativa poderia produzir certas violências – explícitas ou não -, quando empregada de uma forma “excessivamente rigorosa” (Ferenczi, 1926/2011, p.402). Além de poder comprometer diretamente o

vínculo transferencial, ou mesmo levar à fuga dos pacientes da análise, ele percebeu que certos analisandos aderiam aos seus comandos por uma pura obediência. Isso conferia à relação transferencial contornos de uma “repetição exageradamente fiel da situação pais/criança” (Ferenczi, 1926/2011, p.404), ou de uma reprodução, por parte do analista, da “postura perfeitamente sádica de professores” (p. 404).

É justo pontuar que, em muitos casos, as medidas ativas até poderiam gerar uma melhora aparente dos sintomas, mas que eram muito pueris, já que depois de algum tempo eles retornavam na mesma intensidade de antes ou ainda mais agravados. Pior do que isso, tais manejos poderiam acabar produzindo um empobrecimento criativo e existencial nos sujeitos – ou, ainda, prejudicando a *autenticidade* dos pacientes, termo que apareceria nos seus últimos escritos (Ferenczi, 1933/2011).

Conforme já pontuamos anteriormente, ao trabalhar com as vítimas das neuroses de guerra, enquanto era médico do exército húngaro, e com os “casos difíceis” que chegavam ao seu consultório, Ferenczi acabou se deparando com a questão do traumático. Foi, possivelmente, por estar em contato direto com sujeitos que apresentavam uma dinâmica psíquica atravessada pelo trauma, e pelos avanços graduais em sua teoria da traumatogênese, que o húngaro - ávido por novas possibilidades terapêuticas para esse público -, primeiro, advogou pelo uso da técnica ativa para, posteriormente, compreender os seus limites.

Entendemos que não será possível, para os fins dessa pesquisa, fazer uma ampla exposição dos elementos que compõem a teoria do trauma construída por Ferenczi, visto que, para abordá-la em sua totalidade e complexidade, acabaríamos nos afastando de nosso objeto de pesquisa⁴⁸. Contudo, vale nos atermos para os efeitos do trauma na subjetividade, os ecos que isso pode assumir na relação transferencial e, conseqüentemente, pensar nos contornos que o trabalho analítico deve assumir em função disso.

5.1.2. O encontro com o traumático

Ferenczi desenvolveu, ao longo das décadas de 1920 e 1930, uma inovadora leitura acerca da traumatogênese, a qual, de acordo com Kupermann (2019), extraiu elementos da primeira teoria de Freud a respeito do trauma – a teoria da sedução sexual (Freud, 1896/1980) – e da segunda teoria, que situa o trauma como um evento cuja

⁴⁸ Para um maior aprofundamento dessa discussão, remeto o leitor ao trabalho de Dal Molin (2013).

característica principal é produzir um excesso pulsional contra o qual o aparelho psíquico é incapaz de se defender (Freud, 1920/2010). Assim sendo, o húngaro concebe as origens do trauma como a resultante de uma constelação de fatores de ordens intrapsíquicas e ambientais, que se sucedem em um intervalo temporal. Vejamos de que maneira se daria essa montagem⁴⁹.

Em um primeiro momento, a criança⁵⁰ passa por uma cena de violência ou abuso por um adulto amado. Aqui o húngaro não está se referindo apenas à cena de um abuso sexual. Ele também elenca outros eventos potencialmente traumáticos: as punições passionais (castigos corporais, por exemplo), e os terrorismos do sofrimento (exemplificado por ele pela depressão materna, ou ainda, quando há uma responsabilização de uma criança pelo sofrimento de um adulto que a deveria acolher) (Kupermann, 2019).

Seja ela qual for, essa violência provocaria uma dor profunda, a qual a criança não consegue simbolizar por conta própria. Esse seria o primeiro tempo do trauma, ou ainda, o tempo do *indizível*. Em seguida, a criança violada busca um outro adulto que possa validar o ocorrido e ajudá-la a dar contornos para tal sofrimento. Esse seria o tempo do *testemunho*. Se, por fim, esse adulto ignora ou mesmo invalida o que é trazido pela criança - operação essa nomeada pelo húngaro de desmentido (*Verleugnung*) -, o evento ganharia sua tonalidade traumática. Esse último tempo do trauma é conhecido como o tempo do *desmentido* (Dal Molin, 2013).

Uma vez instaurado o trauma, haveria uma *progressão traumática*, em que o sujeito, para não cair em uma situação de desamparo, acaba se identificando com o seu agressor. Conforme pontua Kupermann (2019), na situação traumática, o agressor é sempre alguém amado, de quem a criança não pode se desligar, sob o risco de cair em abandono. Então, como recurso defensivo, a criança se identifica com o objeto agressor,

⁴⁹ Aqui daremos um salto temporal na obra de Ferenczi, antes de seguirmos com sua revisão à técnica ativa, expondo ideias que aparecem sobretudo nos textos *Análises de crianças com adultos* (1931/2011) e *Confusão de línguas entre os adultos e a criança* (1933/2011), pois é nos últimos anos de sua vida que a teoria do trauma aparece de maneira mais sistematizada. Contudo, o autor já estava se havendo com os impactos do trauma na subjetividade, desde o contexto do final da Guerra, portanto, no momento em que ele tece tais críticas à técnica ativa, a questão da traumatogênese já estava sendo examinada por ele.

⁵⁰ A partir da segunda metade dos anos 1920, a figura da *criança traumatizada* passa a aparecer em diversos escritos de Ferenczi (1928a/2011, 1929/2011, 1931/2011 e 1933/2011) enquanto peça chave para se pensar de que maneira as experiências traumáticas vividas na relação com o outro podem produzir entraves na capacidade de brincar, viver e criar desses sujeitos (Kupermann, 2019). Contudo, não é só a criança que está sujeita ao trauma: qualquer um estaria sujeito a essa nefasta operação do desmentido. O trauma social seria ainda uma outra modalidade de trauma, ocorrendo quando um sujeito, em alguma situação de vulnerabilidade, não consegue obter um testemunho de suas experiências de sofrimento (Gondar, 2012).

promovendo uma autoclivagem narcísica entre “uma parte sensível, brutalmente destruída, e uma outra que, de certo modo, sabe de tudo, mas nada sente” (Ferenczi, 1931/2011, p.88), que seria a parte onipotente da progressão traumática. Mas o que isso teria a ver com a técnica psicanalítica?

Ferenczi pôde perceber que, certos manejos clínicos da psicanálise clássica, e mesmo algumas das inovações ativas, poderiam acabar reforçando a identificação com o agressor atualizado na figura do analista. Isso porque esses sujeitos que se apresentavam no mundo como uma fruta bichada (machucados por dentro, mas supostamente sadios por fora) (Ferenczi, 1933/2011), não tinham condições psíquicas de cumprir as regras de associação livre, sonhar, cometer atos falhos, reproduzir na transferência elementos da infância na relação com o analista, ou, ainda, de seguir as injunções e proibições da técnica ativa, sem ser pela via da *submissão* (Kupermann, 2019).

Logo, podemos depreender que a principal ressalva de Ferenczi à técnica ativa encontrava-se no seguinte ponto: o perigo do trabalho clínico se tornar “reprodutor dos eventos traumáticos responsáveis pelo sofrimento dos analisandos que, já fragilizados, se ofereceriam à moda masoquista ao autoritarismo dos seus analistas” (Kupermann, 2019, p.51). Ou seja, Ferenczi alertava para os riscos de os manejos ativos acabarem produzindo um “retraumatismo” nos pacientes.

No caso relatado em *As fantasias Provocadas* (1924a/2011), por exemplo, podemos pensar que as fantasias agressivas produzidas pelo paciente sob os comandos ativos não comunicavam exatamente sobre seus impulsos sádicos, conforme interpretou o húngaro, em um primeiro momento. Na verdade, elas seriam uma doação masoquista do analisando, que, obedientemente, respondeu às demandas impostas pela intervenção ativa do analista (Kupermann, 2019).

Os pacientes atravessados por essa dimensão traumática precisavam, pois, de um outro tipo de intervenção e postura de seus analistas, a saber, de uma *presença sensível* (Kupermann, 2017). A partir dos anos 1928, Ferenczi iniciará, então, uma série de mudanças importantes em sua técnica, construindo um estilo que ficou conhecido como *empático* (Kupermann, 2019). A seguir iremos abordar, sem pretensões de esgotar esse assunto, como se deu a transição para esse estilo e as diretrizes desta nova modalidade clínica.

5.1.3. A transição para um estilo próprio

De volta às *Contraindicações à Técnica Ativa* (1926/2011), texto que marca a transição entre o estilo ativo e o empático, o húngaro pontua que a fixação de um prazo final para a análise – conforme ele e Rank haviam proposto em *Metas do Desenvolvimento da Psicanálise* (Ferenczi & Rank, 1924/2022) - deveria ser radicalmente revista e usada em situações muito pontuais⁵¹. Isso porque “adotar o caminho traumático do aviso prévio” (Ferenczi, 1926/2011, p.405), isto é, fazer um desligamento à fórceps do paciente que apresenta um quadro de adesividade transferencial, poderia reforçar ainda mais sua vivência de abandono traumático (Kupermann, 2017).

Há aqui uma explícita discordância de Rank (1924/2016), o qual, ao tomar o modelo do trauma do nascimento como orientador de sua teoria e práxis, estabelece que no processo terapêutico essa vivência traumática deveria ser repetida em condições mais favoráveis, o que se daria com o término da análise, o qual deveria ser anunciado previamente pelo analista.

Ferenczi (1926/2011), num claro movimento de descolar-se dos posicionamentos do colega, sugere, então, que a técnica ativa fosse utilizada apenas quando todos os recursos da técnica *não* ativa, isto é, da técnica clássica, tivessem sido esgotados e os sintomas estivessem suficientemente perlaborados. Além disso, o húngaro pontua que as instruções ativas não deveriam ser “de uma intransigência estrita, mas de uma *flexibilidade elástica*” (Ferenczi, 1926/2011, p.404, itálicos nosso).

Portanto, no lugar de uma rigidez ativa, sugere-se uma maleabilidade e uma disponibilidade do analista. Conforme comenta Kupermann (2019), há aqui um claro alinhamento do húngaro com Freud, no que diz respeito à compreensão de que os melhores resultados são obtidos com trabalho e paciência – noção que tangencia o debate sobre a perlaboração em *Recordar, Repetir e Elaborar* (Freud, 1914/2010), e que será um gancho para as elaborações técnicas de Ferenczi que vieram a seguir. Com isso, Ferenczi consegue deixar sinalizado que, no embate Freud *versus* Rank, seu posicionamento está mais alinhado ao do professor.

⁵¹ Ferenczi é enfático ao pontuar que a proposta de estabelecer universalmente um prazo para o fim do tratamento é de autoria de Rank, muito embora ele tenha concordado em utilizá-la, por um período, sem ressalvas, em virtude de seu “resultado extraordinário” (Ferenczi, 1926/2011, p.404).

Mas, nem tudo de sua parceria com Rank (Ferenczi & Rank, 1924/2022) é descartado pelo húngaro, ao menos em um primeiro momento. Ferenczi (1926/2011) reconhece que a ênfase dada por eles à *relação analítica*, enquanto pivô do material analítico, continuava sendo de grande relevância. Além das formações clássicas do inconsciente, ele conclui que aquilo que se passa entre a *dupla analista-analisando*, bem como o que os *afetos* e o *corpo* comunicam importaria, e muito, à análise. Essa ideia pode parecer óbvia nos dias de hoje, mas naquele momento histórico havia algo de inovador nesta proposição. Em suas palavras:

Representou para mim próprio e para as minhas análises um progresso essencial aceitar, sob o impulso de Rank, a relação do doente com o médico como pivô do material analítico e conceber de imediato cada sonho, cada gesto, cada ato falho, toda deterioração ou melhoria do estado do paciente como outras tantas expressões da relação transferencial e da resistência (Ferenczi, 1926/2011, p.408).

Um ano depois, Ferenczi publica um artigo nomeado *Crítica do Livro de Rank: Técnica da Psicanálise* (Ferenczi, 1927/2011), em que ele volta a falar do valor da situação analítica, mas, dessa vez, num tom muito menos elogioso ao colega. O artigo trata-se de uma resenha ao recém publicado livro de Rank, *Technik der Psychoanalyse* [Técnica psicanalítica] (Rank, 1926–1931), no qual o vienense parece se afastar, ainda mais, “do solo comum da psicanálise” (Mezan, 2014, p.307).

Para ele, a técnica de Rank (1924/2016) não poderia mais ser situada dentro do terreno da psicanálise: o mais honesto seria nomeá-la como “técnica de Rank” ou “técnica do nascimento”. Isso porque o vienense teria negligenciado o “passado infantil” e o ponto de vista histórico do sujeito, ignorando “todo o período entre o nascimento e a situação analítica atual” (Ferenczi, 1927/2011, p. 448). Ele escreve: “Rank comete igualmente o erro fatal de colocar um ‘ou bem isto... ou bem aquilo’ estridente, no lugar de um prudente ‘não só... mas também’” (Ferenczi, 1927/2011, p. 447).

No fim, seu colega teria caído, a seu ver, no oposto da problematização que eles fazem em *Metas do Desenvolvimento da Psicanálise* (1924/2022), a respeito do excesso de saber sobre a dinâmica inconsciente, o qual, desacompanhado de qualquer vivência afetiva, se tornaria um conhecimento inócuo. Rank (1924/2016), por sua vez, ao buscar a reprodução do nascimento na cena analítica, sem levar em conta os elementos históricos e do desenvolvimento psicosexual do sujeito, estaria promovendo uma simples ab-

reação dos sintomas. Esse cenário, assim como o que eles denunciavam, não produziria efeitos transformadores duradouros.

5.1.4. O estilo empático ferencziano

Conforme pontuamos na seção anterior, Ferenczi identificou que a técnica psicanalítica clássica - estruturada pelo princípio de abstinência, associação livre e interpretação – se mostrava limitada para a clínica dos casos difíceis. O primeiro passo, então, na direção de contornar esse desafio foi a construção de uma técnica ativa, que teve como um marcante episódio a parceria com Rank (Ferenczi & Rank, 1924/2022), mas que precisou, tempos depois, ser revista, dado seu potencial iatrogênico em pacientes com uma dinâmica psíquica marcada pelo desmentido. Contudo, essas experimentações com a técnica ativa serviram, em alguma medida, de matéria prima para Ferenczi extrair alguns dos princípios que marcariam seu derradeiro estilo teórico-clínico, nomeado por alguns comentadores de “período de indulgência” (Dean-Gomens, 2019) ou de “estilo empático”⁵². Nas palavras de Dean-Gomes (2019), esse estilo caracterizou-se

Entre outras coisas, pelas técnicas de relaxamento e elasticidade, por uma profunda revisão sobre a regra de abstinência (a qual se conjuga a noção de “empatia”), pela valorização da mutualidade e do trauma – na constituição do psiquismo e em seus adoecimentos (p.311).

O ano de 1928 foi o marco inaugural desse novo momento. Nele, Ferenczi apresentou à comunidade psicanalítica três trabalhos que sintetizam o posicionamento ético, clínico e teórico, que assumiria dali em diante (Kupermann, 2019), sendo eles: *Adaptação da família à criança* (1928a/2011), *O problema do fim da análise* (1928b/2011), e *A elasticidade da técnica psicanalítica* (1928c/2011). Não iremos apresentar esses trabalhos um a um, pois isso prolongaria em demasia essa exposição, mas tentaremos sintetizar os principais aspectos da técnica de Ferenczi, nesse período.

Podemos dizer que, a partir daquele momento, uma das principais ênfases do húngaro acerca da técnica recaiu na *qualidade* do encontro entre analisando e analista.

⁵² Vieira (2018) pontua que essa divisão das fases técnicas de Ferenczi pode ter uma relevância pedagógica, mas, na realidade, não devemos compreender seu percurso como uma linha evolutiva em que a fase atual substituiu em totalidade a anterior, como se uma fosse melhor ou mais adequada que outra, em todas as situações clínicas. Seu estilo preza justamente por uma elasticidade do analista, que deve, portanto, ser capaz de identificar, na transferência, “a ferramenta clínica que supõe se adequar melhor à atmosfera afetiva da sessão” (Vieira, 2018, p. 81).

Ou seja, a atmosfera afetiva posta em jogo durante uma análise, fator bastante discutido em seu trabalho com Rank (Ferenczi & Rank, 1924/2022), tornou-se o eixo condutor do pensamento técnico do húngaro (Vieira, 2018). Portanto, além de tratar de diretrizes técnicas mais objetivas e generalizáveis, ele também enfatizava uma dimensão *estética* da clínica (Kupermann, 2019), que diz respeito à sensibilidade do analista, àquilo que se passa entre a dupla em um plano não verbal, ao ritmo e tom da análise, ao que é comunicado além da fala (tom da voz, cadência etc.) e à singularidade afetiva que marca a relação única com cada analisando.

Em *Elasticidade da técnica psicanalítica* (1928c/2011), texto que agrupa suas principais reflexões teórico-clínicas desse período, Ferenczi (1928c/2011) destaca a qualidade do *tato* do analista, isto é, a capacidade de

Saber quando e como se comunica alguma coisa ao analisando; quando se pode declarar que o material fornecido é suficiente para extrair dele certas conclusões; em que forma a comunicação deve ser, em cada caso, apresentada; como se pode reagir a uma reação inesperada ou desconcertante do paciente; quando se deve calar e aguardar outras associações; e em que momento o silêncio é uma tortura inútil para o paciente etc. (Ferenczi, 1928c/2011, p.31).

Portanto, essa habilidade de “sentir com” (*Einfühlung*), ou ainda, de sentir dentro de si os afetos e experiências que se passam no campo do analisando, deixando-se afetar por elas, deveria ser tomada pelo analista como norteador de suas decisões sobre seus manejos clínicos. Conforme ele sublinha, “só uma verdadeira posição de ‘sentir com’ pode ajudar-nos” (Ferenczi, 1928c/2011, p.37) nessa tarefa de identificar quais rumos uma análise deve tomar.

Toda essa ênfase aos aspectos subjetivos e a essa dimensão estética da clínica não eximiria o analista de manter, conforme bem pondera Vieira (2018), uma “vigilância consciente do seu funcionamento mental” (p.85) assim como a “a atenção para a situação dinâmica em questão” (p. 85). Não à toa, a análise do analista se torna a “segunda regra fundamental” da psicanálise para Ferenczi (1928c/2011). A seu ver, quanto mais o analista fosse capaz de identificar “seus modos de atuar e seus erros, e se tiver aprendido pouco a pouco a contar com os pontos fracos da sua própria personalidade” (Ferenczi, 1928b/2011, p.27), mais ele seria capaz de levar a termo a análise de seus pacientes⁵³.

⁵³ Ferenczi seguiria tratando com cautela, como em muitos momentos dentro de sua trajetória no movimento psicanalítico, a questão das análises didáticas, visto que essas, quando faziam parte de instituições com

A fim de oferecer uma escuta adequada aos pacientes que, em função do trauma, tinham comprometimento em seus processos simbólicos, pouco conseguindo associar, sonhar e fazer lapsos, Ferenczi (1928c/2011) também entendeu a necessidade de o analista dispor de uma postura flexível. Ou seja, seria importante haver uma elasticidade no fazer do analista, no sentido de acolher, até certo ponto, os movimentos repetitivos dos pacientes, bem como seus impulsos hostis e agressivos. Daí a comparação com a fita elástica: ceder às tendências do paciente, mas, sem abandonar a tração na direção que considera apropriada para o progresso da análise (Mezan, 2014). Ao suportar esse lugar, o analista logo colheria a “recompensa bem merecida de nossa paciência, sob a forma de uma nascente transferência positiva” (1928c/2011, p.35).

Ainda pensando nos efeitos do desmentido sobre as subjetividades dos seus pacientes, Ferenczi identificou que seria preciso seguir uma direção de tratamento que caminhasse na contramão da progressão traumática, que decorre da quebra de confiança no testemunho de uma cena traumática. Nas palavras de Kupermann (2019)

A direção do tratamento psicanalítico tem como alvo favorecer a *regressão* do analisando aos estágios mais precoces do desenvolvimento do sentido de realidade, de maneira a que este possa experimentar a onipotência mágico-criadora⁵⁴ comprometida pelo abandono familiar/ambiental (p. 191).

Assim sendo, para poder acessar o núcleo sensível destruído desses sujeitos, no sentido de “reavivá-lo”, a clínica psicanalítica deveria se orientar por outras duas balizas clínicas, além da interpretação: a regressão e o jogo. De acordo com Kupermann (2019), a neocatarse ferencziana - ponto culminante das contribuições teórico-clínicas do húngaro – é marcada, pois, pela:

padrões e regulamentos rígidos, poderiam encarnar nos analistas um *superego técnico*, isto é, uma “adesão rígida dos psicanalistas aos sistemas de filiação teóricos que impede que analisem utilizando o livre jogo das faculdades necessário para ampliar a sua capacidade imaginativa” (Kupermann, 2019, p. 93)

⁵⁴ Em *O Desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios* (1913/2011), o qual foi apresentado no segundo capítulo desse trabalho, o húngaro explica que após o nascimento - evento que gera uma perturbação no estado de quietude absoluta vivido no útero materno - o bebê ingressa no período de onipotência alucinatória mágica. Nele, surge seu primeiro desejo: retomar a situação de prazer perdida. E de fato, quando a criança está em um ambiente de cuidado, esse desejo é realizado: suas necessidades serão prontamente atendidas pelos seus cuidadores, sem que precise desempenhar qualquer ação no mundo externo que sinalize seu desprazer/necessidades. A criança “é levada a sentir-se na posse de uma força mágica, que é capaz de concretizar todos os seus desejos mediante a simples representação de sua satisfação” (Ferenczi, 1913/2011, p.50).

Regressão no contexto da transferência - que permite o acesso aos núcleos clivados do analisando que, por sua vez, inspiram as construções analíticas – e o *jogo* dos afetos compartilhados que permitem o exercício da ambivalência necessária para livrar-se da identificação com o objeto incorporado, bem como a experiência da onipotência primordial capaz de despertar os impulsos vitais e o desejo de se continuar existindo (p.138).

Portanto, lançando mão desses direcionamentos seria possível dar voz à criança interna que habita o adulto, mas que se encontra silenciada e acuada. Nesse encontro, a criança violada poderia finalmente receber um testemunho para sua dor, o qual lhe fora negado no passado. Essa ainda seria a oportunidade de deixar o sujeito “pela primeira vez saborear as bem-aventuranças de uma infância normal” (Ferenczi, 1930/2011, p. 77).

Podemos perceber que muitas dessas conclusões às quais o húngaro foi chegando parecem entrar em contradição com o princípio de abstinência por ele outrora defendido. Se, ao longo de suas experimentações com a técnica ativa, ele teria levado essa regra às últimas consequências, com Rank (Ferenczi & Rank, 1924/2016) ele começa entender, ainda que de maneira não tão sistematizada, a importância de serem admitidas algumas satisfações libidinais no campo transferencial. Agora, nesse ponto de seu percurso, fica mais fácil fundamentar o porquê de se apostar na potência afetiva estabelecida transferencialmente: nos sujeitos traumatizados, via de regra, a força motriz erótica estaria basicamente ausente, de modo que ela precisaria ser despertada na relação com o analista (Kupermann, 2019).

Em *Princípio de relaxamento e neocatarse* (1930/2011), Ferenczi então postula – muito embora essa ideia já estivesse se delineando há tempos - que a psicanálise precisaria admitir um outro princípio técnico para além do de abstinência: o princípio de relaxamento ou de *laissez-faire*. O analista poderia dispor, então, para além do princípio de abstinência, de uma maior liberdade e indulgência no trato com os pacientes, conforme ele explica: “a psicanálise trabalha, de fato, com dois meios que se opõem mutuamente: produz um aumento da tensão psíquica pela frustração e um relaxamento ao autorizar certas liberdades” (Ferenczi, 1930/2011, p.68).

Essa aposta em uma liberdade de ação dos analisandos, somada à uma presença sensível e empática do analista, teria sido justamente a base para se criar uma “atmosfera de confiança um pouco mais sólida entre médico e paciente” (Ferenczi, 1930/2011, p. 71). E com isso, o sujeito ver-se-ia em condições de conseguir regredir e se expressar de

forma lúdica e autêntica. É bom pontuar, conforme nos alerta Mezan (2014), que adotar essa postura não significa “abandonar a atitude de observação e a interpretação do material em favor da efusão de carinho, nem de tolerância ilimitada. O objetivo do novo procedimento é, mais uma vez, vencer as resistências” (p. 346).

Conforme já pontuamos anteriormente, Ferenczi deslocou a ênfase dada ao fator terapêutico da repetição, discutido em profundidade por ele e Rank em *Metas do Desenvolvimento da Psicanálise* (Ferenczi & Rank, 1924/2022), para a regressão, a qual seria operada via neocatarse. Essa, que se diferencia do método catártico de Breuer, não visava apenas à ab-reação dos afetos vinculados a uma lembrança, mas, sim, ao oferecimento ao analisando da possibilidade de que algo fosse integrado, introjetado, ao seu psiquismo (Dean-Gomes, 2019). Assim sendo, o espaço de análise poderia proporcionar o “meio thalassico capaz de promover ao analisando o resgate de sua vitalidade” (Kupermann, 2019, p. 142).

No final de sua vida, Ferenczi teria ainda desenvolvido um último dispositivo clínico, a *análise mútua*, descrita por ele em seu *Diário Clínico* (1932/1990). Seu objetivo com esta ousada inventiva metodológica, a ser utilizada em caráter de excepcionalidade, era “livrar o espaço analítico de toda hipocrisia defensiva, convocando o psicanalista ao reconhecimento e ao enfrentamento dos traumatismos decorrentes da sua prática clínica” (Kupermann, 2019, p. 123). Ao “expressar ideias e opiniões acerca do paciente que de outra forma nunca lhe chegariam ao ouvido” (Ferenczi, 1932/1990, p.35), o analista poderia observar crescer uma maior confiança advinda do analisando e um maior aprofundamento de sua análise. Trata-se, pois, de uma intensificação da importância dada pelo húngaro à sinceridade do analista no decurso da experiência psicanalítica e da liberdade de criação que ele concedia a si mesmo no trato com seus pacientes (Pizzinga & Arán, 2009).

Por fim, podemos perceber que, com a fundamentação de um estilo clínico empático, Ferenczi finalmente conseguiu endereçar uma resposta à questão da perlaboração, lançada por Freud em 1914. O húngaro sugere que dentro de um processo analítico haveria, para além de uma vertente qualitativa de análise (que diz respeito à elucidação tópico-dinâmica do funcionamento psíquico inconsciente), uma vertente *quantitativa* de trabalho, a perlaboração (que diz respeito à dimensão econômica do psiquismo). Ou seja, além do recordar e repetir, a perlaboração compareceria como o trabalho compartilhado sobre os afetos suscitados pela situação analítica (Kupermann, 2019). Ele escreve:

O material psíquico inconsciente deve ser revivido, sob a forma de lembranças e de repetições, mas o terceiro recurso técnico da análise deve ser igualmente empregado. Quero falar do fator da translaboração⁵⁵, ao qual Freud atribui uma importância idêntica, mas que não foi, até o presente, apreciado em seu justo valor. Devemos relacionar essa translaboração, ou seja, o trabalho psíquico a que o paciente se entrega com a ajuda do analista, com a relação de forças entre o recalçado e a resistência: portanto, com um fator puramente quantitativo (Ferenczi, 1928b/2011, pp.22-23).

Ou seja, é na parceria entre analista e analisando, que deverá contar com todos os elementos que compõem seu estilo empático, que a análise quantitativa poderá ser feita. Em outras palavras, é no bojo dessa parceria que a “mágica” da perlaboração poderá ocorrer. Caso o trabalho terapêutico fique tolhido dessa vertente, resumindo-se apenas à análise qualitativa dos sintomas, possivelmente não “haverá a esperada modificação terapêutica” (Ferenczi, 1928b/2011, p.23). Desse modo, as disposições afetivas da perlaboração, que Freud começa a tatear em *Recordar, Repetir e Elaborar* (1914/2010) - a paciência e o tempo –, ganham em Ferenczi contornos mais complexos e aprofundados.

É possível perceber que muitas dessas ideias tensionavam fundamentos já muito sedimentados dentro de uma psicanálise tida como mais clássica, como o novo manejo da regra de abstinência e o uso da regressão clínica. Naturalmente, Ferenczi foi alvo de muitas críticas da comunidade psicanalítica mais ortodoxa, e mesmo de Freud, em certos momentos. Porém, ele manteve-se engajado, graças ao seu *animus sanandi*, em ampliar os limites da psicanálise, tornando-a capaz de abranger casos mais graves, como neuroses severas e psicoses (Dean-Gomes, 2019).

5.1.5. Uma permanência intranquila na psicanálise

Conforme já pontuamos em outras passagens, é possível perceber que Ferenczi, ao longo de sua carreira, dedicou-se incansavelmente à “otimização da teoria e da técnica psicanalítica, o abrandamento do sofrimento do paciente e a maior possibilidade de cura através da análise” (Casadore, 2012, p.10), fazendo, para isso, inúmeras tentativas e experimentações com o procedimento analítico. Como consequência desse seu espírito

⁵⁵ No original, lemos *durcharbeiten*. Novamente, vamos optar pela tradução desse termo por “perlaboração”, conforme discorremos na nota de rodapé 29.

inquieta e, por vezes, rebelde, ele recebeu o título de *enfant terrible* da psicanálise, o qual, apesar da ambivalência, ele apreciava (Kupermann, 2019).

A despeito das suas tentativas de ampliação da técnica psicanalítica clássica, visando à elasticidade e ao relaxamento das recomendações mais austeras de Freud, Ferenczi “insistiu na permanência, ainda que intranquila e com ressalvas, no círculo psicanalítico” (Dean-Gomes, 2019, p.463).

Porém, como já podemos prever, suas experimentações não passariam ilesas às críticas dos psicanalistas mais tradicionais. Desde seu trabalho com Rank (1924/2022), Ferenczi se viu na mira dos colegas berlinenses e ingleses (Jones e Abraham, principalmente), o que só foi se acentuando, à medida em que suas proposições se tornaram cada vez mais criativas e, em certa medida, controversas, tal como a análise mútua ou a “técnica do beijo”⁵⁶. Dessa forma, ele foi censurado por sua heterodoxia e alertado de que suas inovações poderiam representar um risco para analistas inexperientes ou levianos (Casadore, 2012).

Sua relação com Freud - que, como já dissemos, sempre fora de grande proximidade, e, ao mesmo tempo, de uma grande dependência emocional por parte do húngaro - também seria afetada, em algum grau, em meio a todas essas controvérsias. De acordo com Gay (1988/2012), começa a haver sinais de desgaste na relação dos dois, desde a ida do húngaro para os Estados Unidos, em 1926. Lá ele realizou análises, treinou analistas, deu uma série de palestras e, demonstrando um posicionamento favorável à análise leiga, gerou certo mal-estar na comunidade psicanalítica local, que recusava fortemente a possibilidade de não-médicos atuarem como analistas (Roazen, 1971).

Mas esse não foi o motivo do incômodo do professor: ele considerava as viagens para os Estados Unidos “como uma indicação de um possível abandono da Causa. Era quase como se visse os Estados Unidos como um rival sedutor, rico, fascinante, poderoso, em algum primitivo aspecto superior à Europa, com suas atrações mais austeras” (Gay, 1988/2012, p.565). Seu medo era, portanto, que Ferenczi fosse mais um dos discípulos que migraria permanentemente para o novo mundo - tal como Rank -, abandonando o

⁵⁶ Em 1931, tornou-se de conhecimento do Comitê que Ferenczi beijava seus pacientes e deixava que o beijassem também. Freud, então, lhe escreveu uma carta, repreendendo essa postura, pontuando que ele “não deveria permitir gratificações eróticas aos pacientes” (Brabant, Falzeder & Giampiere-Deutsch, 2000, p.422). Havia uma preocupação com os contornos que esse manejo poderia tomar, caso viesse a público, portanto, ele deveria dar um passo atrás nessa sua manifestação de “ternura materna” (Brabant, Falzeder & Giampiere-Deutsch, 2000, p.422).

terreno psicanalítico. Jones (1975) viria a dizer, posteriormente, que “Ferenczi nunca mais foi o mesmo homem depois dessa viagem” (p. 127).

Porém, foram os anos finais da vida de Ferenczi que escancararam as fissuras de sua relação como o professor, e os ressentimentos guardados por ele ao longo dessa duradoura amizade⁵⁷. Suas correspondências a Freud tornaram-se cada vez mais escassas, intercalando momentos de loquacidade e intervalos de silêncio, que pareciam deixar claros sua ambivalência em relação ao professor: “ele não conseguia mais viver em um estado de dependência emocional; contudo, ao mesmo tempo, necessitava dela” (Brabant, Falzader & Giampieri-Deutsch, 2000, p.xxx).

Apesar do desgaste do vínculo entre Freud e Ferenczi, nunca houve uma ruptura definitiva entre eles. Contudo, o ano de 1932 foi especialmente delicado para o relacionamento da dupla (Roazen, 1971). Como se sabe, naquele ano, ocorreria o 12º Congresso Internacional de Psicanálise, em Wiesbaden. Nele, seria feita, também, a nomeação do novo presidente da IPA, a qual Freud insistia para que fosse ocupada por Ferenczi: para ele, o movimento estaria mais seguro se alguém com uma autoridade analítica, tal qual a dele, assumisse o cargo. O húngaro, porém, “mostrava-se bastante desinteressado em envolver-se com assuntos de ordem institucional que lhe desviassem do profundo trabalho no qual havia se envolvido para a compreensão de seus casos” (Dean-Gomes, 2019, p.449).

Freud chega a lhe escrever, dizendo que ele deveria “abandonar a ilha dos sonhos na qual habitava com suas crianças fantasmas e recolocar-se na luta dos homens” (Brabant, Falzader & Giampieri-Deutsch, 2000, p.431), o que parece indicar uma desaprovação do afastamento do colega, em sua visão, quase patológico. Entretanto, o húngaro lhe “respondia tratar-se não de um adoecimento psíquico, mas de um período de grande criatividade” (Dean-Gomes, 2019, p.449). Mesmo com os apelos do professor, Ferenczi recusou esse posto, de modo que Jones foi reconduzido à presidência da instituição, pela segunda vez (a primeira, foi entre 1920 e 1924), frustrando as expectativas de Freud.

Essa não foi a única querela em jogo em relação a esse Congresso. Ferenczi havia se preparado para apresentar o artigo *Confusão de línguas entre os adultos e a criança* (Ferenczi, 1933/2011), naquela ocasião. Porém, Freud e os colegas demonstravam grande

⁵⁷ Conforme pontuam Brabant, Falzeder & Giampieri-Deutsch (2000), Ferenczi “nunca conseguiu expressar abertamente seus sentimentos negativos em relação a Freud, e temia fazê-lo, provavelmente por culpa, quanto pelo medo da rejeição” (p.xxx).

preocupação com as teses de Ferenczi, as quais ressuscitavam elementos da teoria da sedução sexual, abandonada pelo professor, havia décadas. Desse modo, o fundador da psicanálise teria pedido ao discípulo que não apresentasse esse artigo no evento, o que lhe foi negado. Receoso da polêmica que o texto poderia gerar na comunidade psicanalítica, Freud, depois, ainda pediria a Ferenczi que aguardasse um ano para publicá-lo – com as esperanças de que, nesse meio tempo, ele retificasse suas ideias (Roazen, 1971).

Nesse ínterim, as faculdades mentais do húngaro também se tornaram “objeto de controvérsia, com Freud e Jones prognosticando adoecimentos psíquicos de naturezas diversas que teriam acometido Ferenczi” (Dean-Gomes, 2019, p.449). De fato, naquele ano, Ferenczi adoece, mas não se tratava de um distúrbio psíquico: tratava-se, na realidade, de uma anemia perniciosa, que lhe deixou bastante debilitado, e fez com que suas atividades clínicas e teóricas tivessem que se reduzir drasticamente.

Em 22 de maio de 1933, ele vem a óbito, em consequência dessa enfermidade. Porém, dias antes, ele escreve uma correspondência para Freud, parabenizando-o pelo seu septuagésimo sétimo ano de vida, e desejando um futuro melhor para ambos: “vamos torcer para que o próximo ano não nos traga os mesmos eventos horríveis do passado” (Brabant, Falzader & Giampieri-Deutsch, 2000, p.450).

Conforme pontua Dean-Gomes (2019), no final de sua vida, Ferenczi parecia se sentir, como nunca antes, cercado de incompreensão e isolado daqueles que um dia foram seus grandes parceiros de causa. Na leitura de Kupermann (2019), o húngaro teria buscado

Ativamente sua solidão, convicto de que apenas um afastamento mais radical de um grupo que funcionava segundo os princípios da obediência servil e da reprodução do mesmo poderia lhe proporcionar a liberdade necessária para pensar e praticar criativamente a psicanálise e, finalmente, para morrer à sua própria maneira (p.39).

Contudo, na época, esse isolamento de Ferenczi fora interpretado como uma consequência de sua deterioração mental, a qual também teria interferido em sua produção intelectual mais derradeira. Jones (1957) veiculou essa versão em sua biografia sobre Freud, pontuando que “o distúrbio psíquico teria feito rápido progresso no seu último ano de vida” (p. 178), de modo que ao final, ele teria sido vencido pelos “demônios ocultos contra os quais ele lutou por anos com grande angústia e muito sucesso” (p.178).

Tal narrativa logo propagou-se, tornando-se uma verdade, ao menos para uma parcela da comunidade psicanalítica internacional, por um certo tempo (Roazen, 1971).

Consequentemente, seu nome virou um tabu e suas ideias permaneceram escanteadas, por anos, das instituições psicanalíticas (Bonomi, 1998). Contudo, em uma pesquisa realizada por Erich Fromm (1958), alunos, analisandos e familiares de Ferenczi puderam atestar que suas faculdades mentais se mantiveram preservadas durante toda sua vida. Além disso, com a publicação das correspondências trocadas entre ele e Freud (Brabant, Falzader & Giampieri-Deutsch, 1993-2000), assim como de seu *Diário Clínico*⁵⁸ (Ferenczi, 1932/1990), publicado por Balint, anos depois, uma outra compreensão acerca de sua vida e obra se tornou possível.

Desde os anos 1980, especialmente, existe um movimento denominado de “renascimento de Ferenczi” (Rachman, 1999), no qual pesquisadores vêm se debruçando sobre a tarefa de dar visibilidade às ideias do húngaro que por anos ficaram apagadas ou distorcidas, e reabilitar a imagem desse importante pioneiro da psicanálise.

Da mesma forma que Ferenczi teve sua sanidade questionada por ter, de certa forma, tensionado os limites do freudismo, algo semelhante aconteceria com Rank, como mostraremos, a seguir. Acompanhemos, agora, os rumos que a vida do vienense tomou após o fim de seu envolvimento com Ferenczi, e de seu banimento da causa psicanalítica.

5.2. A dissidência de Rank

5.2.1. Uma nova morada

Tendo se tornado *persona non grata* dentro do círculo psicanalítico de Viena, Rank, que não estava disposto a abrir mão de seus novos inventos, não viu outra opção senão “firmar-se como psicanalista num terreno que lhe seria menos hostil: Nova York e Paris” (Castro, 2016, p.18). Assim sendo, gradualmente, ele se afastou das atividades editoriais que ainda cumpria em Viena, mudando-se para a capital francesa, em 1926. De lá, ele partia, de tempos em tempos, para longas temporadas nos Estados Unidos, até se transferir oficialmente para o país, em 1934.

⁵⁸ Escrito ao longo de 1932, no *Diário Clínico* (1932/1990) de Ferenczi podemos acompanhar suas reflexões teóricas e técnicas, seus insucessos e êxitos com a análise mútua, dados autobiográficos e também suas ambiguidades em relação ao professor. Fazendo uma espécie de autoanálise, podemos, ainda, extrair importantes notícias de seu estado emocional durante esse período.

Uma última visita foi feita a Freud, em Viena, no dia 12 de abril de 1926. Na ocasião, ele o presenteou com uma edição de luxo das obras completas de Nietzsche. Uma semana depois, o professor escreveu para Ferenczi, narrando como teria sido esse encontro, além de dar seu parecer sobre o término dessa relação:

Nós lhe demos muito, mas como retorno, ele fez muito por nós. Portanto, estamos quites! Na ocasião de sua última visita, não vi espaço para expressar qualquer forma de ternura. Fui honesto e duro. Agora podemos fazer o sinal da cruz sobre ele (Brabant, Falzader & Giampieri-Deutsch, 2000, p.257).

Podemos perceber que, apesar de Freud ter se ressentido dos caminhos tomados por Rank, ele conseguia também reconhecer sua dedicação para com a causa psicanalítica, ao longo de mais de duas décadas. Nas *Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise* (Freud, 1933a/2010), ele volta a comentar sobre a importância do ex-discípulo, nomeando-o como aquele “a quem a psicanálise deve muitas belas contribuições e possui também o mérito de haver enfatizado a importância do ato do nascimento e da separação da mãe” (Freud, 1933a/2010, p.233).

Assim sendo, à diferença das exemplares dissidências de Adler, Jung ou Stekel, podemos perceber que Freud foi muito mais tolerante, comparativamente falando, aos movimentos emancipatórios de Rank. Suas críticas ao discípulo vieram apenas tardiamente, e mesmo o rompimento entre eles foi mais “amigável” que o dos colegas (Pizarro-Obaid, 2012a). De acordo com seu biógrafo, isso se deveu, possivelmente, ao vínculo que eles nutriam, até então, e ao fato de Freud ter apostado em Rank – financeiramente, afetivamente e profissionalmente – desde a primeira interação que tiveram (Lieberman, 1985).

Sendo seu mentor, Freud acompanhou cada passo de sua carreira, até o momento em que seu crescimento deixou de caber nos limites de sua doutrina. Portanto, ainda que com resistência, ele conseguiu autorizar a emancipação do ex-pupilo do campo psicanalítico: “deixo-lhe o direito de se extraviar e, em troca, de se mostrar original. Mas é claro que não pertence mais a nós” (Freud, 1926, citado por Gay, 1988/2012, p.487).

Apesar de tolerar sua nova empreitada, Freud não se furtou de levantar a hipótese das inovações teóricas de Rank terem sido um “precipitado de sua própria neurose” (Brabant, Falzader & Giampieri-Deutsch, 2000, p.257). Assim como no caso de Ferenczi, Rank foi alvo de ofensas e análises selvagens por parte de seus contemporâneos, que atribuíram suas formulações teóricas e técnicas, assim como a maneira como se colocou

diante do Comitê, a um episódio de mania que ele, supostamente, estaria atravessando. Essa foi, inclusive, a narrativa adotada por Jones (1957), em sua monumental biografia sobre Freud, a qual disseminou-se pelas instituições de psicanálise, por anos, muito embora nunca tenha sido comprovada⁵⁹ (Lieberman, 1985).

Houve, ainda, um rumor de que Rank teria decidido fazer uma carreira nos Estados Unidos por uma ganância de enriquecer em território norte-americano, já que os americanos “não somente eram ricos e ansiosos por serem tratados, como também Rank lhes propunha análises mais curtas, que significava que eles pagariam mais por sessão” (Roazen, 1971, p.454). Quanto ao encurtamento das análises, procedimento técnico que Rank adotara desde sua parceria com Ferenczi, e que encontrara grande aceitação em territórios americanos, Freud (1937/2018) foi bastante duro ao pontuar que:

Não se pode negar que a linha de raciocínio de Rank era audaz e engenhosa; mas não resistiu a um exame crítico. De resto, seu experimento era filho de seu tempo, concebido sob a impressão do contraste entre a miséria da Europa no pós-guerra e a “*prosperity*” americana, e voltado a adequar o ritmo da terapia analítica ao afã da vida americana. Não soubemos muita coisa sobre os resultados que a inovação de Rank obteve nos casos de doença. . . . A teoria e a prática da tentativa de Rank pertencem agora ao passado – como a *prosperity* americana mesma (Freud, 1937/2018, pp.275-276).

Independentemente dos fatores conscientes e inconscientes que o levaram a migrar para os Estados Unidos, e dos fatores econômicos e sociais que tornaram possível a aceitação de suas ideias nesse novo território, o fato é que Rank conseguiu se consolidar como um nome importante dentro do círculo psicanalítico nova-iorquino, ao menos por um certo período (Roazen, 1971). Porém, logo as notícias de seu rompimento com Freud e de seu suposto estado de saúde mental se espalharam pela cidade, de modo que a campanha de difamação que ele já começara a sofrer em Viena, virou uma realidade, também, no novo mundo. Assim sendo,

Em 1930, em meio à uma conferência, Abraham Bill – psicanalista vienense estabelecido há anos nos Estados Unidos e presidente da associação na

⁵⁹ A respeito disso, Lieberman (1985) escreve: “Ninguém que o conhecia razoavelmente bem após sua separação de Freud viu qualquer evidência da psicose que Jones alegava. As depressões de Rank, sendo a mais severa em 1932, temporariamente abalaram sua carreira, vida familiar e amizades, mas, de forma geral, ele suportou grandes estresses com grande força” (p.391).

época – afirmará que as ideias de Rank eram produtos de suas perturbações mentais, riscando seu nome da Associação Americana de Psicanálise (APA) (Padovan, 2023, p.35).

Com isso, todos os candidatos que foram analisados por ele foram obrigados a submeter-se a novas sessões de análise, agora com profissionais reconhecidos pela instituição, sob o risco de também serem expulsos da APA. Desde então, Rank passou a experimentar uma forma de ostracismo dentro comunidade psicanalítica, que parece perdurar, em certa medida, até os dias atuais (Padovan, 2023). Exemplo desse isolamento do qual foi vítima, foi o fato de o próprio Ferenczi ter lhe ignorado, supostamente, em uma ocasião em que se encontraram, por acaso, na estação da Pensilvânia, em 1926 (Roazen, 1971).

Destituído, oficialmente, de seu título de psicanalista, Rank seguiu atuando como terapeuta e concentrou suas atividades acadêmicas e teóricas na Escola de Serviço Social da Pensilvânia (Grosskurt, 1992). Lá proferiu importantes seminários e palestras que atraíam psicólogos, assistentes sociais, educadores, e mesmo psicanalistas que viam nas suas teses um contraponto importante a uma psicanálise mais ortodoxa. Rank também teve uma grande circulação pela cena artística parisiense e nova iorquina, tornando-se terapeuta dos escritores Anaïs Nin e Henry Miller (Lieberman, 1985).

Em 1934, ele se transferiu definitivamente para Nova Iorque, consolidando a criativa carreira que iniciara no país, uma década atrás. Em outubro de 1939, menos de um ano depois de se casar pela segunda vez, agora com Estelle Buel, sua secretária americana, Rank é acometido por uma dor de garganta e acaba falecendo, em decorrência de uma reação alérgica a um medicamento utilizado em seu tratamento. Coincidentemente, esse evento se deu apenas algumas semanas depois do falecimento de Freud (Lieberman, 1985).

Seus anos de maior produtividade foram entre o final dos anos 1920 e o começo dos anos 1930, quando ele cunha o conceito de *vontade* como força humana primária, ressalta a importância da criatividade, e fundamenta suas concepções sobre uma prática clínica centrada na relação terapêutica (Karpf, 1953). Acompanhemos, agora, mais detidamente, os elementos que compõem a filosofia e o estilo clínico derradeiro de Rank.

5.2.2. Will therapy

Após toda a polêmica que envolveu a publicação de *Trauma do Nascimento*, resultando no afastamento de Rank do círculo psicanalítico europeu, o vienense acabou desenvolvendo um corpo clínico-teórico que, gradualmente, destacou-se da doutrina freudiana. É válido pontuar, de acordo com Karpf (1953), que Rank “não tentou substituir o sistema freudiano, mas ele procurou complementar, reformular, revisar e, eventualmente, também corrigi-lo em pontos de especial interesse para ele, pois, na sua opinião, isso se tornou cada vez mais necessário” (p.60).

Assim sendo, aquilo que começou como uma tentativa de ampliação da psicanálise para além dos limites edípicos – incluindo a hipótese do trauma do nascimento -, acabou se tornando uma clara mudança de orientação teórica, bem como de perspectiva terapêutica, no percurso de Rank. O vienense se manteve ligado a certos conceitos do arsenal psicanalítico - afinal, teriam sido cerca de 20 anos, colaborando ativamente com a construção desse campo do saber -, e dialogando com as ideias de Freud, até o final de sua carreira. Mas, também, desenvolveu conceitos próprios, desatrelados da doutrina freudiana, os quais resultaram em uma linha de pensamento autoral, a qual encontrou grande acolhida em território estadunidense.

Suas novas proposições teriam influenciado, em alguma medida, Carl Rogers, o qual fundaria, em breve, a Abordagem Centrada na Pessoa. Apesar de nunca ter citado Rank explicitamente em seus textos, “Rogers (1978) reconheceu que a terapia rankiana influenciou o seu pensamento, por se focar mais em atitudes e emoções do que em técnicas e racionalizações clínicas” (Branco, Vieira, Cirino & Moreira, 2016, p.285). Loffredo (1994) também chama atenção para a influência de seu pensamento para a Gestalt Terapia (GT), seja no reconhecimento dos aspectos humanos na interação paciente-terapeuta, seja “na ênfase de ambas as orientações no aspecto criativo presente no trabalho terapêutico” (p.46).

Os principais trabalhos do vienense dessa nova fase foram *Technik der Psychoanalyse* [Técnica psicanalítica] (Rank, 1926–1931); *Grundzüge einer genetischen Psychologie auf Grund der Psychoanalyse der Ich-Struktur* [Elementos para uma psicologia genética baseada na psicanálise da estrutura do Eu] (Rank, 1927-1929); *Art and Artist* [A arte e o artista] (Rank, 1932/1968), *Modern education* [Educação Moderna]

(Rank, 1932) e o póstumo *Beyond Psychology* [Além da Psicologia] (Rank, 1941/1958), publicado por seus amigos e alunos, alguns anos depois de seu falecimento.⁶⁰

Nesses trabalhos o autor transita pelos campos da antropologia, filosofia, religião, artes, educação, política, num movimento que, de certa forma, parece se assemelhar às suas origens dentro da psicanálise. Porém, dessa vez, ele não toma essas áreas como objetos de investigação da psicanálise (já que, a seu ver, ela seria insuficiente para explicar a complexidade de certos fenômenos), mas, sim, como elementos que irão compor, junto às suas observações provenientes da clínica, uma leitura mais ampla acerca do ser humano e de sua intrincada relação com o ambiente e o corpo sociocultural.

Assim sendo, Rank teria construído uma “visão mais integrativa, humanista, unificada, auto-afirmativa e criativa” (Karpf, 1953, p. 70) em oposição à “atomística, mecanicista, antitética, conflitual e determinista leitura psicanalítica acerca do comportamento e personalidade” (p. 70). Para ele, o Eu seria, pois, compreendido como parte de uma unidade psicocultural, que integra o substrato biológico com o ambiente, possuindo uma potência transformadora e criativa, conforme podemos acompanhar no seguinte trecho:

O ego freudiano, impulsionado pelo id libidinal e restringido pela moralidade parental, transforma-se quase em uma entidade nula, uma ferramenta indefesa desprovida de função autônoma. Certamente, não está propenso a ser criativo ou a realizar uma busca consciente de objetivos simples. Na minha perspectiva, o ego é muito mais do que uma mera arena de exibição para o conflito permanente entre duas forças poderosas. Não apenas o ego individual é naturalmente o portador de metas mais elevadas, mesmo quando fundamentadas em identificações externas, mas também representa temporalmente a força primordial cósmica, seja ela denominada como sexualidade, libido ou id (Rank, 1936/1978, p.4).

⁶⁰ Nenhum desses trabalhos encontra-se, atualmente, traduzido para o português. Além dos três últimos títulos citados, os quais foram publicados em inglês, foi feita uma tradução do alemão para o inglês da terceira parte de *Grundzüge einer genetischen Psychologie auf Grund der Psychoanalyse der Ich-Struktur*, a qual recebeu o título de *Truth and Reality* (Rank, 1936/1978), e de dois capítulos de *Technik der Psychoanalyse*, cujo título recebido foi *Will Therapy* (Rank, 1931/1978). Em função da dificuldade de acessarmos diretamente esse material primário, a maioria das ideias discutidas nessa seção se basearam nos trabalhos de comentadores de sua obra, sobretudo de Karpf (1953) e Lieberman (1985), e de escassos artigos sobre o tema.

Vemos que suas ideias acabaram, por vezes, se aproximando mais de uma psicologia do ego do que da psicanálise, conforme compreendida até aquele momento. E, também, longe de querer formalizar uma teoria única para explicar todos os fenômenos psíquicos, clínicos e sociais, Rank pareceu se encaminhar para um relativismo psicológico, apostando que “teríamos *psicologias*, não simplesmente uma *psicologia*, e *teorias* da personalidade, ao invés de uma única *teoria*” (Karpf, 1953, p. 61).

É válido pontuar que a hipótese do trauma do nascimento, por ele defendida tão enfaticamente, em 1924 (Rank, 1924/2016), deixou de figurar como elemento central de suas proposições clínico-teóricas, nos anos que se seguiram. Porém, ele nunca deixou de reconhecer a importância da relação com a figura materna enquanto padrão de relacionamento dominante da vida psíquica, mas o fez de forma cada vez mais alinhada com sua nova forma de compreender os fenômenos subjetivos e sociais. Desta forma,

Rank abandonou sua tentativa original, seguindo o padrão freudiano, de estabelecer sua teoria de forma biológica. Ele se dirigiu cada vez mais, ao invés disso, à interpretação psicológica, simbólica e cultural da relação mãe-bebê, não apenas como relação humana básica, mas também como o padrão de relacionamento dominante em toda a vida humana (Karpf, 1953, p. 78).

Portanto, para ele, aquilo que o bebê vivencia com a figura materna seria responsável pelo desenvolvimento de características, traços e valores humanos que distinguem nossa espécie das outras. A gênese da criatividade, tema recorrente nas reflexões derradeiras do autor, dependeria, entre outros fatores, de uma experiência positiva na gestação, nascimento e amamentação do *infans* (Rank, 1932/1968). Esse é só um exemplo de como a relação materna seria determinante para a constituição subjetiva e social, na visão de Rank.

Naturalmente, esse reposicionamento teórico do vienense também reverberaria em suas proposições terapêuticas. Conforme já mostramos, a defesa, junto à Ferenczi (Ferenczi & Rank, 1924/2022), da técnica ativa - em especial o estabelecimento de um prazo limite para o fim das análises - foi um dos primeiros capítulos da controvérsia que levaria à diferenciação do procedimento terapêutico de Rank do psicanalítico. Pouco tempo depois, como também já discutimos, suas proposições técnicas foram remodeladas, em razão da hipótese do trauma do nascimento.

Mas, se em 1924 sua clínica orientava-se pelos processos regressivos com vistas a um segundo nascimento, a partir do final daquela mesma década, dois outros conceitos

entrariam em cena para balizar suas proposições terapêuticas: a noção de relacionamento (*relationship*) e de vontade⁶¹ (*will*) (Rank, 1931/1978). Seu estilo clínico, a partir de então, viria a ser batizado de *will therapy*.

Em linhas gerais, tal proposta clínica se concentrava na atividade e na vontade do paciente como elementos centrais do processo terapêutico. Assim sendo, a terapia deveria envolver a participação ativa do paciente, que deveria ser encorajado a assumir um papel de protagonismo em seu processo de cura, com o terapeuta atuando como um facilitador desse percurso (Rank, 1931/1978).

Mas o que, exatamente, Rank está chamando de vontade? Lieberman (1985) assume que é difícil definir esse conceito de uma forma clara e unívoca na obra de Rank, muito embora esse seja um princípio organizador de suas ideias. Uma das principais discípulas e comentadoras de sua obra, Jessie Taft, se arrisca a definir o conceito de vontade, segundo Rank, como

A personalidade integrada como força criativa original, aquilo que age, não apenas reage, sobre o ambiente. A "vontade" de Rank não tem nada em comum com o "desejo" freudiano, pois é ativa, não um elemento passivo em uma cadeia determinista A vontade não é meramente uma pulsão ou a combinação de pulsões; é a integração central das forças do indivíduo que excede a soma das partes (Taft citada por Lieberman, p. 357, 1985).

Podemos então dizer que a vontade seria, para o vienense, uma “organização dinâmica da personalidade para se alcançar algum objetivo” (Karpf, 1953, p.51). Em termos terapêuticos, a “vontade de saúde” (p.51) deveria comparecer tanto no paciente como no analista, enquanto um pressuposto básico. Partindo disso, o objetivo de sua terapia seria, então, essencialmente, fortalecer e empregar a vontade de uma forma mais positiva, ou ainda, fortalecer o lado positivo da personalidade “na direção da autoconfiança, autorresponsabilidade e autorrealização por meio da criatividade” (Karpf, 1953, p.96).

⁶¹ De acordo com Karpf (1953), Rank teria extraído o conceito de “*will*” da filosofia de Schopenhauer, o qual já indicamos ter sido uma de suas grandes referências. Como nenhuma das obras em que esse conceito é trabalhado por Rank foi traduzida para o português, até o momento, optamos por seguir a mesma tradução para esse termo adotada na obra de Schopenhauer, *O mundo como vontade e representação [Die Welt als Wille und Vorstellung]* (1818/2007). Remeto o leitor ao capítulo “Will Therapy”, presente na biografia de Rank escrita por Lieberman (1985), na qual o autor demonstra de que maneira o conceito de vontade foi incorporado na obra de Rank.

Além da vontade, outra grande característica da *will therapy* foi colocar a *relação terapêutica* no centro do trabalho psicanalítico. Cabe destacar que essa ênfase no aspecto relacional já aparece desde suas formulações com Ferenczi, em *Metas do Desenvolvimento da Psicanálise* (Ferenczi & Rank, 1924/2022) e, mais diretamente, em suas reflexões em *Trauma do Nascimento* (Rank, 1924/2016). Como já mostramos anteriormente, Rank identificou, no trabalho de 1924, que a separação do corpo materno no ato do nascimento seria a grande marca do aparelho psíquico, e a relação materna a mais fundante das relações intersubjetivas, por isso, a análise deveria lançar mão, sobretudo, das transferências maternas.

Mais à frente em sua obra Rank, levantaria, a partir de sua prática clínica, a ideia de que o desenvolvimento humano ocorreria por meio de sucessivos movimentos dialéticos de união e separação, de forma que o sujeito, ora buscaria relações de dependência – como aquela um dia vivida simbioticamente com a figura materna - ora empreenderia movimentos de separação, em busca de independência (Karpf, 1953). Nesse sentido, a terapia deveria abarcar ambas as dimensões: a união, assim como a separação. Conforme pontua Lieberman (2012), na transferência, esses dois movimentos apareceriam clara e simultaneamente no paciente, o qual deseja “tanto o fim, quanto a continuação da análise” (Rank, 1931/1978, p.15).

A fim de tornar mais controlável a indispensável e transformadora fase final do processo terapêutico - a separação do analista –, Rank lançou mão, desde sua parceria com Ferenczi (Ferenczi & Rank, 1924/2022), de dispositivos para garantir que esse momento fosse respeitado. Eles alertavam, conforme já mostramos anteriormente, que o período fixado para encerrar a análise deveria ser rigorosamente seguido, "pois é apenas nessa última fase que todas as coisas decisivas para o resultado terapêutico e para as quais as fases iniciais foram apenas preparatórias podem ser realizadas" (Novay, 1981, p.996).

Em *Trauma do Nascimento* (1924/2016), esse dispositivo ganharia uma radicalidade ainda maior, já que ele seria o meio para assegurar que o sujeito viva, regressivamente, a separação com a mãe (identificada transferencialmente com o analista), dessa vez de uma forma gradual e controlada - e, portanto, menos traumática. Mas se naquele momento o vienense já tinha clareza, de antemão, de quanto tempo uma análise deveria durar - basicamente o tempo de uma gestação -, aos poucos ele compreendeu que esse fim precisaria ser estabelecido em observância aos sinais dados pelo paciente de seu desenvolvimento emocional e de um melhor emprego de sua vontade (Rank, 1931/1978).

Assim sendo, em suas produções mais derradeiras, seu posicionamento a respeito do fim da análise é de que este deveria ser encaminhado, à medida em que o paciente demonstrasse sua autossuficiência, e sua vontade de separação superasse a necessidade de união. Com isso, o trabalho do analista se tornaria desnecessário, e o sujeito, por sua vez, se veria pronto para dispensar a assistência artificial da situação terapêutica (Karpf, 1953). De todo modo, a abreviação da duração do trabalho terapêutico se tornou um importante marco da técnica rankiana (Tosone, 1997).

Em decorrência da centralidade dada por Rank ao processo relacional, ele passou a se interessar mais por aquilo que se desenrola entre o analisando e o analista no “aqui e agora”, ou seja, na *experiência* presente da situação analítica, “em contraste com a sondagem freudiana do passado infantil” (Karpf, 1953, p. 53). Além disso, ele criticava – consoante os posicionamentos tomados junto à Ferenczi em 1924 (Ferenczi & Rank, 1924/2022) – a intelectualização do processo terapêutico, a qual poderia decorrer de um excesso interpretativo por parte do analista.

No lugar disso, sugeria uma maior atenção à dinâmica emocional da situação analítica e aos novos elementos que pudessem aparecer nesse contexto, visto que a relação terapêutica “não é uma compreensão interpretativa; é uma experiência imediata, uma forma de criação” (Rank, citado por Branco, Vieira, Cirino & Moreira, 2016, p.283). É bom ponderar, conforme mostra Karpf (1953), que

Sua visão contrastante de "relacionamento" em oposição à "interpretação" significa, concretamente, não que a teoria e a interpretação sejam desimportantes, mas que elas não deveriam ser fixas e rígidas diante de novas experiências e de mudanças de contextos. Ou seja, elas não deveriam ser utilizadas como uma “cortina prejudicial” entre paciente e terapeuta, mas sim de maneira flexível, aberta, e, acima de tudo, de forma criativa, uma ênfase que naturalmente decorre de sua visão da criatividade na terapia e no desenvolvimento pessoal (p. 91).

Isso nos leva a um outro aspecto de grande importância nos procedimentos clínicos derradeiros de Rank. O autor viria a enfatizar, cada vez mais, que o processo terapêutico deveria ser “centrado no paciente, não no terapeuta” (Karpf, 1953, p. 54). Isso quer dizer que o terapeuta deveria ser “flexível, adaptável, construtivo, alerta ao novo e inesperado” (Karpf, 1953, p. 54). Por isso, a situação analítica demandaria de ambos - paciente e terapeuta - criatividade. Nesses termos, o vienense acaba, então, por aproximar o processo terapêutico, menos de uma ciência, e mais de uma arte. Ele escreve:

A apresentação de uma técnica psicoterapêutica, tal como eu entendo, não compreende nem a formação de teorias de normatização geral, não importa de onde venham ou de que tipo sejam, nem a enumeração de um conjunto de regras e prescrições práticas, como Freud tentou, pouco a pouco. Pode-se modificar essas regras, transformá-las em seu oposto ou ignorá-las completamente e ainda obter resultados; assim como se pode falhar ao observá-las estritamente. Tudo depende da compreensão e do gerenciamento correto da situação terapêutica, e isso reside na compreensão essencial das reações individuais do paciente (Rank, 1931/1978, p.7).

Dado que, na acepção de Rank, cada pessoa é diferente e cada encontro é diferente, tanto para o terapeuta quanto para o paciente, uma certa dose de espontaneidade seria um requisito em sua abordagem. Portanto, em suas palavras, “para cada caso particular eu não aplico uma terapia ou técnica generalizada. Eu permito que o paciente descubra sua própria psicologia” (Rank, citado por Lieberman, 1985, p.282).

Ora, nesse ponto parece quase inevitável não pensarmos nas semelhanças com as proposições técnicas que Ferenczi vinha apresentando naquele momento, sobretudo no que diz respeito às noções de elasticidade na técnica e do tato do analista. Parece haver uma aproximação entre o direcionamento clínico dos dois autores, ainda que as bases teóricas e metodológicas que sustentam tais propostas guardem suas diferenças. Na próxima seção faremos uma discussão a esse respeito.

Antes, explanaremos, por fim, a concepção do autor acerca da etiologia das neuroses, visto que essa mesma também o ajudou a embasar seus direcionamentos técnicos. Já mostramos que um dos grandes temas de interesses de Rank, ao longo de sua trajetória dentro – e depois fora - da psicanálise, foram as artes. Em *Art and Artist* (Rank, 1932/1968), as neuroses são definidas não em oposição à normalidade, como o faz a psicanálise freudiana tradicional, mas, sim, em oposição ao funcionamento do artista.

Para ele, o neurótico “seria um *artiste manqué*, e não um tipo normal que não se desenvolveu” (Rank, 1932/1968, p.428), ou, ainda, alguém cuja criatividade encontrar-se-ia inibida, “paralisado pelo fato de que a vida é limitada pela não existência em uma extremidade e pela morte na outra” (Lieberman, 2012, p. 321). Em contraste, a pessoa criativa aceitaria voluntariamente a finitude existencial, aproveitando cada um dos instantes da vida, lançando-se nela ativamente.

Para além do tipo neurótico e do tipo artístico, Rank (1932/1968) ainda aponta um terceiro tipo de personalidades: o tipo antissocial (o psicopata ou o criminoso). Os três casos caracterizam-se por um desequilíbrio ou uma unilateralidade no desenvolvimento de certos processos psíquicos que tangenciam a criatividade e a vontade: a inibição delas, no neurótico; a aplicação criativa destas no mundo, no artista; e o impulso ou descontrolo em seu uso, no antissocial (Lieberman, 1985).

Então, uma análise precisaria trabalhar no sentido de expandir as capacidades expressivas e criativas de um sujeito, de modo que ele possa se aproximar de um funcionamento dito “normal”, isto é, no qual haja uma integração mais equilibrada, harmônica e balanceada da vontade e criatividade (Karpf, 1953). Nesse sentido, a técnica rankiana requer que o terapeuta seja capaz de identificar e atender às necessidades criativas do paciente, no sentido de construir uma expansão da própria vontade.

5.3. Tão distantes assim?

Embora Ferenczi e Rank tenham rompido a aliança teórica, política e afetiva que um dia os uniu, é possível dizer que há certos aspectos de suas proposições acerca da técnica que parecem se assemelhar, nessa nova fase de suas trajetórias. Arriscamo-nos a dizer que parecem ter sobrado alguns ecos das ideias por eles defendidas em *Metas do Desenvolvimento da Psicanálise* (Ferenczi & Rank, 1924/2022), em seus modelos terapêuticos finais⁶².

Antes de expormos os pontos em que acreditamos ver algumas semelhanças em suas técnicas, é importante fazermos algumas ressalvas.

Primeiramente, é importante lembrar que Ferenczi teve um olhar voltado para a prática clínica antes mesmo de adentrar ao movimento psicanalítico, primando, ao longo de toda sua trajetória, “pela terapêutica e pela cura de seus pacientes” (Casadore, 2012, p.142). Foi em busca de resultados mais eficazes que ele se entranhou em experimentos técnicos, por vezes errantes, até chegar às suas proposições finais acerca da técnica. Rank, por sua vez, iniciou-se na prática clínica muito mais tardiamente, e teve uma produção

⁶² Naturalmente, há muitos outros aspectos que influenciaram nas teses e aspectos técnicos de nossos protagonistas, que poderiam ser mais bem investigados em pesquisas futuras. Porém esse não é o objetivo da presente dissertação. Aqui, estamos apenas apresentando alguns possíveis aspectos que podem ter permanecido do texto conjunto deles em seus modelos terapêuticos, assim como os possíveis pontos de semelhança entre suas proposições técnicas derradeiras.

intelectual acerca desse aspecto muito mais enxuta que a do húngaro. Portanto, naturalmente, as bagagens acumuladas pelos dois, nesse aspecto, foram muito diferentes, assim como a relevância deles na comunidade científica a respeito desse assunto.

Em segundo lugar, é válido destacar que as bases teórico-conceituais que sustentam suas formulações técnicas derradeiras guardam importantes distinções entre si. Enquanto Ferenczi seguiu se servindo do arsenal psicanalítico para pensar sua clínica, ainda que de uma maneira cada vez mais autoral e com novas lentes de leitura (como a sua teoria da traumatogênese), Rank construiu um novo repertório teórico para si, apartado, em muitos pontos, da doutrina freudiana.

Por último, também precisamos destacar que seus modelos terapêuticos foram desenvolvidos a partir de – e direcionadas para – questões clínicas diferentes. Ferenczi se dedicou a ampliar a técnica psicanalítica para que ela se tornasse capaz de tratar, entre outras coisas, de sujeitos cujas constituições psíquicas fossem atravessadas pelos efeitos traumatizantes da operação de desmentido, ao passo que Rank esquadrinhou o funcionamento psíquico do artista para elaborar uma terapia voltada ao fortalecimento de capacidades egóicas, como a vontade e a criatividade.

Apesar dessas ressalvas, é possível observar algumas similaridades entre a *will therapy* de Rank e o estilo empático de Ferenczi. A primeira delas diz respeito à valorização da experiência analítica, isto é, da potência do encontro afetivo que se dá entre a dupla paciente-analista. Os dois assumem um posicionamento ético contrário a uma excessiva intelectualização, assepsia ou autoritarismo no processo terapêutico, seja pela ideia (de Ferenczi, no caso) de que haveria nisso ou um potencial retraumatizante, ou pela crença (de Rank, mais especificamente) de que a existência humana iria muito além daquilo que uma teoria ou uma regra terapêutica podem prever. Portanto, a ênfase deles recaiu, cada um à sua maneira, na importância da *relação autêntica e sincera* entre analista e analisando.

Ao fazerem essa escolha ética, os dois, então, destacaram a necessidade de uma sensibilidade e elasticidade na prática do analista, para que as diretrizes técnicas não fossem tomadas de uma maneira canônica e engessada, ou, ainda, blindadas da experiência emocional do encontro analítico. No lugar disso, eles sugeriam que o terapeuta pudesse ser capaz de se afetar por esta vivência, acolhendo, até certo ponto, o que cada analisando demanda. Ferenczi lança mão da figura do “joão-teimoso” para metaforizar “a atitude terapêutica flexível” (Vieira, 2018, p. 87) do analista, a qual deveria ser capaz inclusive de “receber a expressão afetiva de hostilidade do analisando” (Vieira,

2018, p. 87). Rank, por sua vez, aproxima a prática analítica à artística, admitindo que certas habilidades, como a criatividade, seriam condições básicas deste ofício (Karpf, 1953).

Ora, mas essas ideias, de certa forma, já não estavam sendo defendidas por eles, ainda que embrionariamente, no texto de coautoria que produziram em 1924 (Ferenczi & Rank, 1924/2022)? Como já pontuamos, o texto partia justamente de uma crítica (inérita, por parte de Rank, e já recorrente, por parte de Ferencz) aos limites da interpretação e da neutralidade do método psicanalítico clássico, e da ineficácia desse modelo para certas subjetividades. Assim sendo, ainda que de uma forma muito mais sofisticada e fundamentada em termos conceituais, esse seguiu sendo um dos alicerces dos posicionamentos técnicos assumidos pela dupla, até o final de suas carreiras. De acordo com Poster (2009):

Enquanto a doutrina freudiana caminhou em direção a um modelo científico dirigido a uma pessoa, Ferenczi, no trabalho que produziu juntamente a Rank (Ferenczi & Rank, 1924) foi pioneiro na proposição de um modelo de tratamento interpessoal, totalmente atento à situação clínica (p. 196).

Além de chamarem a atenção para a dimensão sensível da clínica, isto é, dos aspectos não-verbais que permeiam a relação analítica, os dois também trouxeram para dentro da cena clínica uma dimensão da espontaneidade e autenticidade – tanto para o analista como para o analisando. Em Ferenczi, isso comparece no uso do jogo, da regressão thalássica ou da análise mútua - meios pelo qual ele buscava dar voz à criança interna que habita o adulto (Kupermann, 2019) – e, em Rank, na sua radical defesa da criatividade como condição básica à análise e à existência humana (Karpf, 1953).

Por todos esses pontos que levantamos, alguns autores defendem a ideia de que Rank e Ferenczi teriam sido precursores, cada um à sua maneira, de desenvolvimentos subsequentes do campo da teoria das relações de objeto, e de uma psicanálise de cunho mais interpessoal e relacional (Bo'kay, 1998; Falzeder, 1998; Hoffer, 2008; Poster, 2009). Nas considerações finais desta pesquisa, iremos discutir o legado deixado por nossos protagonistas para as gerações de psicanalistas que vieram em seguida.

Por fim, não podemos deixar de notar as similaridades históricas e institucionais que esses autores sofreram após suas mortes. Como já pontuamos anteriormente, ambos foram injustamente acusados, sobretudo por Jones, de estarem passando por perturbações

psíquicas, quando ousaram ampliar a doutrina freudiana, para além dos limites aceitáveis pelo Comitê Secreto. Na biografia de Freud, o britânico escreveu a respeito dos colegas:

Dois dos membros, Rank e Ferenczi, não foram capazes de permanecer [no Comitê] até o fim. Rank, de maneira dramática . . . e Ferenczi desenvolveram, gradualmente, até o fim de sua vida, manifestações psicóticas que se revelaram, entre outras maneiras, no afastamento de Freud e de sua doutrina. As sementes de uma psicose destrutiva, invisíveis por tanto tempo, finalmente germinaram (Jones, 1957, p.45).

Como já pontuamos anteriormente, o assassinato da personalidade dos discípulos dissidentes, usando como ferramenta a patologização do pensamento discordante e a deslegitimação e distorção de suas ideias, foi uma tendência recorrente nas primeiras décadas da história do movimento psicanalítico (Gay, 1988/2012).

Na busca por salvaguardas os alicerces da psicanálise – que ainda ia se edificando como tal -, foi preciso estabelecer limites muito claros do que era ou não psicanálise. Isso, de certa forma, serviu como uma forma de proteção às críticas advindas da comunidade científica externa, mas também como um modo de controlar as possíveis rebeliões internas ao movimento, mantendo-o coeso e centralizado na figura de Freud (Cromberg, 2008). Portanto, ao menos nas três primeiras décadas do movimento psicanalítico, havia pouca, ou quase nenhuma, abertura, para que o pensamento tido como divergente pudesse ser integrado à doutrina freudiana, ou compreendido como uma complementaridade a ela (Pizzaro-Obaid, 2012).

Assim sendo, “a preservação da credibilidade do todo demandava o sacrifício de algumas das partes” (Bonomi, 1999, p.105). Aqui, como partes, estamos falando dos discípulos dissidentes (como foi no caso de Rank), e daqueles que, como Ferenczi, permaneceram na psicanálise, mas sem seguir seus princípios com uma devoção inquestionável.

Deste modo, além desses dois importantes pioneiros da psicanálise terem sido qualificados como “loucos” após falecerem, e suas proposições mais originais consideradas frutos de sua “loucura” (Falzeder, 1988), seus nomes também foram silenciados e apagados, temporariamente, das instituições psicanalíticas dominantes (Rachman, 1999). É possível dizer, pois, que nossos protagonistas, de modos distintos, foram alvo de uma operação de *desmentido*, a qual escondeu a versão inconveniente dos fatos históricos, “mantendo-a clivada e inacessível” (Kupermann, 2019, p. 16).

Com os esforços de muitos pesquisadores e estudiosos da vida e obra de Ferenczi, esse triste cenário vem sendo revertido, há algumas décadas (Rachman, 1999). Com isso, vem se tornando possível, cada vez mais, percebermos sua importância para a causa psicanalítica, a originalidade de seu pensamento, e os impactos que suas proposições teóricas e, sobretudo técnicas, deixaram para as gerações de psicanalistas que vieram em seguida.

Contudo, no caso de Rank, ainda pouco se fala de suas contribuições à psicanálise, sobretudo no Brasil (Castro, 2016). Podemos atribuir isso, tanto ao fato dele mesmo ter decidido, em certa medida, romper com a psicanálise – ao passo que Ferenczi nunca rompeu -; como também ao fato dele ter tido uma produção conceitual e metodológica, dentro do campo psicanalítico, bem mais enxuta e restrita (mas ainda assim relevante), que a do colega húngaro. Todavia, pouco a pouco, suas obras vêm sendo traduzidas para o português, o que parece indicar uma abertura ao pensamento desse pioneiro da psicanálise.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dessa pesquisa, foi apresentada a história da parceria entre Sándor Ferenczi, um médico com uma vasta experiência clínica, e Otto Rank, um prodigioso analista leigo que se dedicava à aplicação da psicanálise às ciências humanas. Para isso, expusemos os antecedentes dessa parceria; os elementos que propiciaram o encontro entre esses homens, a princípio, tão distintos; os frutos que a colaboração entre eles rendeu; as polêmicas que levaram à ruptura desta amizade; e os desdobramentos que suas vidas e obras tiveram ao fim dessa aliança.

Como pudemos mostrar, o vínculo entre eles, que culminaria na produção do paradigmático *Metas do Desenvolvimento da Psicanálise* (Ferenczi & Rank, 1924/2022), se deu, inicialmente, por uma proximidade no nível ideológico e político: os dois se viram alinhados em uma série de disputas em relação à política e institucionalização do movimento psicanalítico, posicionando-se contrariamente ao enrijecimento e dogmatismo na construção da doutrina psicanalítica.

A produção teórica entre eles, por sua vez, se deu apenas tardiamente, contando com a interferência e estímulo de Freud para que se efetivasse, conforme mostramos no capítulo 3. O livro de coautoria trazia uma importante crítica à assepsia e enrijecimento com o qual alguns analistas vinham praticando a psicanálise, e aos excessos interpretativos e intelectuais na cena analítica. No lugar disso, eles propunham, então, uma ênfase na vivência afetiva, nas repetições dos padrões relacionais infantis que ocorrem sob transferência, e nos afetos suscitados no encontro analista-analisando como operadores de transformações terapêuticas efetivas.

É válido pontuar, por uma última vez, que Ferenczi já vinha se dedicando a essas questões, desde o final dos anos 1910, quando começou suas experimentações com a técnica ativa, percebendo as limitações – reconhecidas, em partes, pelo próprio Freud (1919[1918]/2010) – do procedimento analítico clássico. No caso de Rank, por outro lado, esse foi seu primeiro escrito a respeito da práxis analítica, visto que ele só teria começado a atuar como analista, no pós-Guerra. As bagagens técnicas acumuladas por eles, até aquele momento, eram, portanto, muito distintas.

O livro gerou grande controvérsia na época, sobretudo por uma ala tida como mais conservadora dentro do Comitê Secreto, justamente por eles questionarem, de certa maneira, o *establishment* psicanalítico vigente. Concomitantemente, Rank publica

Trauma do Nascimento (1924/2016), o qual tornou a crise ainda mais aguda, resultando em sua posterior quebra com Ferenczi e em sua dissidência do movimento psicanalítico. Ferenczi, por sua vez, nunca rompeu efetivamente com a psicanálise, muito embora seus anos finais tenham sido marcados por um crescente desgaste na relação com Freud e por um isolamento, o qual parece ter sido necessário para ele poder criar livremente suas teses mais derradeiras, possivelmente as mais originais de toda sua obra.

A respeito do polêmico ano de 1924, que marcou o fim da relação entre nossos protagonistas, Hoffer (2008) comenta:

Os efeitos de longo prazo da crise incluem o afastamento de Ferenczi das ideias de Rank e sua subsequente oposição a elas, bem como o distanciamento de Rank de Freud e da comunidade psicanalítica em geral. No caso de Ferenczi, a crise também provocou modificações importantes em sua "técnica ativa", resultando em relações cada vez mais tensas com Freud, embora não tenha levado a uma ruptura efetiva com ele ou com a psicanálise. Para Freud, isso provocou um reexame da teoria da libido e uma revisão simultânea de seu conceito de angústia em *Inibição, Sintoma e Angústia* (Freud, 1926) (p.133).

Portanto, podemos perceber que a colaboração entre os autores não foi um mero episódio de suas trajetórias pessoais: houve impactos em suas carreiras no movimento psicanalítico, assim como na doutrina psicanalítica, de uma forma mais ampla. Nas palavras de Hoffer (2008), “a colaboração entre Ferenczi e Rank desencadeou uma crise que teve consequências políticas e intelectuais revolucionárias para a psicanálise” (p.133). Outros pesquisadores (Bo’Kay, 1998; Hoffer, 2008; Poster, 2009; Rachman, 1999; Rudnytsky, 2002) também reconhecem que a parceria de nossos protagonistas, somado à quase simultânea publicação de *Thalassa* (Ferenczi, 1924b/2011) e *Trauma do Nascimento* (Rank, 1924/2016), teriam tornado, pois, o ano de 1924, um "ponto de virada na história da psicanálise" (Rudnytsky, 2002, p.141)⁶³.

Mostramos, ainda, nesse trabalho, que nossos protagonistas foram pioneiros em tematizar a importância da relação primária vivenciada entre a figura materna e o bebê, o papel singular do ambiente na constituição subjetiva e a introduzir outras leituras acerca do trauma e de seus desdobramentos no desenvolvimento sexual infantil. Como

⁶³ Poster (2009) e Rudnytsky (2002) incluem ainda nessa conjunção os trabalhos de Georg Groddeck, *O livro do Isso* (1923/2008), bem como o ensaio do próprio Freud (1923/2011), *O Eu e O Isso*.

indicamos, essas ideias foram consideradas, naquela época, controversas para uma psicanálise ainda muito patriarcal e falocêntrica. Porém, elas foram fundamentais para a ampliação desse debate, dentro do campo psicanalítico (Hoffer, 2008).

Além disso, guardadas as diferenças e particularidades entre seus procedimentos terapêuticos mais derradeiros, os dois seguiram construindo, até o final de suas obras, um modelo clínico baseado na sensibilidade, afetividade e na flexibilidade do analista. Assim sendo, eles podem ser lembrados por terem movido “eloquentemente a prática clínica em direção a uma perspectiva experiencial e fenomenológica” (Rachman, 1999, p.112), trazendo à psicanálise um ponto de vista intersubjetivo e relacional.

Em síntese, é possível dizer que Rank e Ferenczi introduziram ideias e críticas que influenciaram gerações de analistas subsequentes, e que continuaram sendo desdobradas e debatidas dentro do campo psicanalítico, até os dias de hoje, tais como: a questão da intersubjetividade, empatia, neutralidade, as relações de objeto, o papel do trauma, o papel da regressão em análise, as resistências do analista, a defesa da análise leiga, os riscos inerentes à análise didática, as continuidades e descontinuidades entre a vida uterina e o desenvolvimento infantil (Goldfajn, 2022).

Dentre os autores que teriam se influenciado direta ou indiretamente, e em algum grau, pelas ideias de Rank e/ou Ferenczi, podemos destacar nomes como “Michael Balint, Ronald Fairbairn, Erich Fromm, Karen Hornay, Heinz Kohut, Harold Searles, Harry Stack Sullivan, William A. White, Donald W. Winnicott, e, em certa medida, Melanie Klein” (Falzeder, 1988, p.132). A esses nomes, Goldfajn (2022) também acrescenta os de Wilfred Bion e Jacques Lacan. Para Falzeder (1988),

Seja a importância da relação precoce cuidador/criança, do desenvolvimento pré-verbal, seja a divisão em uma mãe “boa” e uma mãe “má”, seja a teoria e tratamento do abuso sexual infantil, seja o uso de estados regressivos, e a repetição do trauma na interação analítica, seja o papel central atribuído à contratransferência e o uso dos sentimentos do analista como uma ferramenta, seja o interesse na interação não verbal, o destaque no “aqui e agora” na situação analítica, seja o modelo de terapia “relacional” em oposição ao modelo de “interpretativo”, ou seja os conceitos de divisão, de duplo vínculo - *todos esses, e mais, já podem ser encontrados nas obras de Ferenczi e Rank* (p. 132, itálicos nossos).

Ainda assim, por muitos anos, as linhagens psicanalíticas que remontam até Rank e Ferenczi – as quais dão notícias de como essas influências teriam sido transmitidas – foram recalçadas, de modo que os autores ficaram, temporariamente, sem receber os devidos créditos por suas ideias (Falzeder, 1998). Esse apagamento, ou ainda, a “morte pelo silêncio” (*Todschweign*) sofrida pelos autores após falecerem, bem como as acusações acerca de suas sanidades, sobretudo por Ernest Jones (1957), certamente contribuíram para essa lacuna na transmissão de seus conhecimentos.

Porém, como já pontuamos anteriormente, o cenário vem sendo revertido, desde o final dos anos 1980, ao menos para Ferenczi (Rachman, 1999). Hoje, como podemos observar, Ferenczi vem se tornando, merecidamente, um nome cada vez mais reverenciado dentro das instituições psicanalíticas. No caso de Rank, mesmo sabendo que suas ideias não tiveram o mesmo peso que as de Ferenczi, ele ainda parece vivenciar uma espécie de marginalização dentro dos núcleos de ensino psicanalítico, a qual aparenta ser desproporcional à importância que teve para a psicanálise (Padovan, 2023).

Nesse sentido, a presente pesquisa também representa um esforço no sentido de reabilitar a dignidade intelectual desses tão importantes e criativos pioneiros da psicanálise; discutir suas proposições técnico-conceituais para além das polêmicas em que estiveram envolvidos, e para além das distorções e simplificações que foram sofrendo ao longo do tempo; e validar os impactos que seus pensamentos tiveram para a psicanálise.

Acreditamos que, uma vez que cumprimos os objetivos iniciais desse trabalho, novos caminhos de investigação se abrem para pesquisas subsequentes, tais como os possíveis pontos de aproximação teórico-conceituais (e não só históricos) entre Rank e Ferenczi *antes* do texto que produziram conjuntamente, um exame mais preciso do peso e das influências que cada um deles deixou para os psicanalistas que citamos acima, assim como os desdobramentos que seus pensamentos tiveram a partir de então.

Por fim, esperamos que o contato com as ideias e trajetórias desses dois autores - que buscaram ampliar a psicanálise no sentido de tornar a doutrina mais democrática e sensível, e menos dogmática e rígida - possa servir de inspiração, assim como de direcionamento ético, para nosso trabalho enquanto psicanalistas nos dias atuais, e para os desafios que se apresentam em nossa prática clínica cotidiana.

7. REFERÊNCIAS

- Abraham, H. & Freud, S. (1965) *A psycho-analytic dialogue: The Letters os Sigmund Freud and Karl Abraham*. Nova Iorque: Basic Books.
- Anzaldúa, G. (2000) Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. (E. Marco, trad.) In: *Revista Estudos Feministas*, 8(1), p. 229-236, 2000. (Trabalho original publicado em 1981).
- Azevedo, A. L. R. (2018). *O rompimento entre Freud e Rank: aspectos históricos e teóricos*. Iniciação Científica, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Balint, M. (2014) *A falha básica: aspectos terapêuticos da regressão*. 2.ed. São Paulo: Zagodoni.
- Bialer, M. (2022). *O Paciente de Quarta-feira: as contribuições de Wilhelm Stekel à Psicanálise*. São Paulo: Editora Dialética.
- Brabant, E; Falzeder, E & Giampieri-Deutsch, P.(1993) *The correspondence of Sigmund Freud and Sándor Ferenczi* (Vol I, 1908-1914). Cambridge, MA/Londres: Belknap Press
- Brabant, E; Falzeder, E & Giampieri-Deutsch, P. (1996). *The correspondence of Sigmund Freud and Sándor Ferenczi* (Vol II, 1914-1919). Cambridge, MA/Londres: Belknap Press.
- Brabant, E; Falzeder, E & Giampieri-Deutsch, P.(2000) *The correspondence of Sigmund Freud and Sándor Ferenczi* (Vol III, 1920-1923). Cambridge, MA/Londres: Belknap Press.
- Branco, P. C. C., Vieira, E. M., Cirino, S. D & Moreira, J. O. (2016). Influências da psicanálise neofreudiana na psicoterapia de Carl Rogers. *Contextos Clínicos*, 9(2), 279-289.
- Bo'kay, A. (1998). Turn of fortune in psychoanalysis: the 1924 debates and the origins of hermeneutic psychoanalysis. In: *International Forum of Psychoanalysis*, 7(4), 189-200.
- Bonomi, C. (1998). Jones's Allegation of Ferenczi's Mental Deterioration: A Reassessment. In *International Forum of Psychoanalysis*, 7(4), 201-207.
- Bulamah, L. C. (2014). *História de uma regra não escrita: a proscrição da homossexualidade masculina no movimento psicanalítico*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo: SP
- Campos, E. B. V e Coelho Jr., N. E (2010) Incidências da Hermenêutica para a Metodologia da Pesquisa Teórica em Psicanálise. *Estudos de Psicologia*, 27, p. 247-257.
- Câmara, Leonardo Cardoso Portela, & Herzog, Regina. (2018). Um prefácio imaginário para Thalassa. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 18(1), 244-260.

- Caropreso, F. (2019). O conhecimento e o sentido de realidade no pensamento de Sándor Ferenczi. *Psicologia em Estudo*, 24, 1-14.
- Casadore, M. M. (2012). *Sandor Ferenczi e a Psicanálise: Pela errância das experimentações*. São Paulo, SP: Cultura Acadêmica
- Castro, E (2016) Introdução: um trauma e seus desdobramentos In: Rank, O. *O trauma do nascimento e seu significado para a psicanálise*. (Trad. E. G. Castro) Bauru, SP: Cienbook.
- Cromberg, R. (2008). *O amor que ousa dizer seu nome: Sabina Spielrein – pioneira da psicanálise*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo: SP.
- Darriba, V. & Padovan, C. (2016) A noção de psicanálise aplicada nos primeiros anos do movimento psicanalítico. In *Revista Psicologia USP*, 27(1), 104-114.
- Dallazen, L. (2017). *A perlaboração da transferência e o processo de alucinação do psicanalista como recurso das construções em análise*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo: SP.
- Dal Molin, E. C. (2013). *O terceiro tempo do trauma: Freud, Ferenczi e os desvios de um conceito*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Dean-Gomes, G. (2019). *Budapeste, Viena e Wiesbaden: o percurso do pensamento clínico-teórico de Sándor Ferenczi*. São Paulo: Blucher
- Dean-Gomes, G. (2022). Posfácio à edição brasileira. In Rank, O. & Ferenczi, S. (2022) *Metas do Desenvolvimento da Psicanálise: sobre a interação da teoria e da prática*. São Paulo: Quina Editora.
- Deutsch, F. (1947). Hanns Sachs, 1881-1947. *American Imago*, 4(2), 3–14.
- Falzeder, E. (1998) Family tree matters. In *Journal of Analytical Psychology*, v. 43,127-154.
- Falzeder, E. (2009). Sándor Ferenczi between orthodoxy and heterodoxy. In *American Imago*. 66, 395–404.
- Ferenczi, S. (1994). *Les écrits de Budapest*. Paris: E.P.E.L. (Trabalho original publicados entre 1899 e 1907).
- Ferenczi, S. (2011). Psicanálise e Pedagogia. In S. Ferenczi *Obras Completas* (2. Ed, Vol I, pp. 39-44). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1908).
- Ferenczi, S. (2011). Transferência e introjeção. In S. Ferenczi *Obras Completas* (2. Ed, Vol I, pp. 87-124). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1909).

- Ferenczi, S. (2011). O Desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios. In S. Ferenczi *Obras Completas* (2. Ed, Vol II, pp. 45-62). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1913).
- Ferenczi, S. (2011). A técnica psicanalítica. In S. Ferenczi: *Obras Completas* (2. ed, Vol II, pp. 407-420). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1919a).
- Ferenczi, S. (2011). Dificuldades técnicas de uma análise de histeria. In S. Ferenczi: *Obras Completas* (2. ed, Vol III, pp. 1-8). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1919b).
- Ferenczi, S. (2011). Prolongamentos da técnica ativa em psicanálise. In S. Ferenczi: *Obras Completas* (2. ed, Vol III, pp. 117-136). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1921).
- Ferenczi, S. (2011). As fantasias provocadas – atividade na técnica de associação. In S. Ferenczi: *Obras Completas* (2. ed, Vol III, pp. 261-270). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1924a).
- Ferenczi, S. (2011). Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade. In S. Ferenczi: *Obras Completas* (2. ed, Vol III, pp. 277-358). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1924b).
- Ferenczi, S. (2011). Contraindicações da técnica ativa. In S. Ferenczi *Obras Completas* (2. Ed, Vol III, pp. 401-412). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1926).
- Ferenczi, S. (2011). Crítica do livro de Rank – Técnica da psicanálise. In S. Ferenczi *Obras Completas* (2. Ed, Vol III, pp. 445-454). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1927).
- Ferenczi, S. (2011). Adaptação da família à criança. In S. Ferenczi *Obras Completas* (2. Ed, Vol IV, pp. 1-16). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1928a).
- Ferenczi, S. (2011). O problema do fim da análise. In S. Ferenczi, *Obras Completas* (2. Ed, Vol IV, pp. 17-27). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1928b).
- Ferenczi, S. (2011). Elasticidade da técnica psicanalítica. In S. Ferenczi *Obras Completas* (2. Ed, Vol IV, pp. 29-42). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1928c).
- Ferenczi, S. (2011). Princípio de relaxamento e neocatarse. In S. Ferenczi *Obras Completas* (2. Ed, Vol IV, pp. 61-79). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1930).
- Ferenczi, S. (2011). Análises de crianças com adultos. In S. Ferenczi *Obras Completas* (2. Ed, Vol IV, pp. 79-96). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1931).

- Ferenczi, S. (2011). Confusão de línguas entre os adultos e a criança. In S. Ferenczi *Obras Completas* (2. Ed, Vol IV, pp. 111-135). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1933).
- Ferenczi, S. (1990) *Diário Clínico*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1932).
- Ferenczi, S. & Rank, O. (2022) *Metas do Desenvolvimento da Psicanálise: sobre a interação da teoria e da prática*. (A. Carone, trad.). São Paulo: Quina Editora. (Trabalho original publicado em 1924).
- Figueiredo, L. C. (1999) *Palavras Cruzadas entre Freud e Ferenczi*. São Paulo: Escuta.
- Freud, S. (1990). Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa. In S. Freud: *Primeiras publicações psicanalíticas* (Edição standard brasileira obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol III). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1896).
- Freud, S. (1996). Sándor Ferenczi (em seu 50o aniversário). In S. Freud: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (2016) Estudos sobre a histeria, In S. Freud *Obras completas, volume 2, Estudos sobre a histeria (1893-1895)* (P. C. de Souza, trad, p.14-428) São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado entre 1893-1895).
- Freud, S. (2019) A interpretação dos sonhos, In S. Freud *Obras completas, volume 4, A Interpretação dos Sonhos (1900)* (P. C. de Souza, trad.) São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1900).
- Freud, S. (2016) Análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”). In S. Freud *Obras completas, volume 6, Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905)* (P. C. de Souza, trad., p.173-320) São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905 e escrito em 1901).
- Freud, S. (2015) Delírios de sonhos na Gradiva de Jansen, In S. Freud *Obras completas, volume 8, Delírios de sonhos na Gradiva de Jansen, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909)* (P. C. de Souza, trad., pp. 13-122) São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1907).
- Freud, S. (2013). As perspectivas futuras da terapia psicanalítica. In S. Freud *Obras completas, volume 9, Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“o homem dos ratos”], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910)* (P. C. de Souza, trad., pp. 287-301) São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1910).
- Freud, S. (2010) Artigos sobre técnica, In S. Freud *Obras completas, volume 10, Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”), Artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)* (P. C. de Souza, trad., pp.245-327) São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalhos originais publicados entre 1911 e 1915).

- Freud, S. (2010) Recomendações aos médicos que praticam a psicanálise, In S. Freud *Obras completas, volume 10, Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schereber”)*, *Artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)* (P. C. de Souza, trad., pp.147-162) São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1912).
- Freud, S. (2012) Totem e Tabu. In S. Freud *Obras completas, volume 11, Totem e Tabu, Contribuições à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)* (P. C. de Souza, trad, pp.13-244) São Paulo, SP: Companhia das Letras (Trabalho original publicado em 1913).
- Freud, S. (2012) Contribuições à história do movimento psicanalítico, In S. Freud *Obras completas, volume 11, Totem e Tabu, Contribuições à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)* (P. C. de Souza, trad, pp.122-228) São Paulo, SP: Companhia das Letras (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (2010) Recordar, Repetir e Elaborar, In S. Freud *Obras completas, volume 10, Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schereber”)*, *Artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)* (P. C. de Souza, trad., pp.193-209) São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (2017). Lembrar, repetir, perlaborar. In S. Freud, *Fundamentos da clínica psicanalítica* (C. Dornbusch, trad., Obras incompletas de Sigmund Freud, vol. 6). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (2010). História de uma neurose infantil (“O Homem dos Lobos”). In S. Freud, *Obras Completas, volume 14, História de uma neurose infantil (“O Homem dos Lobos”)*, *Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)* (P. C. Souza, trad, Vol 14, pp. 13-160). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1918, texto escrito em 1914).
- Freud, S. (2010) Observações sobre o amor de transferência, In S. Freud *Obras completas, volume 10, Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schereber”)*, *Artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)* (P. C. de Souza, trad., pp.210-228) São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915a).
- Freud, S. (2010). Os instintos e seus destinos. In S. Freud *Obras completas, volume 12, Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)* (P. C. de Souza, trad, pp.51-81) São Paulo, SP: Companhia das Letras (Trabalho original publicado em 1915b).
- Freud, S. (2010). Ensaio de metapsicologia. In S. Freud *Obras completas, volume 12, Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)* (P. C. de Souza, trad, pp.51-194) São Paulo, SP: Companhia das Letras (Trabalhos originais publicados entre 1915 e 1917).
- Freud, S. (2014) Conferência XXV: A Angústia, In S. Freud *Obras completas, volume 13, Conferências Introdutórias à Psicanálise (1916-1917)* (S. Tellaroli, trad, P. C. de Souza, revisão de trad, pp.519-544) São Paulo, SP: Companhia das Letras (Trabalho original publicado em 1917).

- Freud, S. (2010). Caminhos da terapia psicanalítica. In S. Freud, *Obras Completas, volume 14, História de uma neurose infantil (“O Homem dos Lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)* (P. C. Souza, trad, Vol 14, pp. 279-291). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919, texto escrito em 1918).
- Freud, S. (2010). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Obras Completas, volume 14, História de uma neurose infantil (“O Homem dos Lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)* (P. C. Souza, trad, Vol 14, pp. 161-239). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (2011) O Eu e o Id, In S. Freud *Obras completas, volume 16: O Eu e o Id, “Autobiografia” e Outros textos (1923-1925)* (P. C. de Souza, trad, p. 13-74) São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (2011) “Autobiografia”. In S. Freud *Obras completas, volume 16, O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos (1923-1925)* (P. C. de Souza, trad, pp.75-167) São Paulo, SP: Companhia das Letras (Trabalho original publicado em 1925).
- Freud, S. (2014) Inibição, Sintoma e Angústia. In S. Freud *Obras completas, volume 17: Inibição, Sintoma e Angústia, O Futuro de uma Ilusão e Outros textos (1926-1929)* (P. C. de Souza , trad, pp.13-123) São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1926a).
- Freud, S. (2014) A questão da análise leiga: diálogo com um interlocutor imparcial. In S. Freud *Obras completas, volume 17: Inibição, Sintoma e Angústia, O Futuro de uma Ilusão e Outros textos (1926-1929)* (P. C. de Souza , trad, pp.124-230) São Paulo, SP: Companhia das Letras (Trabalho original publicado em 1926b).
- Freud, S. (2010) Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise: A angústia e instintos. In S. Freud *Obras completas, volume 18: O Mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)* (P. C. de Souza, trad, pp.224-262) São Paulo, SP: Companhia das Letras (Trabalho original publicado em 1933a).
- Freud, S. (2010) Sándor Ferenczi. In S. Freud *Obras completas, volume 18: O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias a psicanálise e Outros textos (1930-1936)* (P. C. de Souza , trad, pp.465-468) São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933b).
- Freud, S. (2018) Análise terminável e interminável. In S. Freud *Obras completas, volume 19: Moisés e o Monoteísmo, Compêndio de Psicanálise e Outros textos (1930-1936)* (P. C. de Souza , trad, pp.274-326) São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1937).
- Fromm, E. (1958). Freud, friends, and feuds. Scientism or fanaticism? [Psychoanalysis: science or party line?]. In *The Saturday Review*, pp. 11-13, 55-56.
- Gay, P. (2012) *Freud: uma vida para nosso tempo*. São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1988).
- Gondar, J. (2012) Ferenczi como pensador político. *Cadernos de psicanálise*, Rio de Janeiro, 34(27), 193-210.

- Goldfajn, D. S. (2022). Texto de orelha. In Rank, O. & Ferenczi, S. (2022) *Metas do Desenvolvimento da Psicanálise – sobre a interação da teoria e da prática*. São Paulo: Quina Editora.
- Grajew, M. (2018). *Amor e ódio no caso clínico do Homem dos Lobos*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo: SP.
- Groddeck, G. (2008). *O livro dlssso* (José Teixeira Coelho Netto, trad.). São Paulo: Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1923).
- Grosskurth, P. (1992). *O círculo secreto: o círculo íntimo de Freud e a política da psicanálise* (P. Rosas, trad.). Rio de Janeiro: Imago
- Haynal, A. & Falzader, E. (2003). Ferenczi and Jung: some parallel lines? In: *Journal of Analytical Psychology*, 48(1), 467-478
- Hanns, L. A. (1996). *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Hoffer, P. T. (2008). Ferenczi's collaboration with Rank: on paradigm shift and the origins of complementarity in psychoanalysis. In: *The American Journal of Psychoanalysis*, 68, 128-138.
- Iaconelli, V. (2020). *Mal-estar na maternidade: do infanticídio à função materna*. São Paulo: Zagodoni.
- Ibsen, H. (2012). *Uma casa de bonecas*. Editora Zero Papel. (Trabalho original publicado em 1879).
- Iribarry, I. N. P (2003) O que é pesquisa psicanalítica? In *Ágora*, (6)1, 115-138.
- Jones, E. (1957). *The life and work of Sigmund Freud* (Vols I-III). New York: Basic Books.
- Karpf, F. (1953) *The Psychology and psychotherapy of Otto Rank*. NY: Philosophical Library.
- Kobori, E. T. (2013). Algumas considerações sobre o termo Psicanálise Aplicada e o Método Psicanalítico na análise da Cultura. *Revista de Psicologia da UNESP*, 12(2), 73-81
- Kramer, R (2012) Rank on emotional intelligence, unlearning and self-leadership In *The American Journal of Psychoanalysis*, 72, 326-351
- Kupermann, D. (2010). A via sensível de elaboração. *Caminhos da clínica psicanalítica. Cadernos de Psicanálise (CPRJ)*, 23, 31-45.
- Kupermann, D. (2017). *Estilos do cuidado: a psicanálise e o traumático*. São Paulo, Zagodoni.
- Kupermann, D. (2019). *Por que Ferenczi?* São Paulo: Zagodoni.
- Lagache, D. (1980) *La teoria de la transferencia*, Buenos Aires: Nueva Vision.

- Laplanche, J. (1988). Interpretar com Freud. In J. Laplanche. *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios* (pp.21-32). Porto Alegre: Artes Médicas
- Laplanche, J. & Pontalis, J-B. (2001). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Leitner, M. (1999). Pathologizing as a way of dealing with conflicts and dissident in the psychoanalytic movement. In *Free Associations*, 7(3), 459-483
- Lieberman, E. (1985) *Acts of Will – The life and work of Otto Rank*. New York: The Free Press.
- Lieberman, E. (2012). Rankian will. In *American Journal of Psychoanalysis*, 72(4), 320-325.
- Lieberman, E. & Kramer, R. (2012). *The letters of Sigmund Freud & Otto Rank: inside psychoanalysis*. Baltimore: The Johns Hopkins University.
- Loffredo, A. M. (1994). *A cara e o rosto: ensaio sobre Gestalt Terapia*. São Paulo: Editora Escuta
- Loffredo, A. M. (2012a). Transmissão da psicanálise e universidade. In: *Jornal de Psicanálise*, 45(82), 211-222.
- Loffredo, A. M. (2012b). Anotações sobre a leitura freudiana da angústia. In *Tempo Psicanalítico*, 44(1), 105-130.
- Loffredo, A. M. (2014). *Figuras da sublimação na metapsicologia freudiana*. São Paulo: Editora Escuta.
- Lugrin, Y. (2012). The Rank-Ferenczy relationship as seen from France. In *The American Journal of Psychoanalysis*, 72, 352-381
- Lorin, C. (1983). *Le jeune Ferenczi*. Paris: Éditions Aubier Montaigne.
- McGuire, W. (1976). *Freud/Jung. Correspondência completa*. Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1974)
- Medeiros, E. C. (2015) *Sándor Ferenczi: entre os limites da clínica e as experimentações técnicas*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro: RJ.
- Melo, M. & Ribeiro, P. (2006) Os modelos do trauma em Freud. In *Revista Percurso*, 37-51.
- Mezan, R. (1988). Problemas de uma história da psicanálise. In: Birman, J. (org.). *Percursos na história da psicanálise* (pp. 15-41). Rio de Janeiro: Taurus
- Mezan, R. (2002). *Interfaces da psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Mezan, R. (2014) *O tronco e os ramos: estudos de história da psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras.

- Novay, R. (1981) Otto Rank: beginnings, endings, and current experience. *In Journal of American Psychoanalysis Association*, 31, 985-1002.
- Nunberg, H., & Federn, E. (1962). *Minutes of the Vienna Psychoanalytic Society* (V. 1). New York: International Universities.
- Nunberg, H., & Federn, E. (1967). *Minutes of the Vienna Psychoanalytic Society* (V. 2). New York: International Universities Press.
- Nunberg, H., & Federn, E. (1974). *Minutes of the Vienna Psychoanalytic Society* (V. 3). New York: International Universities Press.
- Nunberg, H., & Federn, E. (1975). *Minutes of the Vienna Psychoanalytic Society* (V. 4). New York: International Universities Press
- Padovan, C. (2020). Introdução à análise empírico-conceitual como método de investigação em história da psicanálise. *Revista Lacuna*, v. 9.
- Padovan, C. (2023). A outra interpretação dos sonhos. In Rank, O. (2023) *Poesia e mito: os textos que Freud banuiu de A interpretação dos sonhos*. São Paulo: Blucher.
- Pereira, P. F. (2019). Suportar o ódio, suportar o próprio ódio: a transferência negativa e os limites na clínica de Ferenczi. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 53(1), 63-77.
- Pizarro Obaid, F. (2012a). Sigmund Freud and Otto Rank: debates and confrontations about anxiety and birth. *In The International Journal of Psychoanalysis*, 93, 693-715.
- Pizarro Obaid, F. (2012b) Otto Rank y la controversía sobre el trauma del nacimiento In. *Tempo Psicanalítico*, 44(2), 423-443.
- Prado de Oliveira, L. E. (2011) *Sándor Ferenczi, la psychanalyse autrement*. Paris: Armand Colin.
- Pizzinga, V. H. & Arán, M. (2009). Afeto, Intensidade e confiança na experiência analítica: algumas considerações sobre a heterodoxia clínica de S. Ferenczi. In. *Ágora*. Rio de Janeiro, 12(2), 319-332.
- Poster, M. F. (2009). Ferenczi and Groddeck: simpatico. *Roots of a paradigm shift in psychoanalysis*. In. *The American Journal of Psychoanalysis*, 69, 195-206.
- Rachman, A. (2004) *Sándor Ferenczi – El terapeuta de la pasión y la ternura*. Santiago: Indepsi, (Trabalho original publicado em 1995).
- Rachman, A. (1999). Ferenczi's rise and fall from "analytic grace": the Ferenczi Renaissance revisited. In: *Group*, 23, 103-119.
- Rank, O. (1907) *Der Künstler*. Leipzig and Vienna: Franz Deuticke.
- Rank, O. (2015) *O mito do nascimento do herói*. (Trad. C. L. Medeiros). Bauru, SP: Cienbook. (Trabalho original publicado em 1909).

- Rank, O. (2023) Poesia e mito: os textos que Freud banuiu de *A interpretação dos sonhos* (Trad. Natan Schäfer). São Paulo: Blucher. (Trabalho original publicado em 1914).
- Rank, O. (2013). *O duplo: um estudo psicanalítico*. Porto Alegre, RS: Dublinense. (Trabalho original publicado em 1914).
- Rank, O. (2016) *O trauma do nascimento e seu significado para a psicanálise*. (Trad. E. G. Castro) Bauru, SP: Cienbook. (Trabalho original publicado em 1924).
- Rank, O. (1926–1931) *Technik der Psychoanalyse*. 3 vols. Leipzig and Vienna: Franz Deuticke.
- Rank, O. (1927–1929) *Grundzüge einer genetischen Psychologie auf Grund der Psychoanalyse der Ich-Struktur*. 3 vols. Leipzig and Vienna: Franz Deuticke.
- Rank, O. (1968) *Art and artist*, Nova Iorque: Agathon Press (Trabalho original publicado em 1932).
- Rank, O. (1932) *Modern education*, Nova York: Knopf.
- Rank, O. (1978) *Truth and reality*. Nova Iorque: W W Norton & Co Inc. (Trabalho original publicado em 1936).
- Rank, O. (1978) *Will therapy*. Nova Iorque: W W Norton & Co Inc. (Trabalho original publicado em 1931).
- Rank, O. (1958) *Beyond Psychology*. New York: Dover (Trabalho original publicado em 1941).
- Rank, O. & Sachs, H. (1912). Prospekt. *Imago. Zeitschrift für Anwendung der Psychoanalyse auf die Geisteswissenschaften*.
- Roazen, P. (1971). *Freud e seus discípulos*. (Trad. Heloysa de Lima Dantas). São Paulo: Editora Cultrix.
- Roudinesco, E & Plon, M. (1997). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Rudnitsky, P. (2002). *Reading psychoanalysis: Freud, Rank, Ferenczi, Groddeck*, Ithaca, NY: Cornell University Press.
- Sabourin, P. (1988) *Ferenczi paladino e grão-vizir secreto*. São Paulo: Martins Fontes, (Trabalho original publicado em 1985).
- Schröter, M (2004). The early history of lay analysis, especially in Vienna, Berlin and London: aspects of an unfolding controversy (1906-24). In *The International Journal of Psychoanalysis*, 85, 159-178.
- Schröter, M. (2009). *Correspondance, 1906-1939. Sigmund Freud, Max Eitingon*. Trad. O. Mannoni. Paris: Hachette littératures.
- Schopenhauer (2007). *O mundo como vontade e representação*. Rio de Janeiro: Contraponto. (Trabalho original publicado em 1818).

- Schorske, C. E. (1990). *Viena fin-de-siècle*. São Paulo: Companhia da Letras.
- Strachey, J. (1996) Nota do Editor Inglês. In S. Freud: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud – Um estudo autobiográfico, Inibição, Sintoma e Angústia, Análise Leiga e outros trabalhos (1925-1926)* Rio de Janeiro, RJ: Imago (Trabalho originalmente publicado em 1969).
- Taft, J. (1985). *Otto Rank: a biographical study based on notebooks, letters, collected wrtiting, therapeutic achievements and personal associations*. New York: The Julian Press.
- Tosone, C. (1997) Sandor Ferenczi: Forerunner of Modern Short-Term Psychotherapy. In *Journal of Analytic Social Work*, 4(3), pp. 23-41.
- Vieira, B. A. (2018). Considerações sobre as modificações de Ferenczi à técnica psicanalítica e os desenvolvimentos posteriores de Winnicott. *Cadernos de psicanálise (Rio de Janeiro)*, 40(38), 79-96
- Vieira, M. K. & Cruxên, O. S. (2015). De Ferenczi à Balint: o desenvolvimento da questão da análise didática. *Revista de Psicologia, Fortaleza*, 6(2), 95-106.
- Weininger, O. (1904). *Sex and Character*. NY: G. P. Putnam's Sons.